

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS – ESTUDOS DA LINGUAGEM**



Dissertação de Mestrado

**NARRATIVAS DOCENTES:
CONSTRUINDO E RECONSTRUINDO HISTÓRIAS**

Arlézia de Souza

Pelotas, 2015

ARLÉZIA DE SOUZA

**NARRATIVAS DOCENTES:
CONSTRUINDO E RECONSTRUINDO HISTÓRIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Letícia Fonseca Richthofen de Freitas

Pelotas, 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação:
Bibliotecária Aydê Andrade de Oliveira CRB - 10/864

S719n Souza, Arlécia de

Narrativas docentes: construindo e reconstruindo histórias. / Arlécia de Souza; Orientadora: Prof.^a Dr.^a Letícia Fonseca Richthofen de Freitas. – Pelotas, 2015.
173f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras. – Centro de Letras e Comunicação – Universidade Federal de Pelotas.

1. Narrativas Docentes. 2. Linguística Aplicada Indisciplinar. 3. Estudos Identitários. 4. Estudos das Narrativas. I. Freitas, Letícia Fonseca Richthofen de; orient. II. Título.

CDD 418

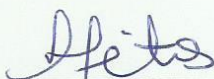
Arlézia de Souza

**NARRATIVAS DOCENTES:
CONSTRUINDO E RECONSTRUINDO HISTÓRIAS**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestra em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado, Área de Concentração Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Pelotas.

06 de julho de 2015

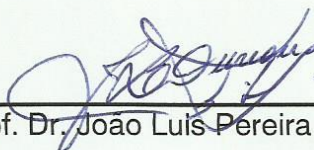
Banca examinadora:



Prof^a. Dra. Leticia Fonseca Richthofen de Freitas
Orientadora/Presidente da Banca
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Prof. Dr. Celso Vitelli
Membro da Banca
Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Prof. Dr. João Luis Pereira Ourique
Membro da Banca
Doutor em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria

Dedico esse trabalho...

Às entrevistadas, que tão generosamente colaboraram comigo narrando suas histórias.

À minha orientadora, por mim escolhida desde a primeira vez que com ela tive aula.

Às amigas, de profissão e de vida, apoiadoras essenciais em todos os momentos necessários.

À minha mãe e à minha irmã, mulheres de minha vida.

Agradecimentos

À Universidade Federal de Pelotas, que oferece um ensino gratuito e de qualidade.

A todos os participantes da banca avaliadora, que contribuíram grandemente compartilhando comigo seus conhecimentos.

À minha irmã, que colaborou em todos os momentos que sabia ser necessária.

As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocionar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso.

(Larrosa, 2002)

RESUMO

SOUZA, Arlécia de. **Narrativas docentes**: construindo e reconstruindo histórias. 2015. 173f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: 2015.

Esta dissertação analisa narrativas orais de docentes de Língua Portuguesa a partir dos questionamentos: *Como e por que te tornaste professor(a) de Língua Portuguesa? Como tu avalias, nesse momento, a questão “satisfação profissional” em relação a tua carreira docente? Qual ou quais contribuições tu achas que as aulas de Português podem trazer aos alunos contemporâneos? Para ti, como é ou como seria o processo ensino e aprendizagem de língua materna plenamente satisfatório?* A partir de tais indagações, esta pesquisa objetiva analisar, com base nas narrativas situadas, que discursos constituem, para esse pequeno grupo, a sua atividade docente. Justifica-se tal proposta uma vez que a educação contemporânea é criticada enfaticamente e os professores são apontados como principais responsáveis pelas problemáticas educacionais. As narrativas são aqui compreendidas como formas de discurso, que podem repetir e reforçar significados ou criar novos sentidos, constituindo assim identidades que são sempre múltiplas, plurais, fragmentadas. Entende-se ainda que a cultura abrange todos os aspectos que constituem uma sociedade, tendo sempre a linguagem como central, por isso passível de interpretação e problematização. O referencial teórico é fundamentado nos estudos da Linguística Aplicada Indisciplinar, Estudos Culturais, Estudos Identitários e Estudos das Narrativas, a partir de autores como: Costa (2000, 2002, 2003 e 2006), Fabrício (2006), Hall (1997), Moita Lopes (2001, 2009 e 2006), Pennycook (1998 e 2006), Sibilía (2012), Silva (1995 e 2000) e Veiga-Neto (1996, 2000 e 2003). As narrativas pesquisadas contribuíram para a compreensão de algumas problemáticas que têm constituído as instituições educacionais e para o entendimento de que o repensar e o problematizar devem ser processos contínuos. Ainda colaboraram para a reflexão do quão importante é a teoria estar fundamentada na prática, concebendo como vital a escuta dos docentes para uma melhor compreensão da educação contemporânea.

Palavras-Chave: Narrativas Docentes; Linguística Aplicada Indisciplinar; Estudos Culturais; Estudos Identitários; Estudos das Narrativas.

ABSTRACT

SOUZA, Arlécia de. **Teachers' Narratives**: constructing and reconstructing story. 2015. 173f. Dissertation (Language Master Degree) – Programa de Pós Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: 2015.

This dissertation analysis oral narratives of Portuguese teachers from the following questions: Why and how did you become a Portuguese Teacher? At this moment, how satisfy you are with your teaching career? What contributions do you think Portuguese classes bring to the current students? In your opinion, how should be the teaching-learning process of the native language to be considered fully satisfactory? From these questions, this research analyses, based on specific narratives, what are the speeches, to this small group, of your teaching activity. This proposal is justified because contemporary education is strongly criticized and the teachers are considered responsible for the educational problems. These narratives should be comprehended like ways of speech, that can repeat, reinforce or create new meanings, considering multiples, plural, fragmented views. It should be understood that the culture is made by all aspects that constitutes a society, having the language in its center, so it depends on interpretation and problematization. The theory reference is based on studies of the Applied Linguistics Indisciplinary, Cultural Studies, Identity Studies and Narratives Studies, from authors like: Costa (2000, 2002, 2003 and 2006), Fabrício (2006), Hall (1997), Moita Lopes (2001, 2009 and 2006), Pennycook (1998 and 2006), Sibilía (2012), Silva (1995 and 2000) and Veiga-Neto (1996, 2000 and 2003). The researched narratives contributed to the comprehension of some issues of the educational institutes e for the understanding the rethink and problematize should be continuous processes. They still contributed to the understanding of how important is the theory be based on the reality, being vital listening to the teachers for a better comprehension of the contemporary education.

Keywords: Teachers' Narratives; Applied Linguistics Indisciplinary; Cultural Studies; Identity Studies; Narratives Studies.

Sumário

Apresentação	11
1 Docente e Pesquisadora: narrativas que dialogam	18
2 Linguística Aplicada Indisciplinar e os Estudos Culturais	24
3 Estudos Identitários e os Estudos das Narrativas.....	37
4 “A escola tem futuro?”.....	48
5 Narrativas Docentes Contemporâneas.....	63
5.1 Como e por que te tornaste professora de Língua Portuguesa?.....	69
5.2 Como tu avalias, nesse momento, a questão “satisfação profissional” em relação a tua carreira docente?	74
5.3 Qual ou quais contribuições tu achas que as aulas de Português podem trazer aos alunos contemporâneos?	86
5.4 Para ti, como é ou como seria o processo ensino e aprendizagem de língua materna plenamente satisfatório?	96
6 Considerações sobre as narrativas	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
APÊNCICES.....	113
Apêndice A – Termo de consentimento para coleta de entrevistas	114
Apêndice B – Guia de entrevista.....	115
Apêndice C – Ficha de dados pessoais dos entrevistados	116
Apêndice D – Respostas da entrevistada Antônia	117
Apêndice E – Respostas da entrevistada Bruna.....	122
Apêndice F – Respostas da entrevistada Ju.....	137
Apêndice G – Respostas da entrevistada Psiquê	146
Apêndice H – Respostas da entrevistada Rai.....	160
Apêndice I – Repostas da entrevistada Zia.....	166

Apresentação

[...] os processos identitários [...] são tantos quantos forem os contextos nos quais os indivíduos se encontrem imersos, influenciando-os e sendo por eles influenciados. [...] identidades, no plural, fragmentadas, múltiplas e em processo, porque altamente dependentes de aspectos contextuais [...]. (FABRICIO e BASTOS, 2009, p. 41)

Sendo objeto de pesquisa deste trabalho a análise de narrativas docentes e sendo uma justificativa para essa escolha o fato de que eu sou professora atuante em sala de aula, dedicarei esse primeiro texto a narrar algumas histórias que me levaram a exercer a profissão docente. Acredito que essa retomada da forma como venho me constituindo profissionalmente contribui para a reflexão de algumas problemáticas educacionais e para evidenciar como identidade é algo que está sempre sendo reconstituído.

Para começar a tecer as minhas narrativas, escolhi a citação de Fabrício e Bastos e, antes de começar a narrar, refleti como, até então, a minha ideia sobre identidade foi sempre tão “inocente”: pensava identidade como algo único, imutável, que durante toda a vida permanecia da mesma forma. Na escola, como professora, muitas vezes dialoguei com os alunos sobre as diferentes identidades, mas nunca pensando nelas como em permanente mudança, nunca pensando que dizer aos alunos que respeitar as diferenças não é suficiente, é preciso problematizá-las, desnaturalizá-las. Silva (2000, p. 92) argumenta sobre a importância de a escola ser capaz de ofertar oportunidades para que o seu público desenvolva capacidades críticas e questione os sistemas e as formas dominantes de representação da identidade e da diferença. Portanto, reconhecer que há diferenças e que é preciso respeitá-las não é o bastante, porque também é de extrema importância que tenhamos a capacidade crítica de refletir, de indagar as identidades, as

diferenças que o tempo todo são representadas, o porquê e como essas constituições se dão.

Pela primeira vez, narrarei como fui me constituindo identitariamente sem a preocupação de narrar a verdade, de não me contradizer, de não esquecer fatos importantes, porque, neste momento, compreendo que o que farei aqui é a narrativa de uma identidade dentre as muitas que me constituem e que nesse contexto me parece a mais adequada, a mais pertinente, mas que sem problemas, daqui a alguns minutos poderei estar conversando com uma pessoa qualquer e reconstituindo a minha identidade de maneira totalmente diferenciada e nada haverá de verdadeiro ou falso nessa reconstrução, pois as identidades são múltiplas, estão em processo o tempo todo e não há nada de negativo nisso. Sendo assim, as próximas linhas são uma constituição de uma identidade que nesse contexto me pareceu apropriada.

Nascida e criada no interior de uma cidadezinha também do interior, encantava-me com a professora que vinha da cidade para ministrar aulas no meu pequeno colégio. Classe multisseriada, uma única professora exercendo todas as funções de que a escola necessitava – professora, diretora, faxineira, cozinheira e o que mais fosse necessário – eu a achava uma heroína e pensava que gostaria de também exercer aquela profissão futuramente (obviamente, hoje eu considero uma heresia uma professora exercer todas aquelas funções). Quando eu voltava para casa, com pedaços velhos de tábuas e cacos de carvão, simulava um quadro-negro com giz e brincava que eu era a professora de uma porção de alunos existentes na minha imaginação.

Após concluir o ensino fundamental, para continuar estudando precisava optar por cursar o Magistério ou Contabilidade, duas únicas possibilidades de ensino médio que havia na cidade mais próxima de onde eu morava. Além de sempre ter tido muitos problemas para obter aprovação em matemática, o que tornaria o curso de Contabilidade um “terror”, a brincadeira de ser professora ia tornando-se cada vez mais uma vontade contínua, o que me deixou convicta de que cursar Magistério seria muito proveitoso.

Então cursei o Magistério e, ao mesmo tempo em que estudava, também comecei a trabalhar na prefeitura local, em um projeto chamado “Bom Guri”, que empregava adolescentes a partir dos 14 anos para exercer funções auxiliares. A partir dessa oportunidade, comecei a trabalhar como Auxiliar de

Educação Infantil e, desse momento em diante, todas as minhas funções profissionais foram vinculadas à Educação.

Poucos anos mais tarde, fui para um cursinho pré-vestibular e sabia que queria fazer alguma licenciatura, mas não sabia qual. No decorrer das aulas, o encantamento pelo professor de Português e pelo professor de Literatura tomaram conta de mim, o modo de ensinar deles era tão diferenciado que as aulas pareciam abordar conteúdos que eu nunca havia estudado e não uma mera revisão como objetiva um pré-vestibular. A maneira como tais conteúdos eram ministrados me “prendiam” a atenção de tal forma que dentro de pouco tempo tive certeza de que queria cursar Letras e seguir o exemplo daqueles professores por mim tão admirados.

Cursei Letras-Português na Universidade Federal do Rio Grande, FURG, sem nunca ter deixado também de trabalhar, pois minha família não tinha condições de manter uma adolescente que fosse apenas estudante. Sempre foi difícil, porque tinha pouco tempo para estudar fora de sala de aula, trabalhava o dia inteiro em Pelotas para estudar à noite em Rio Grande, cidade vizinha. Ainda assim, concluí minha graduação nos quatro anos mínimos. Por ter conseguido boas notas durante o curso, recebi a oportunidade de estagiar em um curso de extensão da universidade que oferecia aulas gratuitas de redação para pessoas que almejavam prestar o vestibular. A oportunidade era exatamente o que eu buscava, e dela também nasceu e cresceu a vontade de, concluindo a graduação, ministrar aulas em cursinhos preparatórios para vestibulares.

Após formada, pedi demissão do meu serviço que, naquele momento, era de professora de Educação Infantil, e em pouco tempo consegui uma vaga e passei a trabalhar em cursinhos preparatórios para vestibulares e concursos, exatamente como almejei. Foi uma função extremamente enriquecedora profissionalmente, pois exigia muito estudo, muita preparação. Na maioria dos casos, os alunos eram muito dedicados à aprendizagem, pois concorriam com muitos candidatos e almejavam muito conseguir uma vaga, alguns em alguma universidade, outros em algum concurso público.

Conjuntamente, fiz especialização em Leitura e Produção Textual na Universidade Federal de Pelotas/UFPel, porque ser aluna para mim sempre foi uma necessidade tão importante quanto ser professora e sempre me empenhei

para conciliá-las. Um tempo mais tarde, resolvi começar a fazer concursos públicos para ter um serviço mais estável e, mais ou menos um ano depois, ingressei como professora da rede municipal de ensino, primeiramente de Rio Grande e depois também de Pelotas.

Quando surgiu a oportunidade de ingressar em um mestrado, foquei meus objetivos nessa realização. A primeira oportunidade no mestrado surgiu como aluna especial em duas disciplinas: *Línguas em Contato e Linguagem, Texto e Ensino*. E contrariando qualquer expectativa, já que para mim o conteúdo programático de Linguagem, Texto e Ensino era algo completamente incomum e eu me sentia muito “confortável” com o comum, apaixonei-me pela disciplina, desconstruindo todas as minhas verdades até então inquestionadas. Parafraseando Moita Lopes (2006, p. 22), comecei a “ver o mundo por um novo par de óculos” e tomei a decisão de ser pesquisadora dessa área tão desafiadora, pós-moderna e instigante.

O fato de sempre ter tido de conciliar estudos e trabalho hoje é considerado por mim como algo mais positivo do que negativo. Como positivo, acentuo o ponto de que, atualmente, sou professora da rede municipal de duas cidades vizinhas e todas essas responsabilidades trouxeram experiências que certamente são muito valiosas tanto para minha identidade docente quanto para minha identidade pesquisadora, porque estudo a teoria sempre relacionando-a às minhas práticas, aos meus saberes, às minhas narrativas. Como negativo, acentuo o fato de, por já ter uma “pequena caminhada” em educação, também ter passado a conhecer e a fazer parte de muitas problemáticas, muitos desafios da escola contemporânea que dão uma certa desesperança a muitos docentes da atualidade.

A partir das minhas narrativas docentes aqui explicitadas e do que eu avalio que elas tenham acarretado para mim de positivo e de negativo é que surgiu esta pesquisa – *Narrativas docentes: construindo e reconstruindo histórias*. Já que há tantos discursos negativos sobre a educação contemporânea e os docentes são tidos como os protagonistas desse fracasso, vamos deixá-los falar, vamos deixá-los narrar as histórias que constituem suas vidas pessoais e profissionais.

Considero relevante também deter-me um momento na questão do uso da primeira pessoa do discurso, eu, utilizado nesse trabalho, já que é algo

bastante improvável de se encontrar em textos acadêmicos. Quando li pela primeira vez uma dissertação escrita em primeira pessoa, considerei maravilhosa a oportunidade de assim escrever a minha, porque a escrita impessoal sempre me causou incômodo, principalmente quando cursei a Especialização, que foi o primeiro momento que tive que escrever um trabalho extenso sendo impessoal.

Quando ingressei no mestrado, essa necessidade da escrita impessoal já estava dentro de mim admitida, embora não apreciada, até que no decorrer da disciplina com a minha orientadora percebi que há sim textos acadêmicos que já ousam transgredir essa tradição acadêmica e escrever em primeira pessoa. Zavala (2010, p. 72 e 74) relata em seu texto algumas entrevistas realizadas com uma estudante universitária, Paula, de aproximadamente quarenta e cinco anos, nascida em uma comunidade campesina, falante de quechua nos Andes peruanos. Tais entrevistas discorrem sobre o tema letramento acadêmico, sobre o qual a estudante explana um posicionamento crítico dificilmente percebido e que vem ao encontro do que penso sobre a impessoalidade na escrita. Paula faz uma comparação da escrita acadêmica com o atravessamento de um rio, dizendo:

A escrita acadêmica é ninguém. Como pode ser esse ninguém? Esse ninguém, às vezes, indolente, mas visando a um tema, esse ninguém, às vezes, 'não me meto', mas estou falando sobre tal coisa, estou questionando, mas estou longe. Como pode ser esse ninguém e conscientemente? Gosto de toda sua colocação, mas que pena me dá que se distancie. Eu não me meto, mas eu questiono, isso são os textos acadêmicos. Como eu gostaria de sentir que [o autor] também está ali. Como podemos falar de passar o rio e nos preocupar se os outros vão se molhar ou não vão se molhar, mas eu não estou em nenhuma das possibilidades, nem de me molhar, nem de não me molhar. Mas estou discutindo o tema, como vão passar. Não é o sujeito que se mete nisso. (ZAVALA, 2010, p. 78 e 79)

Os sentimentos expressos na citação de ter dó do distanciamento, de ter o sentimento de estar passando em um rio e paradoxalmente não se molhar nem deixar de se molhar foi por mim compartilhado na sua plenitude. Toda vez que eu era compelida a escrever de tal forma sentia-me fazendo algo necessário aos meus objetivos acadêmicos, mas que não causava em mim o orgulho almejado.

A visão pós-moderna, tomada como base nas teorias aqui defendidas, questiona, repensa as pesquisas acadêmicas, indagando a quem elas têm servido, quais contribuições têm dado à sociedade. A liberdade de transgredir responsabilmente um pouco as regras ousa mostrar que é preciso desacomodar, não necessariamente renunciando a tudo que até então foi tido como modelo, mas sim permitindo que novas ideias possam vir a ser somadas, que novas formas de fazer possam ser experienciadas. Identificar-se em primeira pessoa, expor as minhas ideias, utilizar autores contemporâneos, são algumas transgressões que fazem parte desse trabalho, não pela rebeldia do infringir, mas pela percepção de que a pesquisa acadêmica necessita iminentemente repensar seus modelos.

Após as ponderações recém expostas, sigo apresentando a estrutura da minha dissertação: meu objeto de pesquisa foi a análise de seis entrevistas feitas a docentes de Língua Portuguesa, partindo da ideia de que é a partir da linguagem e da produção de significados que as pessoas passam a constituir-se. A linguagem foi observada através dos discursos evidenciados nas narrativas que as docentes produziram motivadas pelas perguntas guias.

No capítulo a seguir, “Docente e Pesquisadora: narrativas que dialogam”, traço um elo entre a apresentação, em que narrei histórias que tem me constituído no decorrer da vida profissional, e o capítulo posterior, em que explico de que forma a minha história docente veio a me constituir como pesquisadora. Discorro brevemente sobre as problemáticas educacionais, das quais eu também faço parte, e justifico meu objeto de pesquisa. Ainda cito as teorias que serão utilizadas como base, meus objetivos com esse trabalho e explico de que forma minha pesquisa foi elaborada.

Passando ao segundo capítulo, “Linguística Aplicada Indisciplinar e os Estudos Culturais”, explano sobre essas duas abordagens teóricas e elucido de que forma elas serão utilizadas em minha pesquisa. Ressalto a importância de relacioná-las e de que entendê-las conjuntamente é essencial, visto que a visão teórica aqui adotada é de ir além da disciplina da minha área de formação e mostrar como a relação entre diferentes áreas é fundamental para uma pesquisa engajada com as práticas sociais.

“Estudos Identitários e os Estudos das Narrativas” é o título do terceiro capítulo, em que, seguindo as mesmas premissas apresentadas ao capítulo

anterior, argumento sobre a escolha de analisar identidades docentes a partir das narrativas dos mesmos.

Em seguimento, o quarto capítulo, “A escola tem futuro?” abarca diferentes opiniões de professores e pesquisadores sobre a instituição escolar, partindo da perspectiva de que é preciso observarmos as problemáticas sociais de diferentes ângulos, diferentes olhares; compreendendo que todos são igualmente relevantes para mapearmos o cenário escolar atual. Afinal, se a pesquisa aqui proposta ouve narrativas docentes contemporâneas, certamente é porque há uma preocupação com o futuro que a escola pode ter se não problematizarmos o presente.

Concluindo esse trabalho, o quinto capítulo, “Narrativas Docentes Contemporâneas” apresenta quatro subcapítulos (cada um correspondente a uma das perguntas de pesquisa), nos quais apresento uma análise das narrativas docentes aqui pesquisadas, relacionando as teorias adotadas com as identidades traçadas. Para tanto, apresento excertos das narrações das seis professoras entrevistadas, em que elas contam como e porquê se tornaram professoras de Língua Portuguesa; qual avaliação atual fazem da questão satisfação profissional. Ainda narram qual ou quais contribuições acreditam que as aulas de português podem trazer aos alunos contemporâneos e finalizam narrando como é ou como seria para elas um processo de ensino e aprendizagem de língua materna plenamente satisfatório.

1 Docente e Pesquisadora: narrativas que dialogam

Partindo das minhas vivências enquanto docente e dos discursos repetidamente ouvidos sobre as problemáticas educacionais, é significativamente perceptível o número elevado de professores desestimulados, cansados e inconformados com a postura “indisciplinada” dos alunos na sala de aula; com o “descaso” dos discentes nas atividades propostas, nos estudos, entre tantas outras dificuldades. Com um labutar tão fatigante, também tornou-se comum que, em atividades de formação docente, os professores sintam necessidade de contar suas experiências, de expor aos outros as dificuldades encontradas. Entretanto, são poucas as oportunidades em que os educadores podem narrar suas histórias pessoais e profissionais, narrativas que eles julgam importantes, mas que dificilmente podem ser contadas, pelo ritmo de trabalho acelerado que o sistema educacional impõe e, muitas outras vezes, pela falta de interesse de muitos segmentos em ouvi-los. É tão comum que em cursos de formação continuada os formadores reclamem do fato de os docentes sempre contarem histórias “lamurientas” sobre sua prática.

Foi dessas angústias e da falta de oportunidade para dialogar sobre essas angústias que começou a nascer o meu tema de dissertação de mestrado. Não conseguiria me engajar em uma pesquisa que não contribuísse para a prática docente, para compreender um pouco melhor o que acontece com os professores contemporâneos, visto que eu também sou parte desses. Moita Lopes (2006, p. 31), ao falar sobre os aspectos que constituem a Linguística Aplicada Indisciplinar, ressalta a importância de:

[...] uma LA que explode a relação entre teoria e prática, porque é inadequado construir teorias sem considerar as vozes daqueles que vivem as práticas sociais que queremos estudar; mesmo porque no mundo de contingências e de mudanças velozes em que vivemos a prática está adiante da teoria [...].

Essa citação concilia de forma muito satisfatória o meu desejo enquanto pesquisadora com as teorias pós-modernas abarcadas no mestrado, pois como docente eu sempre almejei continuar estudando, mas o estudo, para realmente me causar interesse, precisava estar vinculado às minhas práticas. Nesse sentido, lendo Moita Lopes (2006), percebi que há alguns campos de saberes que almejam ir além da relação teoria e prática, que reconhecem a importância de que, para haver construção de teorias, é necessário que haja antes a vontade de ouvir os indivíduos que vivenciam as práticas sociais sobre as quais desejamos falar. Concordo com a ideia do autor no sentido de que não é mais suficiente que pessoas escrevam, teorizem sobre problemáticas sociais, sem jamais ter feito parte delas, sem jamais ter escutado quem faz parte delas ou algumas vezes até tenham escutado respostas a suas perguntas fechadas e limitadas, mas não realmente oportunizando um novo olhar.

Escritores como Moita Lopes (2001 e 2006), Fabrício (2006), Hall (1997) e Pennycook (1998) serão alguns dos aqui utilizados para a defesa das abordagens teóricas explanadas. São elas: Linguística Aplicada Indisciplinar, Estudo das Narrativas, Estudos Culturais e Estudos Identitários. Relacionar essas teorias não é uma tarefa simples, ao contrário, é uma tarefa bem árdua, principalmente porque eu, assim como a maioria dos acadêmicos, ainda estamos muito acostumados a fazer pesquisa somente restrita a nossa área de formação. No entanto, aceitei esse desafio de ir além na minha pesquisa, entendendo que na área educacional essa abertura a uma (ainda) nova maneira de fazer pesquisa pode trazer resultados muito positivos, afinal, a educação perpassa tudo, nenhuma área isolada pode contemplar o todo.

Como meu objeto de pesquisa foram as narrativas docentes, é nos Estudos das Narrativas que me baseiei para analisá-las, considerando que as mesmas não são apenas meras histórias pessoais e/ou profissionais, mas que através delas constroem-se os discursos e a partir de tais discursos podemos compreender melhor as identidades docentes, vitais para compreendermos as problemáticas educacionais por ângulos diferenciados e necessários. Os

Estudos Culturais são essenciais nessas relações do narrar, do constituir discursos, do buscar identidades, porque conforme Hall (1997, p. 16) ressalta “os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentidos.” Dessa forma, se queremos entender as problemáticas sociais e educacionais, é fundamental compreendermos os sujeitos que as integram.

Sendo minha formação na área da Linguística, muitos podem indagar o que os Estudos Culturais fazem em minha pesquisa, então argumento que a Linguística Aplicada Indisciplinar tem como um dos seus principais objetivos ir além da pesquisa apenas na área de formação. Para a LA Indisciplinar todas as áreas do conhecimento são igualmente importantes e relacioná-las é vital.

É importante ressaltar que pretendi engajar esse estudo conforme Pennycook (1998, p. 44 e 45) salienta:

[...] uma problemática que pretenda revelar práticas sociais como formas de ação e de significado produzidas e reguladas [...] ter um elemento autorreflexivo que permita abordar o caráter situado da pesquisa estando ela localizada em determinadas formas históricas e institucionais particulares [...] ir além das preocupações meramente hermenêuticas, em favor de um projeto emancipatório.

Para tanto, parti então da problemática de que os docentes, na maioria das vezes, não têm oportunidade de se narrarem, e meu objeto de pesquisa foi justamente as narrativas docentes compreendidas aqui como constituidoras de significados que produzem o que costumamos denominar realidade. A partir das narrativas considere possível mapear alguns dos discursos que constituem, de alguma forma, as identidades do grupo de docentes pesquisado. Desse modo, certamente havendo a representação de tantas outras identidades docentes, pois a linguagem não é constituída isoladamente, mas sim retoma uma série de discursos vigentes em um contexto específico.

Desse modo, apliquei um questionário semiestruturado que serviu apenas como guia das narrações, mas a intenção foi permitir que as docentes se sentissem plenamente à vontade para contar todas as narrativas que julgassem pertinentes. As narrativas foram coletadas na residência da entrevistada¹ ou em outro lugar que a colaboradora considerou mais

¹ Todas as entrevistadas foram mulheres, por isso a concordância sempre aparece no feminino.

conveniente, como a minha residência ou o local de trabalho da entrevistada. As perguntas e respostas aconteceram em um ambiente de conversa, onde outras variadas perguntas surgiram em meio ao diálogo, assim como respostas que iam além da pergunta inicial foram bem vindas. Ao total foram analisadas seis narrativas de docentes que estavam em sala de aula e que se mostraram dispostas a colaborar com essa pesquisa. Previamente planejado em relação aos perfis das colaboradoras, elas apresentavam algumas diferenças entre umas e outras: tempo de trabalho, rede em que atuavam, formação. Foi gravado o áudio das entrevistas, após prévia autorização de cada docente, e a transcrição foi realizada posteriormente por mim.

Conforme as professoras iam constituindo suas narrativas, eu procurava fazer outras perguntas que me ajudassem a tirar o máximo de proveito das histórias. Também tentei sempre estimular o desenvolvimento da narrativa como forma de valorizar o que estava sendo contado.

Meu objetivo geral foi então analisar as narrativas docentes, mapeando, assim, percepções acerca do ensino de língua materna frente ao atual cenário de escola moderna e suas transformações. Visto que o sistema educacional tem sido constituído por muitos discursos pejorativos, procurei analisar quais os discursos que estão sendo reproduzidos sobre as aulas de Português e como esses discursos refletem o todo educacional.

A partir do objetivo geral também foram objetivos específicos: possibilitar a construção e reconstrução das identidades docentes através do ato de narrar; mapear a construção e reconstrução das identidades docentes a partir das histórias narradas pelas professoras, não buscando respostas para as problemáticas educacionais, mas mapear para problematizar, para repensar qual ou quais discursos estão constituindo os professores de língua materna. Também objetivei problematizar o ambiente educacional e suas transformações, partindo das narrativas das professoras, das percepções que elas têm sobre o tempo de trabalho docente, sempre relacionando narrativas, identidades e culturas inseridas nas práticas discursivas.

Sendo assim, parti das questões norteadoras: *Quais identidades docentes podem estar sendo constituídas no recorte dessa pesquisa?* e *Quais narrativas podem estar constituindo tais identidades?* Essas questões objetivaram, a partir de narrações de seis professoras, trazer uma pequena

mostra de algumas possíveis constituições docentes da cidade de Pelotas, diversificando escola pública e escola particular.

Costa (2002, p. 153) ao discorrer sobre pesquisa acadêmica afirma:

A neutralidade da pesquisa é uma quimera. Pergunte-se permanentemente a quem interessa o que você está pesquisando. A pesquisa científica está sempre a serviço de algo ou de alguém. Os saberes são produzidos obedecendo a regimes de verdade que seguem regras específicas de acordo com a racionalidade de uma época. Estas racionalidades são radicalmente históricas e correspondem a interesses situados e datados. Não existe produção de saber fora dos jogos do poder.

Quando metaforicamente a autora considera que a neutralidade da pesquisa é uma ilusão, um devaneio, eu saliento que antes mesmo da pesquisa começar a ser escrita – quando escolho teorias, objeto de pesquisa, metodologia, entre outros – já há um posicionamento que evidencia minhas escolhas, meus interesses. Fazer pesquisa com professoras de língua materna partindo de teorias pós-modernas explicita, entre tantas outras coisas, um interesse em questionar, em problematizar, em repensar os problemas que a escola contemporânea atravessa.

A neutralidade da mesma forma é utópica, já que como pesquisadora também deixo evidente a minha decisão de pesquisar docentes, por igualmente ser uma delas, o que faz de mim uma investigadora totalmente inserida e implicada em meu estudo. Quando apuro as linguagens que têm constituído a escola e os docentes em relação aos problemas educacionais, também sou parte desse todo, também me posiciono frente aos jogos de poder que para mim são convenientes.

No entanto, não procurei, para tais questões, nenhuma solução até então não descoberta, nem procurei ouvir verdades ainda não escutadas: nessa pesquisa busquei apenas priorizar a narrativa de um pequeno grupo de docentes, talvez por também ser uma docente, talvez porque as linguagens que tenho usado para me constituir também me causam desconforto; certo é que não há nada de neutro nessas escolhas, não há nada de inofensivo, nem de maléfico. Sou uma docente de língua materna e uma pesquisadora da área de estudos da linguagem e me posiciono francamente a favor de teorias que têm repensado a forma de fazer pesquisa acadêmica e que têm concebido a

linguagem não como forma de representação da realidade, mas sim como constituinte e constituidora das realidades, possibilitando assim que as identidades possam ser reconstruídas o tempo todo, que desconfiemos das verdades o tempo todo, porque, como afirma Veiga-Neto (2003, p. 13), “Não se chega *lá no mundo*, não porque como humanos sejamos limitados mas simplesmente porque aquilo que chamamos de lá [...] constitui-se justamente a cada momento em que nele e dele se fala”.

Em resumo, finalizo o presente capítulo sublinhando que parti das problemáticas educacionais para justificar a minha pesquisa, sustentando-a em bases teóricas engajadas em aliar teoria e prática e em repensar os modos de produzir conhecimento científico. Ainda explicito como a pesquisa foi coletada; quais os objetivos que pretendi alcançar nesse trabalho, evidenciando sempre meus engajamentos pessoais e profissionais em todas as escolhas aqui tomadas.

No capítulo a seguir, tratarei mais detalhadamente sobre as teorias Linguística Aplicada Transdisciplinar e os Estudos Culturais, procurando discursar sobre a importância delas para o alcance dos objetivos aqui propostos. Levando em consideração sempre que todas as teorias aqui explanadas têm igual relevância e é vital que sejam consideradas conjuntamente.

2 Linguística Aplicada Indisciplinar e os Estudos Culturais

Por que Linguística Aplicada Indisciplinar? O que é Linguística Aplicada Indisciplinar? Para responder a essas perguntas e justificar as minhas escolhas teóricas é preciso contar um pouco da história da Linguística e da Linguística Aplicada, já partindo da premissa de que compartilho a ideia de que é preciso repensar, é preciso romper com muitas verdades, é preciso ousar, inovar as práticas acadêmicas.

Rajagopalan (2006, p. 150) adverte “[...] a linguística – dita teórica ou descritiva, tal qual vem sendo promovida nos dias de hoje nos círculos apelidados de ‘*mainstream*’ – está em lamentável estado de falência múltipla.” A partir da personificação exposta já temos uma ideia da resposta às perguntas iniciais: se algo está prestes a “morrer”, é preciso tentar salvar essa vida, e a Linguística Indisciplinar² propõe algumas alternativas, como veremos adiante.

Moita Lopes (2009) relata que a LA, Linguística Aplicada, começou dando enfoque à área de ensino/aprendizagem de línguas, após os avanços que a Linguística alcançou como ciência no século XX, e estabelecendo-se como estudo científico do ensino de línguas estrangeiras. Nos anos 60 do mesmo século, passa a abarcar também a questão da tradução. Então aplicava-se Linguística para a descrição de línguas e para o ensino de línguas estrangeiras. Assim iniciou-se a LA.

No final dos anos 1970, acontece a primeira virada Linguística com o trabalho de Widdowson, surgindo a diferenciação entre LA e aplicação de Linguística. Colocando-se como linguista aplicado, Widdowson tece críticas à

² Linguística Aplicada Indisciplinar é a nomeação adotada por Moita Lopes. Penycook (2006) opta pelos termos Antidisciplinar ou Transgressiva e Fabrício (2006) utiliza a expressão LA da Desaprendizagem.

vertente aplicacionista. Para ele era necessário uma restrição da LA a contextos educacionais e uma teoria linguística para que a LA fosse independente (MOITA LOPES, 2009). A segunda grande virada na LA acontece quando se abandona a ideia de trabalhar somente com ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras (predominantemente inglês) e com tradução e começa a haver um interesse pela pesquisa em contextos de ensino e aprendizagem de língua materna, no campo dos letramentos e em outros contextos institucionais, como empresa, delegacia, etc (MOITA LOPES, 2009).

Os estudos de Vygotsky e Bakhtin foram essenciais no entendimento dessa segunda virada, pois a linguagem passa a ser entendida como instrumento de construção do conhecimento e da vida social - mudança percebida no Brasil a partir dos anos 90. Então a LA passa a centrar-se na resolução de problemas da prática de uso da linguagem dentro e fora da sala de aula.

Para Chomsky, a Linguística só poderia ser considerada uma ciência verdadeira se conseguisse atingir uma adequação explanatória, ou seja, se tivesse princípios mais abstratos e pouco importava se os leigos iriam entender o que dizia um linguista ou não. Compreender os mistérios da mente humana era o grande objetivo (RAJAGOPALAN, 2006).

Rajagopalan (2006, p. 153) também relata que para os cientistas da linguagem daquela geração, as línguas humanas não eram consideradas por si só como objetos tão fascinantes. Chomsky chegou a declarar: “[...] a língua é um conceito derivado e algo não tão interessante”.

Jerrold Katz, ex-discípulo de Chomsky, defendeu a ideia de que a Linguística devia ser vista como um ramo da matemática, argumentou que a semântica deveria se preocupar com sentenças totalmente desprovidas de qualquer contexto, promovendo o conceito de “contexto nulo” comparando-o assim a conceitos de “vácuo perfeito” e “plano sem fricção” em física (RAJAGOPALAN, 2006).

No início da década de 1990, objetivando a cientificidade, as teorias tornavam-se cada vez mais abstratas, formais, longínquas da realidade. Havia uma ideia de que o cientista da linguagem deveria se manter distante da opinião dos leigos, pois não teria fundamento o linguista investir tempo ouvindo opinião dos falantes se ele era o detentor do saber. O descaso com a opinião leiga,

com o social fixou forte característica da linguística moderna. Ainda quando a questão social era usada, era como se ela fosse um acréscimo a considerações já realizadas (RAJAGOPALAN, 2006).

Felizmente, o tempo em que se acreditava que a teoria deveria determinar a prática vem perdendo cada vez mais espaço. Há um consenso de que se a teoria não contemplar a prática ela não tem nenhum proveito. A teoria precisa ser moldada a partir da prática e não o contrário. Pesquisadores em Linguística Aplicada corroboram a ideia de que não é mais possível atuar simplesmente na mediação entre uma Linguística feita à margem dos anseios populares e outra que implora por soluções práticas, mas sim é de extrema urgência intervir nos problemas linguísticos constatados, teorizando a linguagem de acordo com eles. A Linguística Aplicada precisa deixar de esperar que alguém lhe forneça algo pronto e acabado, pronto para ser aplicado, praticado. (RAJAGOPALAN, 2006)

Sob a perspectiva de uma visão pós-moderna, a Linguística Aplicada passou a ser vista não como um conhecimento disciplinar, mas, ao contrário, como indisciplinar, antidisciplinar, transgressiva. Tais definições objetivam ir além da delimitação de uma disciplina, além do que conhecíamos como interdisciplinaridade, em que as disciplinas eram estáticas e tentávamos algumas aproximações entre uma e outra. Pennycook (2006, p. 73) ressalta que:

[...] o trabalho interdisciplinar deve ser entendido não como se estivéssemos sentados à mesa da LA com um menu fixo e escolhendo o que comer (devemos começar com uma tigela de linguística e, a seguir, tentar psicologia como prato principal?), mas, ao contrário, como se estivéssemos naquele momento em um restaurante quando se está examinando o menu e um prato quente e aromático voa em nossa frente nas mãos de um garçom e me pergunto: o que estão comendo? Interdisciplinaridade tem a ver com movimento, fluidez e mudança.

A metáfora de Pennycook ilustra bem o que deveria ser o trabalho interdisciplinar, no entanto, como professora, até então, vivenciei práticas muito diferenciadas da teoria aqui defendida. Toda vez que na escola, por exemplo, se projeta um trabalho interdisciplinar, os professores se reúnem, acordam sobre um tema em comum e cada docente planeja atividades da sua disciplina, ou seja, vão escolhendo “pratos” para um tema em comum, mas o

conhecimento continua dividido, estático, sem dinamização. Por isso, os termos “indisciplinar, antidisciplinar ou transgressivo” evidenciam mais claramente a ideia de romper com o disciplinar, de entender o conhecimento como dinâmico, como em constante movimento, como transgressivo, porque rompe com o tradicional para vivenciar outras possibilidades.

Sendo assim, nessa pesquisa, busco trabalhar conjuntamente a Linguística Aplicada Indisciplinar com o Estudo das Narrativas, os Estudos Culturais e os Estudos Identitários, exatamente pelo entendimento de que:

[...] a LA precisa dialogar com teorias que têm levado a uma profunda reconsideração dos modos de produzir conhecimento em ciências sociais (cf. Signorini, 1998b), na tentativa de compreender nossos tempos e de abrir espaço para visões alternativas ou para ouvir outras vozes que possam revigorar nossa vida social ou vê-la compreendida por outras histórias (MOITA LOPES, 2006, p. 23).

Por conseguinte, ratifico aqui a preocupação em transgredir, em repensar, em problematizar o conhecimento moderno que vem sendo produzido e tido como verdade na área da linguística. Buscando, com base em teorias pós-modernas, relacionar campos de conhecimento que aparentemente podem parecer desconexas.

Para uma melhor compreensão do que difere o conhecimento moderno do pós-moderno na área da Linguística aplicada, é válido a análise de algumas características: a LA associada ao modernismo entende a linguagem como um sistema. A investigação do uso da linguagem é realizado de forma descontextualizada e descorporificada, evitando a questão da ideologia linguística. Ainda quando trata questões referentes à linguagem e à sociedade, não leva em consideração, por exemplo, a desigualdade social e o poder. Em síntese, a LA modernista procura preservar as macroestruturas da dominação linguística e cultural (KUMARAVADIVELU, 2006).

Já a filosofia pós-moderna exalta a diferença, desafia as hegemonias, caminha em direção de alternativas de expressão e interpretação; procura desconstruir os discursos dominantes, indagando problemáticas como ideologia, poder, conhecimento, classe, raça, gênero. É preciso ir além da linguagem como sistema e passar a concebê-la como discurso (KUMARAVADIVELU, 2006).

Seguindo Foucault, a linguagem é entendida como um dentre vários outros organismos, que constituem o discurso. O texto, então, é caracterizado como tal, não pelos traços linguísticos que apresenta, mas porque é gerado pelas formações discursivas. (KUMARAVADIVELU, 2006, p. 40).

O autor ainda enfatiza:

Nenhum texto é inocente e todo texto reflete um fragmento do mundo em que vivemos. Em outras palavras, os textos são políticos porque todas as formações discursivas são políticas. Analisar texto ou discurso significa analisar formações discursivas especialmente políticas e ideológicas por natureza.

Como bem colocado por Veiga-Neto (2006), não é pretensão, nem objetivo que o pensamento pós-moderno traga fórmulas salvadoras para resolvermos nossos problemas atuais, mas é pretendido, sim, contribuir para que cada docente não aceite de forma automática e silenciosa os discursos que têm sido repetidos há mais de duzentos anos, sustentando o mundo moderno e de certa maneira reforçando o autoritarismo e a dominação étnica, religiosa, racial entre outras.

Muitas teorias têm questionado e repensado essas questões, propondo que sim, que o conhecimento acadêmico rompa com o conhecimento fragmentado e ouse relacionar a sua área a outras tantas quanto possíveis. Porque, por exemplo, as problemáticas educacionais e as problemáticas sociais não podem ser resolvidas por apenas uma área do conhecimento, é preciso ir além, é preciso reunir áreas, tendo ciência de que nenhuma é mais importante que a outra, mas sim que todas são igualmente relevantes. E a partir daí sim problematizar as situações vividas em nossos tempos de maneira distinta do que estamos acostumados e acomodados a fazer.

A preocupação em não ficar restrita a uma disciplina ou área do conhecimento vem do entendimento “pós-virada linguística”, “pós-virada cultural” de que a pesquisa acadêmica precisa estudar e estabelecer relações com outras áreas do saber a fim de realmente contribuir com as práticas sociais. E de que forma se dá essa contribuição? De qual entendimento ela se origina?

As viradas acontecem na medida em que a linguagem passa a ser entendida como constituidora de sentidos. É só através da linguagem que as

peças, as coisas, o mundo passam a significar ou a deixar de significar algo e essa ideia não fica restrita a áreas vinculadas ao ensino de línguas, ela não tem a ver somente com profissionais da área de Letras, ao contrário, ela tem a ver com todas as áreas do conhecimento que entendem que geograficamente, historicamente, matematicamente ou em qualquer outra área, por mais que se estudem dados, números, fatos reais, etc. todos esses conhecimentos só farão sentido quando os significarmos linguisticamente.

Da mesma forma como a linguagem é central e fundamental na constituição de significados, os estudos culturais também entendem a linguagem como constituidora e intimamente relacionada com os artefatos culturais, na medida em que a cultura está no trabalho que desempenhamos, no lazer que desfrutamos, nas relações que estabelecemos, nas mercadorias que consumimos, etc. Conforme Hall (1997, p. 22): “A expressão ‘centralidade da cultura’ indica aqui a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo.” A partir desse entendimento torna-se elementar entendermos também “[...] a centralidade da cultura na constituição da subjetividade, da própria identidade e da pessoa como ator social.” (HALL, 1997, p. 24)

Inserido nas visões pós-virada cultural e linguística, os Estudos Culturais se caracterizam por lutar, entre tantas outras lutas, por uma sociedade menos discriminadora e excludente, já que é extremamente sensível às problemáticas sociais, às mudanças históricas, vendo, por exemplo, o problema mundial das questões étnicas e raciais como um texto cultural e, dessa maneira, oportunizando a problematização de tais questões. Como colocado por Hall (1997), não devemos nos surpreender que as lutas pelo poder sejam cada vez mais simbólicas e discursivas, ao invés de físicas e compulsivas; já que as pessoas estão percebendo a importância da linguagem que utilizam, estão percebendo como através da linguagem é possível constituirmos sociedades mais justas, mais igualitárias. É cada vez mais comum as pessoas exporem as suas ideias em passeatas, protestos, em grandes aglomerados porque percebem que através dos discursos, das linguagens, muitas “verdades” preconceituosas e muitas injustiças podem ser revistas, repensadas e reconstituídas de forma diferente.

No entanto, nem sempre foi assim: tal visão dos Estudos Culturais é contemporânea. A cultura já foi privilégio de uma minoria elitizada e para chegar até a concepção atual de que cultura é algo que constitui e é constituído pela linguagem o tempo todo houve muitas aclamações contrárias. Não é muito raro ainda nos dias de hoje ouvir alguém que quer menosprezar outra pessoa dizer que ela não tem cultura, certamente porque os discursos são repetidos, reforçados, constituindo verdades que perduram por muito tempo, como a ideia de que pessoas menos abastadas são ignorantes, são incultas, como se cultura fosse algo exterior aos indivíduos e que nem todos merecessem acesso a ela.

Costa (2000) afirma que, segundo muitos autores, como, por exemplo, Stuart Hall, durante os anos 50, obras sobre os estudos da cultura começaram a questionar as concepções de cultura advindas de Mathew Arnold, em que a cultura era definida como “o melhor que se tenha pensado e dito no mundo.” Para ele, a responsabilidade social de preservar e desenvolver a cultura não competia à aristocracia fundiária, nem à burguesia industrial e comercial, mas sim era privilégio da classe dos clérigos, uma espécie de igreja nacional constituída de todos os homens instruídos nas ciências e nas artes liberais.

Arnold considerava a cultura popular como o oposto de uma “verdadeira” cultura, como desordem social e política, enquanto que o que era realmente considerado cultura era símbolo de harmonia e beleza. No entanto, mesmo nesse tempo, predominando uma concepção de cultura hoje completamente contestada, Storey (1997 apud COSTA, 2000) ressalta que Mathew Arnold foi responsável por inaugurar uma forma particular de situar a cultura popular nos debates sobre a cultura, pois mesmo sendo muito desprestigiada era reconhecida como existente.

Em 1930, Frank Raymond Leavis publica o ensaio *Mass civilization and minority culture*. Seu projeto é conhecido como projeto levisista, e tem como principal argumento a ideia de que a cultura sempre foi sustentada por uma minoria e que estaria declinando no século XX o reconhecimento dessa minoria, sob as ameaças da civilização e da cultura de massa. Os levisistas argumentavam que as pessoas estavam se afastando dos cânones da literatura e das artes, o que transformaria o mundo inteiro em massas de indivíduos incultos ou semicultos. A cultura de massa era temida, significava um risco terrível de caos (COSTA, 2000).

Costa (2000) afirma ainda que os levisistas publicaram um manifesto propondo que fosse introduzido nos currículos escolares um treinamento de resistência à cultura de massa. Para eles, as mudanças advindas da Revolução Industrial haviam dividido em duas a cultura inglesa dos séculos XVII e XVIII: a cultura das minorias, o que de melhor se havia pensado e dito; e a cultura das massas, comercial e consumida pela maioria da população inculta. Leavis projetava criar postos de cultura nas universidades e escolas, a fim de que um grupo seleto de intelectuais atuassem como “missionários” em defesa da tradição literária e assim revertissem a devastação da cultura e da tradição. A ordem, que fazia parte da boa literatura, precisava combater a desordem da cultura das massas.

Passado o período de pós-guerra, começaram a surgir estudos diferenciados da tradição levisista, em que a cultura popular era levada em consideração. Dois livros publicados no final na década de 1950: *The uses of literacy*, de Richard Hoggart, e *Culture and society*, de Raymond Williams, entusiasmaram os ânimos nos estudos culturais, expressando as tensões de estudantes de origem popular que, ao concluir a universidade, tinham a sua identidade cultural dividida por duas visões completamente contraditórias (COSTA, 2000).

Na década de 60, um conjunto de pesquisas denominado Estudos Culturais passa a fazer parte do espaço acadêmico, o que não foi tranquilamente aceito, visto que as relações entre a academia e a cultura do povo eram até então distantes e problemáticas. As décadas seguintes foram marcantes pela expansão e diversificação de temáticas e abordagens. Várias formas de institucionalização foram configuradas, parecendo a mais visível delas o lugar na academia (COSTA, 2000).

O termo Estudos Culturais é a consequência de uma movimentação teórica e política contrária às concepções elitistas de cultura como as arnoldianas e levisistas. Para tais concepções, cultura e civilização eram antagônicas. Costa (2000) afirma que, para John Fiske (1997), a cultura, sob a visão dos Estudos Culturais, não é estética, nem humanista, mas política; e para Hall (1997; 1997a), os Estudos Culturais reconhecem as sociedades capitalistas como provedoras de desigualdades étnicas, sexuais, etc. Já a cultura é vista como possibilidade de contestação contra tais desigualdades,

como forma de luta pela significação, como possibilidade de desconstrução das verdades constituídas pelos grupos dominantes.

Sob essa visão, os textos culturais são essenciais, pois eles são produto social. Ou seja, tudo o que conhecemos como cultura foi produzido pela linguagem, não pode simplesmente ser entendido como natural, como social ou biologicamente incontestável. Se algumas etnias já foram consideradas inferiores a outras, se mulheres ainda hoje têm que lutar por igualdade em relação aos homens, é porque discursos pejorativos e preconceituosos foram tão amplamente repetidos e reiterados que muitas vezes pensamos que as coisas sempre foram do jeito que são e não podemos mudar, mas, felizmente, muitos já perceberam a força que tem a linguagem e como através dela novos significados podem ser construídos, como através da linguagem uma sociedade pode ser menos preconceituosa, menos excludente.

Explanar sobre a história dos Estudos Culturais, sobre a forma como a cultura foi percebida no decorrer dos tempos, é uma atividade bastante árdua, principalmente para alguém que experiencia tais estudos, por entendê-los como essenciais, mas também bastante complexos. Hall (1992 apud COSTA, 2000 p. 278) explana o seguinte:

Os Estudos Culturais têm múltiplos discursos; têm uma grande quantidade de diferentes histórias. Eles têm uma série de formações; eles têm suas próprias e diversas conjunturas em seu passado. Neles estiveram incluídos vários tipos de trabalho. Devo insistir nisto! Eles sempre foram um conjunto de formações instáveis. O Centro de Estudos Culturais era “centrado” apenas entre aspas [...]. Já teve diversos itinerários de pesquisa; muitas pessoas já tiveram e têm diferentes posições teóricas, todas com suas opiniões. O trabalho teórico do Centro seria mais apropriadamente denominado tumulto teórico. Sempre esteve acompanhado de transtorno, discussão, ansiedades instáveis e um silêncio inquietante.

Costa (2000) reafirma o quão tumultuado são os Estudos Culturais, mas ressalta alguns pontos que os caracterizam: o fato dele ser permeável às mudanças históricas, o debate amplo. As discussões iniciais foram impulsionadas pela problemática de classes sociais e no decorrer do tempo foram abarcando muitas outras questões. O cinema e a televisão, por exemplo, trouxeram outros tipos de debates. Estudos feministas, estudos sobre a sexualidade formaram discursos diversificados de umas décadas para cá,

construíram significados distintos dos que a sociedade estava acomodada a construir.

Há então que se considerar que tais mudanças são possíveis porque a sociedade constitui o tempo todo textos culturais através da linguagem. Assim, através dos Estudos Culturais temos a possibilidade de participar, de lutar por uma sociedade menos discriminadora, menos excludente (COSTA, 2000).

Ressaltando Hall (1997, p. 33), ele profere que o fato de centralizarmos nossas análises nos Estudos Culturais, não quer dizer que tudo é cultura, mas que “a cultura é uma das condições constitutivas de existência [...] toda prática social tem uma dimensão cultural. Não que não haja nada além do discurso, mas que toda prática social *tem o seu caráter discursivo*.” Um exemplo de como entender a questão do caráter discursivo dado pelo autor é a distribuição da riqueza e dos recursos econômicos que inegavelmente é realizada de maneira concreta entre os indivíduos. No entanto, se formos analisar a justiça ou não em relação a como essa distribuição é feita, isso constitui uma questão de significado. Dependerá de quais discursos são dados a respeito de justiça e equidade, sobre como significamos para nós mesmos e para os outros esses valores. A partir desse entendimento podemos afirmar que as práticas econômicas dependem e são “relevantes para o significado”, sendo assim, práticas culturais.

Pennycook (2006) ressalta que, conforme Cameron, a sociolinguística tradicional considera que as pessoas falam do modo como falam por causa de quem (já) são, enquanto que a abordagem pós-moderna propõe que as pessoas são quem são por causa (entre outras coisas) do modo como falam. Essa diferença de compreender a linguagem da abordagem moderna para a pós-moderna é extremamente relevante, a linguagem deixa de ter o papel de representar a realidade e passa a constituir a realidade, porque não somos algo anterior, pronto e a linguagem servindo apenas para contar quem somos, mas sim, juntamente com a linguagem que fazemos uso, vamos nos constituindo o tempo todo.

As docentes, ao narrarem aqui suas histórias, estão também se constituindo como profissionais, porque a linguagem por elas utilizada não está representando indivíduos com identidades formadas, fechadas, mas, ao

contrário, a linguagem, conforme vai acontecendo, vai possibilitando a formação identitária de quem está narrando. Conforme Hall (1997, p. 29):

A 'virada cultural' está intimamente ligada a esta nova atitude em relação à linguagem, pois a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas.

Toda essa possibilidade de significação se dá porque é só pela linguagem que os indivíduos passam a significar, linguagem aqui expressa também pelas narrativas – que, à medida, em que são repetidas e reforçadas, criam os discursos. Sobre linguagem e significado, Hall (1997) considera que argumentar que uma pedra é apenas uma pedra num determinado esquema discursivo ou classificatório não é negar a existência material do objeto, mas é dizer que seu significado resulta não de sua essência natural, mas de seu caráter discursivo. Ainda segundo Hall (1997), a “virada cultural” amplia essa compreensão de linguagem como constituidora para a vida social como um todo, ressaltando que os processos econômicos e sociais, por dependerem do significado também devem ser compreendidos como práticas culturais, como práticas discursivas.

Veiga-Neto (2000) ressalta a característica dos Estudos Culturais em não serem e não quererem ser um campo homogêneo, disciplinar, mas também em não serem simplesmente interdisciplinares, pois são ativamente e progressivamente antidisciplinares, tendo uma relação permanentemente desconfortável com as disciplinas acadêmicas. Desconfortável porque não deverá haver momento de acomodação, de encontro com algo que estava sendo procurado, não, pelo contrário, o proposto é que haja uma busca, um repensar, um criticar permanentemente - e essas tarefas com certeza são custosas.

A questão de os Estudos Culturais se reconhecerem como antidisciplinar possui estreita vinculação com a Linguística Aplicada Indisciplinar. Moita Lopes (2006) atenta para o fato de que a LA chamada de “normal” entendia interdisciplinaridade com base em uma disciplina mãe, e que essa ideia fez parte da educação dele como linguista aplicado; no entanto, ele foi ficando cada vez mais interessado em saber o que outras áreas do conhecimento tinham a dizer sobre a linguagem, sobre o mundo contemporâneo, de forma que ele

pudesse construir a sua investigação de modo situado. Então o autor percebe que isso só era possível através de um viés interdisciplinar/antidisciplinar, desgarrado das limitações de qualquer tipo de linguística.

Moita Lopes (2006) segue discorrendo sobre o fato de que a necessidade de reinvenção deve ser compreendida como central em qualquer empreendimento de pesquisa, não na busca de uma nova verdade, mas sim de alternativas para a pesquisa em nosso campo que reflita visões de mundo, ideologias, valores, etc. O autor sublinha ainda:

Compartilho a ideia de que, no mundo contemporâneo, “não podemos mais depender de grandes argumentos e ideias transcendentais infalíveis” (Butler, 2002: 119). Precisamos justificá-los, discuti-los e considerá-los à luz de escolhas éticas para as práticas sociais que vivemos, ao pensar alternativas para o futuro (MOITA LOPES, 2006, p. 21).

Essa pesquisa vai ao encontro de todo o exposto e preocupa-se em repensar as problemáticas educacionais, mas sempre com a clareza de que a conclusão desse trabalho não trará nenhuma ideia até então não descoberta, nenhuma solução por muitos almejada, mas sim contribuirá com tais problemáticas, por problematizar questões que precisam ser repensadas continuamente.

Quando declaro que não há uma busca por uma solução até então não descoberta, considero Fabrício (2006), ao citar Foucault e Nietzsche, os quais não concebiam a abordagem historicista como procura pela essência exata das coisas, mas objetivando escutar a história, demorada e meticulosamente, para compreender o processo de construção de nossas ideias e conceitos “essencializados” ao longo dos inúmeros casos e contingências de nossa experiência; e de buscar na reconstrução de uma formação histórica em movimento a teia epistemológica na qual estamos entrelaçados.

Nessa pesquisa, escutar a história é de primordial importância, porque consideramos que a constituição identitária dos docentes, desde a criação da profissão até os dias atuais, certamente não foi um processo que aconteceu naturalmente ou por acaso. Posteriormente, tratarei um pouco sobre a docência e as suas problemáticas no decorrer do tempo, tornando-se evidente as relações de poder que foram constituindo essa profissão ao longo dos tempos.

As linguagens que repetem e reforçam as identidades docentes e todas essas questões são intrínsecas à cultura. Quando o docente constitui as suas narrativas, ele pode continuar reforçando determinadas identidades, mas ele pode também passar a constituir identidades distintas: através da linguagem, disputas acontecem e significados são impostos.

Em vários trechos dessa pesquisa, é possível percebermos como o discurso pejorativo e repetitivo tem constituído identidades docentes e como não somos acostumados a desconfiar desses discursos, ao contrário, acabamos por reproduzi-los e por motivá-los cada vez mais. Uma forma de contribuir para que narrativas diferenciadas sejam ouvidas e ganhem atenção é dando voz aos professores que têm muitas histórias de lutas para contar, muitas histórias bonitas que também podem passar a ser contadas, recontadas e formarem identidades mais críticas, mais reflexivas.

Para tanto, terei como base o Estudo das Narrativas, já que aqui a narrativa é vista como possibilidade de construção e reconstrução de identidades, o que me leva conjuntamente aos Estudos Identitários. Sendo que a cultura perpassa, permeia tudo o que é social, a construção das identidades por meio das narrativas também é intrínseca à cultura. Sendo assim, os Estudos das Narrativas, os Estudos Identitários e os Estudos Culturais são trabalhados conjuntamente por serem áreas que compreenderam que na relação de teorias uma possibilidade de realizar pesquisa de maneira a contribuir com as práticas sociais. Parto da Linguística Aplicada Indisciplinar, que propõe justamente esse “casamento” de teorias e é a minha área de formação, mas aqui todas as teorias estudadas têm igual importância.

Sendo que, neste capítulo, dei ênfase aos Estudos Culturais e à Linguística Aplicada Indisciplinar, no capítulo a seguir, tratarei dos Estudos Identitários e dos Estudos das Narrativas, para assim ter discursado sobre as teorias que fundamentam essa pesquisa.

3 Estudos Identitários e os Estudos das Narrativas

Quais identidades docentes são constituídas nos ambientes escolares contemporâneos? A partir de quais narrativas são formadas tais identidades? A escola contemporânea passa por tantas problemáticas, enquanto que os discursos da sociedade estabelecem ainda com veemência a responsabilidade dos professores nos fracassos escolares. No entanto, oportunizar a esses profissionais a possibilidade de narrarem suas vivências profissionais e/ou pessoais ainda é muito custoso, e ainda mais custoso é ouvir as histórias que os docentes têm para contar sem haver uma tendência ao julgamento do que é contado, sem a procura de “verdades” que justifiquem o que denominamos “realidade”.

É comum em reuniões de formação, reuniões pedagógicas, conselhos escolares, entre outros, os professores “disputarem” um momento para relatar suas narrativas docentes o que, na maioria das vezes, vem acompanhado de rostos desagradados por ter de ouvir “lamúrias”. O docente contemporâneo convive com e faz parte de tantas problemáticas educacionais de uma maneira bastante solitária, porque o que é esperado é que ele consiga uma maneira de manter em perfeita harmonia o ambiente da sala de aula, o que implica em: média de trinta a quarenta alunos, todos obedientes, silenciosos, atentos, dóceis. Se o profissional não consegue isso, o que é facilmente compreensível, ele mesmo, além de outros tantos, imputam ao docente o adjetivo de “incompetente”.

Essas questões há muito me incomodavam como professora, por também sentir o desejo de me narrar, por também, muitas vezes, sentir-me incompetente ou sem oportunidade para compartilhar minhas angústias. Ao

mesmo tempo em que ministrava aulas em instituições diferentes, em cada uma delas ficava mais nítida a impossibilidade dessas narrativas receberem qualquer atenção.

Ingressando no Mestrado, conhecendo e fazendo leituras sobre os Estudos das Narrativas e os Estudos Identitários, entre outros, constatei que minhas angústias de docente eram percebidas e valorizadas nessas teorias. Então, como pesquisadora, poderia tratar as narrativas docentes como objeto de pesquisa acadêmica dando a elas a importância que lhes é devida.

Goodson (1992, p. 70) tem argumentado em favor da importância dos dados sobre as vidas dos professores para os estudos de investigação educacional e ressalta que tais dados não são muito utilizados por serem rotulados como demasiadamente “pessoais, idiossincráticos ou flexíveis”, sendo, assim, de difícil aceitação por parte da comunidade científica. No entanto, o autor defende alguns pontos que evidenciam a qualidade desse tipo de dados, entre eles: a) o discurso dos professores sobre as suas vidas pessoais quando interpretam a própria linha de conduta e prática é notável, ou seja, há uma tendência natural por parte dos docentes em relacionar as suas práticas profissionais à história de vida pessoal, assim sendo é vital relacioná-las; b) a importância das experiências de vida e do ambiente sociocultural enquanto constituintes do “eu” pessoal e profissional; c) o estudo da vida dos professores constitui uma nova maneira de encarar o desenvolvimento do professor, orientando relações de poder subjacentes às vidas dos professores. O autor defende que:

Ouvir a voz do professor devia ensinar-nos que o autobiográfico, a “vida”, é de grande interesse quando os professores falam do seu trabalho. E, a um nível de senso comum, não considero este fato surpreendente. O que considero surpreendente, se não francamente injusto, é que durante tanto tempo os investigadores tenham considerado as narrativas dos professores como dados irrelevantes. (GOODSON, 1992, p. 71)

Além da importância de relacionar vida pessoal e vida profissional para compreendermos melhor o docente pesquisado, conforme Silva (2000, p. 93), aquilo que aparentemente estamos apenas descrevendo sobre nós mesmos contribui para definir e reforçar identidades que fazem parte de uma rede de atos linguísticos muito mais ampla. Sendo assim, entendo que “dar voz” aos

professores não é apenas oportunizar algo a eles, mas sim procurar entender e problematizar as questões educacionais de uma maneira distinta do que a modernidade costuma fazer, porque é preciso que haja uma desacomodação da maneira de pensar para que novas possibilidades possam também passar a ser constituídas. Sobre a defesa da ideia de que narrativas docentes construídas e reconstruídas no âmbito escolar auxiliam também a compreender melhor o ambiente educacional e suas problemáticas, Fabrício e Bastos (2009, p. 40) afirmam que:

[...] o estudo de nossas ações linguísticas em contextos sociais específicos pode sempre criar inteligibilidade sobre processos macrossociais, pois ao focalizarmos usos da linguagem particulares estamos nos debruçando, de forma explícita ou não, sobre a sociedade na qual eles ocorrem.

No contexto educacional, as identidades docentes pesquisadas certamente ajudam a compreender o sistema educacional de forma mais ampla, porque a linguagem que tem constituído as problemáticas educacionais há muito são repetidas e reforçadas. Como explicitado no quinto capítulo, ouvi, nas entrevistas realizadas, pontos distintos entre uma narrativa e outra, mas também constatei nos discursos muitas inquietações em comum.

Sendo as narrativas o objeto de minha investigação, é fundamental explicitar que a pesquisa é de cunho qualitativo, baseada no entendimento, pós-virada linguística, de que a linguagem é constituidora de todos os aspectos da vida. Dessa forma, defendo a pertinência e a importância de, em um programa de pós-graduação em estudos da linguagem, a análise dos fenômenos se dar por meio das narrativas que constituem a experiência humana. Conforme Souza (2007, p. 18 e 19):

A pesquisa com narrativas (auto)biográficas ou de formação inscreve-se neste espaço onde o ator parte da experiência de si, questiona os sentidos de suas vivências e aprendizagens, suas trajetórias pessoais e suas incursões pelas instituições, no caso, especificamente a escola, pois as nossas histórias pessoais são produzidas e intermediadas no interior e no cotidiano das práticas sociais instituídas e institucionalizadas.

Pesquisas docentes por muito tempo foram prioritariamente realizadas através de um pesquisador que ia para a sala de aula observar e analisar o

trabalho do professor. Esse tipo de pesquisa, muitas vezes, conduzia a conclusões bem decepcionantes, porque o pesquisador teórico ficava frustrado por não encontrar na prática aquilo que ele estudava na teoria como ideal, e o professor pesquisado também sentia-se inseguro porque sabia que seu trabalho poderia ser alvo de críticas.

Ao entendermos a linguagem como constituidora, as narrativas ganham uma importância primordial, porque é uma forma diferenciada de se fazer pesquisa, não é preciso ir até a sala de aula analisar o trabalho do colega profissional, é possível simplesmente ouvi-lo, permitir que ele conte sobre suas práticas, sobre suas experiências, porque a verdade é o que linguisticamente criamos, são as linguagens que utilizamos, não é preciso “provas” do que é dito.

Lembro muito nitidamente de, no último semestre do Magistério (também conhecido de Normal), eu ir para os colégios fazer “Observação”- prática que atualmente ainda faz parte dos estágios docentes. Para quem não experienciou a prática, ter esse primeiro contato como alguém que analisa é, em boa parte dos casos, desestimulante e facilmente concluímos que as problemáticas ocorrem porque o professor é desmotivado, impaciente, despreparado.

Além do já exposto, é preciso refletirmos que as Observações, na maioria das vezes, são realizadas em escolas que os pesquisadores não conhecem, com professores que também são desconhecidos, ou seja, enquanto somos somente estudantes, pensamos que uma boa teoria dará certo em qualquer contexto, em qualquer realidade, por isso se a prática analisada não parece satisfatória, certamente é porque o professor não é competente o suficiente e então pretensiosamente pensamos “comigo será diferente”.

Severo (2008) traz, em sua pesquisa de Dissertação, a problematização de negociações identitárias de alunas de um Curso Normal entre a condição de ser jovem e professora. Amparada nas teorias de constituição identitárias sob a perspectiva Estudos Culturais, Severo ressalta (2008, p. 38): “[...] a escola é um espaço onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura, ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflito e negociações [...]”. Portanto, não há docente desvinculado de tudo que a escola é estruturalmente, pedagogicamente, socialmente, enfim a constituição das identidades se dá na relação do todo e em tudo que ela implica,

portanto se pretendemos compreender o trabalho realizado em sala de aula também devemos pesquisar sobre o todo da instituição escolar.

Para melhor compreendermos as relações entre os sujeitos e as instituições escolares, nessa pesquisa, o objeto de investigação são as narrativas docentes. Sendo que, a construção e reconstrução das narrativas se dá pela linguagem, o que pode parecer um pouco óbvio, mas não é quando adentramos a linguagem como ponto de partida, como central. Larrosa (2001, p. 70) adverte para o que denomina “una inquietud sobre el lenguaje³” e ressalta que tomar como ponto de partida a inquietude sobre a linguagem e a linguagem provocada na experiência mesma da linguagem não é o mesmo que partir de nossos conhecimentos a respeito da linguagem.

A linguagem deixa de ser nossa propriedade, portanto aquilo que costumamos fazer com a linguagem, como comunicar, representar, persuadir, etc. passa a ser inquietante no momento em que a linguagem deixa de ser percebida como “coisa” e passa a ser a condição para todas as coisas, o horizonte para todas as coisas, ou seja, a linguagem é central, é a centralidade de tudo (LARROSA, 2001).

E de que forma essa concepção de linguagem afeta a educação? Falar, entender, ler, escrever, deixam de ser somente habilidades instrumentais; a linguagem não serve apenas para expressão, para comunicação; a linguagem não é apenas um objeto por meio do qual ensinamos, porque o que desacomoda, o que inquieta nessa virada da linguagem é que passamos a ter o pensamento da linguagem, o discurso da linguagem e que tudo isso é produzido na linguagem, pela linguagem e como linguagem (LARROSA, 2001).

Larrosa (2001, p. 71) salienta que Nietzsche é fundamental, pois foi ele que “inició la tarea filosófica de una reflexión radical sobre el lenguaje⁴.” Nietzsche argumentava que a linguagem não é lógica, não é representativa, que nada garante a relação entre linguagem, conexão com o mundo, com a realidade ou com as coisas. A realidade, para Nietzsche, está sempre condicionada a uma história linguística e social. O mundo, as pessoas, precisam ser lidos, interpretados; o mundo mesmo é uma interpretação, uma

³ “uma preocupação sobre a linguagem” (tradução de minha responsabilidade)

⁴ “iniciou a tarefa filosófica de uma reflexão radical sobre a linguagem.” (tradução de minha responsabilidade)

leitura (LARROSA, 2001). Todas essas considerações sobre a linguagem que perpassam Nietzsche e que são retomadas nas teorias pós-modernas ajudam-nos a compreender de que forma essa pesquisa percebe a linguagem que constituirá as narrativas.

As perguntas iniciais: “Quais identidades docentes podem estar sendo constituídas no recorte dessa pesquisa?” e “Quais narrativas podem estar constituindo tais identidades?” partem justamente da concepção de que a linguagem constitui, ou seja, para compreendermos quais identidades docentes estão sendo constituídas, é preciso dar voz aos discursos que podem estar constituindo os docentes. Ressalto novamente que a ideia de pesquisar as identidades docentes, nesse trabalho, parte dos discursos vigentes sobre as problemáticas educacionais. Parece que cada vez mais são repetidos e reforçados os discursos que veem a escola contemporânea como sinônimo de fracasso e os professores como principais (ou únicos) culpados dessa crise, daí então a importância de oportunizar um momento em que os profissionais da educação possam fazer suas narrações para melhor apreendermos essas problemáticas.

Para um melhor entendimento da análise a ser feita sobre as identidades docentes é vital discorrer sobre como é percebida a questão da identidade nesse trabalho: O que ela é? Como é produzida? Quais os suportes teóricos que serão levados em consideração? Deste modo, posiciono-me partindo da visão teórica que estabelece que para explicar identidade necessariamente é preciso relacioná-la com a diferença. Silva (2000) afirma que ambas são interdependentes e resultado da linguagem. Ou seja, não são elementos da natureza, não são essências, não são coisas que estão à espera de alguém que as revele, descubra, respeite ou tolere-as. Elas são ativamente produzidas, fabricadas, no contexto de relações culturais e sociais. Percebendo as identidades dessa maneira sou compelida a questionar, nesse caso específico, como se formam as identidades docentes, quais as linguagens que os outros e eu mesma tenho utilizado para reforçar ou para recriar tais identidades. O processo de construção nunca é inocente, o processo de análise também não pode ser.

[...] a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. [...] a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (SILVA, 2000, p. 96 e 97)

A relação da identidade com a diferença está muito claramente explicitada nessa citação: para que haja uma identidade ela precisa das diferenças, ela precisa, para ser algo, deixar de ser muitas outras coisas: se os docentes atualmente são constituídos como desvalorizados, desqualificados, ou seja, por quaisquer outros adjetivos, é porque, nesse momento, eles estão deixando de ser valorizados, qualificados, etc. No entanto, se a identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas e se ela é instável, inconsistente, as representações podem mudar o tempo todo e esse entendimento faz o diferencial nessa pesquisa: eu posso aliar teoria e prática, eu posso contribuir com a sociedade, porque a teoria adotada parte de uma prática que, compreendida na sua constituição, na sua formação, desacomoda, mostra que todos fazemos parte das relações de poder, que todos somos também a linguagem que usamos.

Sobre a questão identidade e diferença ainda é importante considerar que elas estão estreitamente vinculadas a sistemas de representação. Conforme Silva (2000), o conceito de representação já teve, no decorrer dos tempos, uma multiplicidade de significados. Já esteve relacionada à busca de formas apropriadas para tornar o “real” presente, de apreendê-lo o mais fiel possível; já o pós-estruturalismo concebe a representação, assim como a linguagem, estrutura instável e indeterminada, questionando a própria noção de representação. No entanto, teóricos dos Estudos Culturais, como Stuart Hall, retomam o conceito de representação em consonância com a teorização sobre identidade e diferença. Dessa forma, há uma rejeição a quaisquer conotações mentalistas ou qualquer associação com uma suposta interioridade psicológica, ou seja, a representação não está a cargo de revelar algo interno, algo que está para ser desvelado, ao contrário, ela é marca ou traço visível, exterior.

Além disso, na perspectiva pós-estruturalista, representação é indeterminada, ambígua e instável assim como a linguagem. Silva (2000, p. 91) sublinha: “[...] a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder.” Sendo assim, a identidade e a diferença dependem da representação, é através dela que a identidade e a diferença passam a existir. Através da representação há a declaração do que é a identidade. E quando questionamos a identidade e a diferença, questionamos igualmente os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação. Ou seja, quais linguagens, quais discursos têm representado as identidades docentes, têm colocado os professores como responsáveis por todas as mazelas educacionais?

Silva (2000) ainda discorre sobre a questão da fixação da identidade através da repetição dos discursos, sublinhando que há dois processos: um que tende a fixar e a estabilizar a identidade e outro que tende a subvertê-la e a desestabilizá-la. Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação, ainda que linguagem e identidade estejam sempre escapando, já que a fixação é, ao mesmo tempo, tendência e impossibilidade. Em relação à fixação das identidades docentes, percebo a posição de Silva como vital para compreendermos que se tanto a identidade quanto a linguagem estão sempre em constante processo de fixação e há a impossibilidade dessa fixação, a reflexão, a crítica e o repensar das problemáticas educacionais devem ser um exercício contínuo e desacomodado.

Sobre as problemáticas educacionais, Sibilia (2012) faz uma comparação metafórica entre a escola e uma tecnologia, pensando a escola como um dispositivo, uma ferramenta ou um intrincado artefato destinado a produzir algo, discorrendo sobre como, com o passar do tempo, essa máquina tem se tornado incompatível com os corpos e as subjetividades das crianças de hoje. Os componentes dessa máquina, que é a escola, não conseguem sintonizar com os jovens do século XXI. Devido a isso, Sibilia afirma que a instituição escolar passa por tempos de dispersão, portanto, nessa pesquisa, reafirmo todas essas problemáticas e defendo a importância de “dar voz” aos sujeitos que são parte essencial do sistema escolar: são os docentes, como já afirmado, que têm sido colocados como responsáveis por não conseguir manter a instituição escolar na ordem, na disciplina, no controle dos cidadãos.

A voz aos docentes, nesse estudo, é dada através da escuta de narrativas, partindo da ideia de Moita Lopes (2001), ao afirmar que, entre as práticas discursivas mais estudadas em pesquisas sobre a relação entre o discurso e as identidades sociais, destacam-se as práticas narrativas, e que pesquisadores de diferentes disciplinas têm enfatizado o papel que as narrativas como forma de organizar o discurso para a ação no mundo social desempenham no processo de construção das identidades sociais. Portanto, a linguagem aqui é tomada como central, como constituidora das realidades, é só através da linguagem que as identidades ganham sentido - e entre as várias formas de linguagem que temos, a narrativa é uma forma importante de organização do discurso.

Moita Lopes (2001) ainda chama a atenção para a questão de que, diferente da tradição de investigação de outros pesquisadores, que estudaram a estrutura narrativa como um gênero discursivo, o interesse nas narrações deve-se ao papel que elas desempenham na construção das identidades sociais, nas práticas narrativas nas quais as pessoas relatam a vida social e, em tal engajamento discursivo, se constroem e constroem os outros.

Rollemborg (2003) salienta que, no engajamento do processo de reconstrução das histórias por meio das narrativas, os sujeitos refazem o caminho por eles percorrido, repensam as suas histórias, re-elaboram seu discurso e até reconstroem sua identidade profissional entre outras identidades sociais. As narrativas então são de extrema importância, pois servem como instrumento de construção e reconstrução de nossas identidades. Essa construção e reconstrução, no exercício da docência, parecem-me de uma importância singular, pois em um trabalho em que o profissional está sempre lidando com gerações diferentes da sua, em que as transformações contínuas da sociedade são intrínsecas a toda atividade educacional, as possibilidades de reflexão, de construção e de reconstrução da própria identidade são muito válidas, já que as narrativas oportunizam sempre um novo olhar.

Além da possibilidade da construção e reconstrução da própria identidade docente, é válido ressaltar também que através das narrativas poderemos compreender melhor outras identidades que estão sendo constituídas nas instituições escolares, pois, conforme Freitas e Silveira (2004,

p. 266) sublinham, são estabelecidas variadas identidades no ambiente escolar:

[...] os discursos veiculados na escola auxiliam – de maneira mais ou menos central – no estabelecimento de identidades variadas, como as da nacionalidade, de etnia, de gênero, etc. considerando-se não apenas os discursos pedagogicamente sancionados – os dos materiais pedagógicos e dos diversos planejamentos, p. ex. – mas também aqueles que circulam na voz cotidiana das professoras e professores, dos grupos de alunos, dos funcionários escolares, entre outros.

Portanto, novamente, ratifico a importância da relação entre os estudos escolhidos como referencial teórico e opto pelas narrativas pelo entendimento da sua importância na construção das identidades, não como um gênero discursivo, mas como algo bem mais amplo: narrativas como algo intrínseco à constituição das identidades, isto é, os indivíduos necessitam da linguagem, necessitam narrar-se, contar histórias para então se constituir. Lehmann (2015, p. 79), a partir das teorias dos Estudos Culturais e da Linguística Aplicada Transdisciplinar, apresenta em sua pesquisa de Dissertação uma análise de oratórias de acadêmicas do primeiro semestre do curso de Letras e ressalta: “Por meio de suas falas, os colaboradores estão constituindo significados, já que a linguagem exerce um caráter constitutivo, ativo e produtivo em relação ao mundo e as identidades.”

Convém ainda ressaltar que a decisão de trabalhar com narrativas docentes nessa pesquisa objetivou que eu e outros possíveis docentes venhamos a compreender as narrações como vitais hoje e continuamente. O que aqui apresento é uma mostra de alguns discursos que atualmente podem estar constituindo a docência, mas certamente se eu pesquisar os mesmos docentes daqui a poucos anos, mesmo que as perguntas sejam exatamente as mesmas, as respostas indubitavelmente abarcarão outras histórias, pois, como ressalta Bauman (2005, p. 17): “Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis [...]”

A citação de Bauman pode causar medo a alguns, como a mim causaria antes de adentrar nessa pesquisa. Por vezes, pensamos que precisamos passar a vida lutando para que a nossa identidade seja sempre vista da mesma

forma, lutando para pertencermos a determinados grupos, a determinadas realidades, no entanto, nesse momento, penso que o pertencimento e a identidade não serem como rochas é muito positivo, porque permite a mim enquanto pessoa, enquanto profissional, repensar o tempo todo a minha identidade, a que e a quem estou pertencendo e me reconstituir totalmente se assim considerar necessário ou mais proveitoso.

Conforme a minha experiência docente vai progredindo, tenho mais nítida a ideia da instabilidade identitária profissional que me constitui, que já mudou muitas vezes e mudará muitas outras, porque muitas das certezas que eu defendo, ao chegar em sala de aula, ao conhecer os meus alunos, são dissipadas e percebo que há muitas mais realidades do que minha vã consciência poderia imaginar. Deveras, acredito que um dos principais problemas da educação contemporânea reside na dificuldade de repensarmos nossas identidades, de compreendermos identidades totalmente diferenciadas das nossas, de “abrirmos mão” das nossas certezas e recomeçarmos quantas vezes forem necessárias.

4 “A escola tem futuro?”

Dentre as leituras que fiz para essa pesquisa, a de Costa (2003) chamou-me especialmente a atenção: “A escola tem futuro?”. Esse é o título da obra que aqui tomei “emprestado” para o presente capítulo, justamente referindo-me à leitura desse livro em específico. Costa, na apresentação da obra, afirma que, nas décadas de 80 e 90, a escola passou a se assemelhar a um “bloco monolítico de problemas”, no sentido de que as discussões, as problematizações, os enfoques todos eram muito semelhantes. Dessa forma, a proposta da autora foi retirar a escola dessa homogeneidade, ouvindo diferentes profissionais da área da educação.

Costa (2003) enfatiza assim a importância de não pensarmos todos da mesma forma, de experienciar a escola distintamente um do outro. A ideia de ouvir vozes diferentes vai plenamente ao encontro dessa pesquisa, que justamente defende a problematização, a escuta, já que compreende que não há uma solução a ser descoberta, mas sim diferentes olhares, possibilidades, e que todos têm a sua importância na constituição de uma educação mais comprometida com as práticas sociais.

Porém, apesar de haver diferentes visões sobre a escola, também há muitas ideias compartilhadas. Como já exposto nas justificativas que instituíram meu trabalho, é comum os docentes, no dia a dia, queixarem-se de muitas das problemáticas que vem constituindo as instituições educacionais contemporâneas. Assim sendo, as perguntas da entrevista aqui aplicadas, principalmente, a segunda e a terceira: “Como tu avalias, nesse momento, a questão “satisfação profissional” em relação a tua carreira docente?” e “Qual ou quais contribuições tu achas que as aulas de Português podem trazer aos

alunos contemporâneos?”, objetivam levar as entrevistadas a refletirem sobre a educação atual e conseqüentemente sobre as perspectivas que tal situação pode acarretar no sistema educacional futuro. No entanto, expor discursos queixosos frente às dificuldades encontradas não implica necessariamente em não acreditar que a escola tenha futuro.

Por tais razões, conforme fui fazendo as leituras sobre os temas aqui desenvolvidos, comecei a indagar para mim mesma o que estudiosos e pesquisadores pensam também sobre o futuro da instituição escolar, afinal a maioria das pessoas envolvidas com a área educacional, sejam professores atuantes em sala de aula, sejam pesquisadores ou estudiosos, reforçam os discursos de que as problemáticas são muitas e de que é preciso que haja mudanças. Se eu, como pesquisadora e docente, desejo melhor compreender o sistema educacional contemporâneo, certamente é porque também almejo que em um futuro próximo tenhamos professores e alunos mais satisfeitos com o sistema educacional.

Porém, diante de tantas objeções, será que é possível pensarmos em futuro escolar? Até quando será possível obrigar, através de leis, que crianças e adolescentes permaneçam nas escolas? Em 11 de novembro de 2009, foi promulgada a emenda constitucional número 59 da LDB, Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em que a partir de 2016 a educação básica obrigatória e gratuita passa a ser a partir dos quatro anos de idade e não a partir dos seis como estabelecia a lei anteriormente⁵ - totalizando assim um total mínimo de treze anos em que o aluno deve obrigatoriamente permanecer na escola, sob pena de seus pais e/ou responsáveis responderem judicialmente caso a família não obedeça tal determinação. Com certeza, um tempo expressivo que necessita ser proveitoso na formação de vida de um cidadão.

No entanto, embora as leis brasileiras determinem cada vez mais que o tempo de vida escolar seja ampliado, para que todo cidadão tenha melhores condições de vida e oportunidades mais igualitárias, Sibilia (2012, p. 13) é enfática ao afirmar que “a escola está em crise”, comparando a instituição escolar a uma tecnologia, a uma “máquina antiquada” que, aos poucos, foi se tornando uma aparelhagem incompatível com os corpos e as subjetividades

⁵ <http://www.ebc.com.br/educacao/2013/04/>

das crianças. A autora discorre sobre como cada vez mais aumentam o número de conflitos entre os alunos e a instituição escolar, apontando, como uma causa, o fato de os alunos ficarem presos tantas horas por dia em um lugar que já é considerado arcaico e, portanto, estar nele parece um “castigo”. No decorrer da obra, a autora vai expondo causas que faz com que vejamos a escola nos moldes atuais como obsoleta.

Uma das principais razões de a escola ser considerada arcaica e os alunos se sentirem presos nela deve-se à importância que os aparelhos móveis de comunicação e informação, como celulares e computadores portáteis com acesso à internet, ganharam na vida das pessoas, principalmente na vida dos adolescentes e das crianças contemporâneas, que já nasceram entendendo como vital o uso desses aparelhos em todas as atividades diárias. Porém, na escola, tais dispositivos continuam sendo proibidos, vistos na maioria das vezes como obstáculos para a concentração e conseqüentemente para a aprendizagem. Tal realidade abriu um “abismo” no que antes era uma “fissura” aberta há mais de meio século pela televisão. (SIBILIA, 2012, p. 14)

No entanto, como a visão teórica aqui adotada parte do princípio de que não há uma verdade a ser descoberta e sim verdades que são constituídas e reconstituídas o tempo todo, explanarei sobre outras visões a respeito da escola: nem todos concordam que a escola está em crise, nem todos ressaltam os mesmos fatores como responsáveis pelas problemáticas educacionais. O fato de não compreender uma ideia como verdade única não a enfraquece em significância, pelo contrário, acredito em todas as possibilidades como verdades que devem ser problematizadas, questionadas, refletidas, todas constituintes do presente e do futuro educacional.

Veiga-Neto (2000) discorre sobre o tão conhecido discurso da “crise na educação”, lembrando que é comum que os próprios profissionais da educação sintam-se culpados pela crise da modernidade. Então o autor propõe uma mudança: ao invés de assumirmos a má execução do projeto, podemos colocar em xeque o próprio projeto, que pode até parecer bom, mas está baseado em premissas problemáticas. Sob esse prisma, no caso da escola, a função que foi projetada para ela foi deficitária, não há como exercê-la, não porque os profissionais da educação sejam incapazes, mas porque o projeto foi planejado para uma sociedade totalmente distinta da que somos na atualidade. Veiga-

Neto (2000, p. 46) profere: “[...] nossa sensação de melancolia e fracasso decorre muito mais do diferencial entre o mundo que temos para viver e os ideais que sobre ele a modernidade construiu, do que do mundo por si mesmo.”

Como profissional da educação percebo muito nos colegas os sentimentos citados por Veiga-Neto, de melancolia, de não aceitação dos alunos que temos nas salas de aulas contemporâneas, principalmente por parte de professores com mais tempo de atuação em aula, que parecem viver um eterno saudosismo do que a escola era, mas não se adaptam ao que a escola está sendo. Afigura-se que os objetivos pensados para a escola permanecem os mesmos de quando ela foi criada, enquanto que o seu público, ou seja, a sociedade inteira mudou e muda o tempo todo, visto que seria até impossível ser de outra forma.

Sibilia (2012, p. 16) lembra-nos que, embora hoje pareça tão “natural” a existência da escola, essa instituição nem sempre existiu, ao contrário, o regime escolar foi criado recentemente, visto que somente no final do século XIX e início do XX é que a educação escolar torna-se ocupação principal da criança. Immanuel Kant, o filósofo alemão, há mais de duzentos anos afirmava que “a disciplina converte a animalidade em humanidade”, e assim se criou a função básica da escola em seus primórdios: humanizar, disciplinar para modernizar e só assim convertê-lo num bom cidadão. Em segundo lugar, então, viria o objetivo de ensinar a ler e escrever ou aprender outras destrezas mais específicas. As crianças também deveriam saber que a lei existia e que devia ser respeitada. Em terceiro lugar, viria a civilidade, para que fossem aprendidas as boas maneiras, a amabilidade e certa prudência. Todos esses ensinamentos tinham a função de ensinar a pensar e a agir do modo que era considerado correto para os parâmetros da época.

Tais narrativas nos ajudam a entender um pouco mais do porquê dos moldes das nossas instituições escolares modernas, faz-nos também atentarmos para a questão da linguagem como constituidora de significados. Tudo que constitui a escola contemporânea foi criado linguisticamente. A repetição de discursos que constituíam a escola como responsável por ensinar a disciplina, por formar bons cidadãos é reforçada desde o final do século XVIII, e as premissas defendidas por Kant constituíram “pilares” da educação formal moderna. Vejamos que cada função da escola foi cuidadosamente pensada,

com objetivos muito claros e através da linguagem tais objetivos foram sendo “semeados” como vitais, como naturais, como verdade.

Fabrizio (2006) salienta que a realidade é um efeito, uma operação de práticas discursivas “ordenadoras” do mundo social. Ou seja, a linguagem repetida e reforçada é que nos constitui enquanto sociedade. Esse entendimento faz com que a responsabilidade sobre quando utilizamos a linguagem seja enorme, principalmente enquanto pesquisadores e educadores, porque nos espaços escolares é comum acharmos natural que discursos preconceituosos, pejorativos, muitas vezes, em forma de brincadeiras, de piadas, sejam reforçados. Mas quando a visão de linguagem deixa de ser representante da realidade para ser constituidora, repensamos o tempo todo o que falamos e o que ouvimos, porque há um incômodo contínuo que nos alerta para a responsabilidade dos discursos. Ao encontro do exposto, Veiga-Neto (2003, p. 5) ressalta que:

[...] o próprio papel atribuído à educação acabou transformando a pedagogia – enquanto campo dos saberes – e a escola – enquanto instituição – em arenas privilegiadas, onde se dão violentos choques teóricos e práticos em torno de infinitas questões culturais. E, como todos sabemos, tais embates envolvem argumentos, ações e estratégias, que extravasam largamente o plano pluramente intelectual.

Para um entendimento mais amplo de como a linguagem é percebida nessa pesquisa, Veiga-Neto (2003) explicita que a virada linguística possibilitou que a linguagem deixasse de ser entendida como um cálculo que determina as regras e passa a ser entendida como um jogo, onde ela é sempre incerta, indeterminada. Tais características propiciam que sempre se continue a conversação, ou ainda mais, que se perceba a necessidade de continuar a conversação.

Características como a incerteza e a indeterminação da linguagem também trazem um benefício muito relevante para a educação, como a oportunidade de deixar de apresentar o mundo como ele é e como ele funciona e passar a “mostrar como o mundo é constituído nos jogos de poder/saber por aqueles que falam nele e dele, e como se pode criar outras formas de estar nele.” (VEIGA-NETO, 2003, p. 13). Essa percepção de mundo é extremamente significativa quando tratamos com crianças e adolescentes, os quais

costumamos chamar de “o futuro do país”, porque se o mundo está sendo constituído o tempo inteiro por todos nós através da linguagem, também somos conjuntamente responsáveis por contribuir para uma sociedade mais justa, mais igualitária e essa responsabilidade precisa ser percebida desde muito cedo.

Sempre relacionando as narrativas educacionais com a visão de linguagem constituidora, retomo Sibilia (2012, p. 20), que argumenta que, desde muito pequenos, os meninos da era burguesa iam todos os dias à escola, não ainda para aprender algo, mas como Kant defendia, para “habitua-los a permanecerem tranquilos e a cumprirem pontualmente o que lhes [fosse] ordenado”.

Kant foi o responsável por determinar como deveria ser a educação escolarizada; sob a pretensão de um humanismo universal, o filósofo creditou para a escola a função de impor um padrão cultural único: branco, machista, de forte conotação judaico-cristã, eurocêntrico. As muitas campanhas, que ainda hoje circulam, defendendo uma escola única para todos, foram daí herdadas. Foi imprescindível a tais objetivos o Estado compartilhar ideias e colocar a escola como reguladora da sociedade. A educação formal então agia sobre o indivíduo e sobre a sociedade, tornando tudo o mais homogêneo e seguro possível. (VEIGA-NETO, 2003)

A quem possa pensar que esses objetivos há muito deixaram de ser almejados, como professora, afirmo: a maioria das escolas continua visando exatamente isso: alunos tranquilos e obedientes, capazes de ficarem “trancados” em quatro paredes harmoniosamente o maior tempo possível. A escola moderna foi criada em uma época em que operava o poder disciplinar e muito desse poder continua sendo esperado nas salas de aulas das instituições contemporâneas.

Foucault (1987, p. 119) trata da questão da docilidade do século XVIII, em que o corpo humano era pensado como que entrando em uma maquinaria do poder, para que não simplesmente fizessem o que lhes era ordenado, mas para que operassem conforme almejado, com técnicas, rapidez e eficácia. Para isso era necessário disciplina, que foi descrita da seguinte maneira: “A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e

diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência).” O autor então narra que esse tipo de disciplina não foi criado repentinamente, ele já era encontrado, entre outros lugares, em escolas.

Entre tantos exemplos que eu poderia narrar, um fato que demonstra atualmente tal realidade é como as escolas costumam tratar alunos ditos “problemáticos”. Se o problema for a não aprendizagem, a escola vai chamar uma vez a família, vai conversar com o aluno, mas nada muito além disso, provavelmente ele ficará esquecido em um dos cantos da sala e a escola seguirá seu percurso. Mas, caso, o aluno não obedeça às regras referentes a comportamento na escola, como: não parar sentado em sala de aula, questionar regras, distrair colegas, etc. seus pais serão chamados muitas vezes na escola e se isso não adiantar o aluno receberá punições, poderá ser encaminhado ao Conselho Tutelar ou até poderá ter que mudar de escola. Vejamos que os discursos a respeito dessas problemáticas vem sido repetidos e reforçados há bastante tempo:

[...] para o cidadão moderno, não ter sido instruído a fim de dominar certas habilidades implicaria um problema, sem dúvida; porém, muito maior que qualquer imperícia – mais grave até que certa ignorância ou necessidade – seria o fato de não ter disciplina. Isso o levaria a se equiparar a um selvagem ou um bárbaro e, uma vez consumada essa falha na criança, ela já não poderia ser remediada, mais tarde, com ensinamentos pontuais: convertido num adulto indisciplinado, esse homem estaria arruinado, sem possibilidade de emenda para os fins buscados pela civilização. (SIBILIA, 2012, p. 20)

O discurso em relação ao controle sobre os corpos estudantis, que atualmente ainda caracteriza muito as instituições escolares contemporâneas, já era uma preocupação no século XVIII. Foucault (1987, p. 126) relata, por exemplo, como era cuidadosamente pensada a questão dos lugares que os alunos ocupariam na sala de aula:

[Será preciso fazer com que] aqueles cujos pais são negligentes e têm piolhos fiquem separados dos que são limpos e não os têm; que um escolar leviano e distraído seja colocado entre dois bem comportados e ajuizados, que o libertino ou fique sozinho ou entre dois piedosos.

Muitas vezes, nós, docentes contemporâneos, sentimo-nos culpados por não termos “controle” sobre os alunos e os discursos repetidos reforçam a ideia

de que é preciso agir rigorosamente porque os discentes atuais estão sem “limites”. Mas quando analisamos a história educacional, percebemos que discursos referentes à dominação do corpo do outro são tão antigos quanto à própria história da escola. O que muda um pouco com o passar do tempo são as justificativas criadas para continuarmos querendo corpos dóceis. Por exemplo, seria uma insensatez atualmente dizermos que os alunos que têm piolhos devem ocupar determinados assentos, mas a ideia de classificação, de diferenciação e de controle seguem em vigor.

Contudo, controlar corpos nunca foi uma tarefa trivial. Ainda assim, o saudosismo em relação à instituição escolar de outrora é de certa forma entendido porque a escola tinha objetivos em comum com o restante da sociedade, o que corroborava para que mais facilmente tivesse o domínio esperado. Quando as crianças chegavam à escola já estavam preparadas para suas funções ali, porque os pais já começavam a modelá-las em casa. E quando se saía da escola para as universidades ou para trabalhar nas fábricas também ocorria de forma compatível, já que todas essas instituições seguiam a mesma lógica. (SIBILIA, 2012)

No entanto, a sociedade mudou energicamente: escola e pais já não trabalham mais em consonância; com tantas horas dedicadas ao trabalho, pais, em muitas famílias, encontram seus filhos apenas na hora de dormir. Soma-se a isso a questão de que a obediência das crianças aos professores e aos pais é vista de forma completamente diferenciada, pois a criança tem muito mais direitos à liberdade, à expressão; limitá-la geralmente soa como danoso. Enfim, como as teorias dessa pesquisa defendem, é preciso um repensar constante, é preciso problematizar, buscar novas alternativas, não em busca de uma solução que acabará com todas essas problemáticas, mas sim entendendo que a sociedade é dinâmica, é movimento, e que o repensar também precisa ser.

Costa (2003), na obra “A escola tem futuro?”, que nomeia esse capítulo, entrevista professores, estudiosos, pesquisadores da educação, expondo a indagação: A escola tem futuro? como ponto crucial da obra. As respostas são dadas por Alfredo Veiga-Neto, Antonio Flávio B. Moreira, José Carlos Libâneo, Miguel Arroyo, Nilda Alves e Selma Garrido Pimenta. Explanarei aqui algumas dessas respostas, justamente para possibilitar a reflexão sobre diferentes

discursos, diferentes verdades que são constituídas, compreendendo a importância de cada uma no exercício do repensar continuamente.

Começarei explanando as colocações de Selma Garrido Pimenta⁶, que na data da entrevista atuava como pesquisadora e como professora de Didática em cursos de Licenciatura. Pimenta relata que recentemente havia concluído uma pesquisa que rompia um pouco com a tradicional relação academia/escola. Ela, juntamente com outros pesquisadores, iam até a escola fazer pesquisa, sem a intenção de assumir o papel dos docentes, mas também sem ser pesquisa *sobre* os docentes. O pretendido era uma colaboração entre escola e universidade para que os professores problematizassem suas práticas e as práticas educacionais (importante ressaltar que essa pesquisa nasceu de um pedido dos professores para a universidade). A autora afirma que a academia tem uma leitura crítica da escola, tem experiência de escola, porém é necessário que, juntamente com os professores, seja construída uma nova escola, que é preciso que a universidade aprenda a ler, compreender, interpretar o que os professores têm a dizer da escola. E Pimenta declara: “[...] penso que a grande mudança operada do início da minha carreira até agora é que hoje tenho muito mais certeza de que nós não temos certezas.” (COSTA, 2003, 163)

Pimenta afirma que a escola não está fazendo sentido para a população, mas precisa vir a fazer. Ela argumenta que é preciso haver escola, por ser o único espaço organizado para possibilitar o desenvolvimento das camadas populares, mas que é necessário mudanças significativas. Defende a ideia de que é necessário de maneira mais coletiva e ampliada, através de fóruns, ser mapeado em que a escola precisa ser transformada. Então argumenta em defesa da transformação na forma de gestão, na forma de organização do espaço e tempo, nas relações com a comunidade, na própria inserção no sistema de ensino (COSTA, 2003). E prossegue ressaltando:

Precisamos deixar muitas das nossas certezas sobre como ensinar e como aprender, para começar a pensar sobre como se transforma a escola num espaço de formação ampliada, de uma formação que eu chamaria de cultural,

⁶ Professora e diretora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, USP. Gestão 2002-2006 (dados do ano de 2003, período em que foi realizada a entrevista).

porque não se pode abrir mão da necessidade de crianças e jovens serem alfabetizados. E o que significa ser alfabetizado hoje, neste mundo em que vivemos? (COSTA, 2003, p. 177)

A entrevistada afirma ainda que, dos anos 90 para cá, as chamadas teorias pós-modernas trouxeram discussões interessantes, contribuições importantes para a escola. Argumenta que a escola precisa existir como espaço de ensino e aprendizagem sistemáticos da cultura, precisa fazer diferença em relação a outras formas de aprendizagem que existem na sociedade. Ela argumenta que, ao invés da perplexidade diante das dificuldades, devemos pensar em como enfrentar, o que temos e para isso a resposta não pode vir de um único lado, não pode ser de um único jeito (COSTA, 2003).

O discurso de Pimenta vai muito ao encontro das teorias pós-modernas aqui defendidas, sublinhando a ideia de que é preciso problematizar, é preciso ter diferentes olhares sobre os problemas, de que não há uma única resposta. Interessante observar também que a entrevistada trabalha há muitos anos com pesquisa docente e que ela sempre teve a preocupação de ir até às escolas, de mostrar nas suas pesquisas o que ouvia na prática, atitudes defendidas pela Linguística Aplicada Indisciplinar, que faz uma crítica profunda a pesquisa acadêmica que só teoriza e pensa saber o que é melhor na prática, embora nunca tenha se deslocado ao objeto de estudo.

As narrações de Pimenta fazem pensar também como os discursos predominantes nas instituições escolares evidenciam que para nós, docentes, é bastante problemático deixar as certezas que nos constituem sobre ensino e aprendizagem. Até mesmo porque estamos acostumados com o pensamento moderno, que costuma abandonar uma verdade quando encontra outra que pareça ser mais convincente, sendo que para as problemáticas educacionais ninguém consegue encontrar uma resposta “salvadora” que acalme as angústias docentes. Nesse sentido, as teorias pós-modernas frustram, por justamente defenderem a visão de que não há uma verdade, nem há outra que deva ser priorizada, há sim respostas que podem vir de diferentes discursos, há verdades que podem parecer até paradoxais, mas que precisam ser consideradas.

Na sequência da entrevista de Costa com Pimenta, Costa ressalta uma parte da história das instituições escolares que é bem enfatizada também em

Sibilia (2012), de que o modelo de escola que ainda temos hoje foi criado para o mundo moderno com professores e disciplina rigorosas objetivando prioritariamente a civilidade, a moldagem. Argumenta ainda que, apesar de todas as mazelas, a escola continua muito sólida e sobre isso lembra que já teve a oportunidade de vivenciar pessoas da sociedade que diariamente se punham a observar a escola, idosos até de pijamas, mulheres com crianças no colo e que em algumas conversas com moradores ou com estudantes ouvia: “É preciso passar pela escola para ser alguém na vida!” Costa considera que a escola foi e continua sendo uma credencial moderna poderosa, porém defende a necessidade de uma escola mais aberta, mais flexível, mais plural, declarando que há pouco a fazermos se não houver mudanças (COSTA, p. 179).

Essa descrição de Costa faz-me reportar para uma parte da minha prática docente atual que é executada em turmas de EJA, Educação de Jovens e Adultos, em que tenho muitos alunos que estão regressando à escola depois de quinze, vinte ou até trinta anos afastados da escola, e todos eles, obviamente, têm uma significativa história de vida percorrida: família constituída, trabalho, mas ainda assim todos são enfáticos quando indagados porque voltaram a estudar: “Para ser alguém na vida.” É inevitável um certo “aperto no coração”, pois sei que todos eles já são alguém na vida, sempre foram alguém, mas sei que o que querem expressar: é que ainda atribuem à escola a oportunidade de conquistarem metas de vida que não foram realizadas.

Seguindo as entrevistas de Costa (2003, p. 83) sobre o tema “A escola tem futuro?”, trago um pouco das colocações feitas por Nilda Alves⁷, que é professora e pesquisadora. Alves relata, na entrevista, que está fazendo uma pesquisa em que trabalha com a memória das professoras⁸ sobre aspectos do cotidiano, a fim de ouvir o que pensam, o que lembram dos processos pedagógicos e dos currículos na escola. A autora ressalta: “[...] tudo no plural, pois trabalhar no cotidiano permite compreender as tantas diferenças que vão

⁷ Professora titular da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) nas gestões de 1999-2001 e 2001-2003 (dados do ano de 2003, período em que foi realizada a entrevista).

⁸ Nilda Alves explica que há professores entre os entrevistados, mas por decisão política, o coletivo é tratado no feminino, inclusive nos títulos das pesquisas que ela coordena.

surgindo nas ações do dia-a-dia de todos os *praticantes*⁹ da escola.” A citação de Alves ratifica o que trabalho nessa pesquisa como hipótese: ouvir um professor é compreender um pouco da história de todos os docentes, porque o discurso nunca é isolado, ele sempre é carregado de tantos outros discursos que vem sendo repetidos, reforçados no decorrer dos tempos. Alves (2007, p. 67) ainda adverte:

[...] é preciso reconhecer, também, que ouvir professores/professoras, neste tão grave momento da educação escolar no Brasil e no mundo, significa perceber que é necessário incorporar aos debates a voz do *praticantedocente*, que vem sendo espezinhado a mais não poder, pois vem pagando contas sociais e econômicas que, na sua maior parte, não foi ele/ela quem fez.

Dar voz aos docentes é uma maneira então de minimizarmos essas problemáticas que têm sobrecarregado a função do docente e de constituirmos narrativas diferenciadas. A entrevistada Nilda Alves afirma que, através do desenvolvimento de suas pesquisas com docentes, ela aprendeu que a escola tem uma história diferente da oficial, que é marcada pela incompetência permanente da escola, pela má formação de seus professores, pela carência dos alunos, indiferenças dos pais. Então ressalta que esses discursos não são de agora, há muito tempo que ela ouve essa permanente desconfiança das chamadas “autoridades” sobre a escola (COSTA, 2003).

De certa forma, senti um pouco de alívio ao ler essa entrevista, porque a impressão que dá aos professores contemporâneos é que estamos sendo nós que não estamos tendo competência para atuar na educação, que estamos sendo nós os responsáveis pelo fracasso escolar. No entanto, Alves profere que, na década de 1940, quando ela fez uma pesquisa para a tese do seu primeiro concurso de titular, já ouvia falas de autoridades reclamando das faltas frequentes dos professores, de como os professores não se interessavam por nada ou eram mal formados. Porém, Alves argumenta: “Para mim, essa fala das autoridades para se mostrarem competentes a partir da exposição de

⁹ “Praticante” é um termo empregado por Michel de Certeau para determinar aquele que vive o cotidiano criando, permanentemente, na prática do *espaço dominado* ou lugar. Os sujeitos do cotidiano são *praticantes* por necessidade.

incompetência do professor perpassa a história do Brasil.” (COSTA, 2003, p. 86)

Alves explica que o seu trabalho de pesquisa vai buscar a história não-oficial da escola, a memória das professoras e das suas narrativas. Nessa contravenção entre docentes e autoridades, Alves relata uma narração ouvida sobre um tempo atrás em que o governo do Rio de Janeiro queria convencer o maior número possível de pessoas a morar na zona rural. As escolas rurais, segundo a propaganda do governo, teriam clube de mães, museu, salas-ambiente, enquanto que na prática não passavam de quatro salas de aula.

Na inauguração de uma dessas escolas rurais (que estava situada na zona urbana), um professor relembra que havia casas de abelhas, galinheiros e que momentos antes de o prefeito chegar para a inauguração, chegou um caminhão trazendo galinhas maravilhosas, gordas, então os professores pensaram: “Essa escola vai funcionar! Vamos ter galinha, vamos poder fazer horta”, mas logo que o prefeito vai embora, chega o mesmo caminhão para levar as galinhas embora e disse que teria que levar as galinhas, porque seria inaugurada outra escola rural e as galinhas nunca mais voltaram. Sobre essa história Alves ressalta a ideia de vitrine, de algo que tem que ser exposto, tem que ser fotografado mas que nunca funcionou. (COSTA, 2003, p. 92)

Embora a história das galinhas serem levadas me pareça até um pouco engraçada atualmente, porque parece cômica a relação entre escola rural e galinhas, ela representa e lembra uma série de situações que todo professor da rede pública já vivenciou. Qualquer investimento que seja feito em uma escola municipal é motivo de fotos, de cerimônia, de notícia nos jornais: a entrega de uniformes para alunos, a aquisição de novos computadores, ampliação de salas, etc. Já para que se consiga uma notoriedade qualquer para um trabalho diferenciado feito pelos próprios professores é um desgaste vultoso. Sendo que, nem sempre, os investimentos feitos pelos governantes são respostas às reais necessidades da escola, por vezes, valores grandiosos são investidos em inutilidades práticas.

Alves ainda aborda uma problemática que vai muito ao encontro da pesquisa dessa dissertação, que é o fato de oficialmente sempre haver destaque à necessidade de se respeitar o aluno, mas não haver nenhuma menção à realidade da professora. A entrevistada argumenta que a professora

sempre aparece atrelada aos seus deveres profissionais, mas a sua realidade é como se não existisse dentro da escola (COSTA, 2003):

É como se fosse um sujeito inexistente nessas propostas. A praticante que tem em sua mão a responsabilidade de levar em frente os processos pedagógicos e curriculares não existe, como necessidade e possibilidade, nas propostas oficiais. Ela não aparece como sujeito, ou quando aparece é no sentido de ter que prestar atenção ao outro praticante, que é o aluno, devendo fazer alguma coisa na direção desse aluno, sem jamais considerar suas circunstâncias de vivência, sejam pessoais, de formação, financeiras quanto a crenças, ou mesmo sem considerar que precisa de materiais para trabalhar dentro da escola, tais como livros e outros artefatos culturais. (COSTA, 2003, p. 95)

Alves, em toda a entrevista, atenta para o quanto ela percebe nos docentes, profissionais dedicados, engajados, e argumenta a favor de escutarmos mais as histórias trazidas pelos próprios professores. A pesquisadora dá muitos exemplos, através de suas narrações, de como através da linguagem, principalmente dos governantes, a classe de professores tem sido constituída como incapacitada.

Alves vê a escola no Brasil como uma instituição cada vez mais exigida pela população: seja para ter um lugar seguro para os filhos, seja para que tenham a oportunidade de uma vida melhor ou como lugar de convívio social.

Considerando as ideias defendidas até aqui, percebemos o quão importante é a linguagem enquanto constituidora de significados. Como já declarado, não é que as coisas não existam anteriormente à linguagem, mas é que só através dela as coisas ganham significado. E os significados podem ser muitos, como é o caso da escola, incontestavelmente existente na sociedade, mas o significado que ela tem para as pessoas depende dos discursos que estão sendo produzidos.

Entre os discursos produzidos, aqueles que reforçam a ideia de que há problemáticas educacionais sérias e de que é preciso mudanças é bem recorrente até mesmo para os mais crentes ou esperançosos. Velasques (2013), em sua pesquisa de Dissertação, em que fez um estudo sobre a constituição identitária de professoras de língua inglesa em formação, a partir de narrativas orais e baseado nas teorias dos Estudos Culturais e da Linguística Aplicada Transdisciplinar, afirma: “É possível perceber também que a docência

nunca foi uma ocupação de grande prestígio desde os primórdios de sua existência [...]” (VELASQUES, 2013, p. 70).

Até mesmo porque, vale enfatizar, essa é uma profissão prioritariamente feminina e por isso já carregou, desde a sua criação, muitos preconceitos, visto que não foi por reconhecimento a sua capacidade que o sexo feminino foi escolhido para exercer tal tarefa; pelo contrário, foi mais pela sua falta de capacidade intelectual que a sociedade achou que fazer algo muito semelhante com o que as mulheres já faziam há muito tempo, “cuidar de crianças”, poderia ser um ofício possível se seguidas de uma série de regras.

A partir da desnaturalização das narrativas que compõem a profissão docente e a problematização dessas histórias, compreendemos melhor a contemporaneidade e “despertamos” para novas formas de luta. Velasques (2013, p. 70) ressalta: “[...] a impossibilidade de se destacar da formação e da constituição identitária profissional dos professores as questões de ordem política, social e cultural.” Ou seja, é imprescindível que nós docentes conheçamos os elementos que têm constituído a profissão docente no decorrer da história, para que possamos nos engajar em lutas mais conscientes.

A partir das leituras aqui abarcadas, parece-me que há um interesse muito expressivo por parte dos profissionais da educação em pensar soluções, em tentar novas possibilidades. A partir das narrativas que serão analisadas no capítulo seguinte, as percepções aqui traçadas poderão ser mais amplamente mapeadas, corroborando para expandirmos o nosso olhar sobre a educação.

5 Narrativas Docentes Contemporâneas

Lima, Geraldi C. e Geraldi J. (2015, p. 19) enfatizam o fato de que muitas pesquisas ainda valorizam o distanciamento do pesquisador em relação à realidade que está sendo pesquisada. A neutralidade é defendida como possível garantia de uma maior validade do trabalho. Sobre tais argumentos, os autores ressaltam:

Contudo, é justamente o "cuidado" teórico-metodológico de o pesquisador manter distância, objetividade e neutralidade que tem produzido pesquisas nas quais os sujeitos cada vez menos se reconhecem uma vez que suas práticas, seus saberes e fazeres se aproximam de uma caricatura. Além disso, as conclusões produzidas por essas pesquisas, consideradas consistentes pelo rigor teórico-metodológico, acabam autorizadas a expor, julgar, criticar, formatar e prescrever práticas.

A partir da citação, ratifico novamente o quão importante foi para mim escolher um objeto de pesquisa no qual estava totalmente imbricada; o quanto essa proximidade foi enriquecedora ao escutar narrativas nas quais eu também me identifico; sem haver a pretensão do julgamento ou da crítica, porque somente ouvir as narrativas docentes já abarca uma contribuição bastante significativa.

Certamente, ouvi-las foi fundamental e para as pesquisadas narrar a si próprias também pareceu bastante enriquecedor, porque conforme Ghiraldelo (2010, p. 253) ressalta:

O dizer de si é uma maneira de eles não apenas legitimarem suas condutas como professores, mas, sobretudo, se compreenderem a si mesmos. A escrita de si de cada enunciador é manifestada, conforme os traços da

subjetividade de cada um. Em outras palavras, cada enunciador desenha pra si uma identidade profissional, conforme os discursos mais caros a cada um; os discursos que mais fazem eco para cada um.

A citação referida confirma mais uma vez, nessa pesquisa, o quão importante é o docente contituir-se a partir da linguagem para melhor compreender-se a si próprio, para discorrer sobre os discursos que têm constituído as aulas de língua materna, enfim, para todos refletirmos e pensarmos outras possibilidades para professores e educação contemporânea.

Nesse propósito, pedi colaboração para profissionais que estavam atuando em sala de aula, no mínimo 20 horas semanais e que possuíam alguns diferenciais, como idade, tempo de atuação, escola pública ou privada como ambiente de trabalho. Tais diversidades poderiam influenciar para que as narrações fossem bastante distintas, mas poderiam, apesar das diferenças, possuir muitos pontos em comum.

Apenas para um entendimento mais amplo da situação atual de Pelotas, cidade na qual todas as entrevistadas trabalham, em relação ao sistema público de ensino, os últimos anos têm sido bastante marcados por paralisações, greves, protestos, principalmente por queixas em relação a questões salariais - fatos que, como constatado nas narrativas, de uma forma mais ou menos direta, aparecem com frequência nos discursos docentes aqui analisados.

Pedi a cada docente que escolhesse um apelido em substituição ao nome, para que o anonimato fosse preservado, conforme previamente estabelecido. Portanto, em todas as referências, todas entrevistadas são citadas sempre pelos apelidos. A seguir uma breve apresentação de quem são as pesquisadas:

Antônia, 28 anos, há 1 ano atua como professora de Português em uma escola particular de Pelotas, sendo que já atuava nessa mesma escola há mais um ano como professora de Inglês, embora seja formada em Letras-Espanhol. Trabalha 26 h/aulas semanais.

Bruna, 35 anos, há 11anos atua como professora. Atualmente, trabalha em uma escola particular e é proprietária de um Centro de Linguagem especializado em Português e Redação para vestibulares e concursos. Na escola, trabalha 30 h/aulas semanais.

Ju, 26 anos, há 9 anos atua como professora. Trabalha em uma escola particular e é sócia de Bruna no Centro de Linguagem. Trabalha 30 h/aulas semanais na escola.

Psiquê, 33 anos, há 10 anos atua como professora. Atualmente, trabalha em uma escola do município e outra do estado, totalizando 40h/semanais como docente; além de ser proprietária de uma loja de roupas infantis e representante de uma linha de cosméticos.

Rai, 40 anos, há 15 anos atua como professora. Atualmente, trabalha em uma escola do município e outra do estado, além de ser tutora em alguns cursos à distância; ao todo soma mais de 60h/ semanais trabalhando.

Zia, 53 anos, há 20 anos atua como professora. Atualmente, trabalha em um colégio municipal 40h semanais, além de ser tutora em um curso à distância.

Não foi algo previamente planejado, mas conforme fui realizando as primeiras entrevistas, decidi continuar pesquisando apenas profissionais do sexo feminino, pois conforme fui realizando as leituras, fui apropriando-me de um conhecimento mais crítico em relação à história do Magistério, então considerei conveniente fazer uso dessa pesquisa para também problematizar um pouco da relação entre a profissão docente e o gênero feminino. Não ao acaso, mas como aqui defendido, a linguagem foi constituindo representações da profissão docente feminina que precisam ser problematizadas, desnaturalizadas. Portanto, teço aqui um breve histórico dessa profissão.

Louro (2011) relata que, quando as primeiras Escolas Normais foram criadas, a ideia era formar homens e mulheres, mas que logo havia um número muito mais significativo de mulheres do que homens buscando formação, até mesmo porque as mulheres tinham uma vida social muito restrita, cuidavam de afazeres domésticos ou relacionados à igreja, então, exercer a docência surgia como uma possibilidade de fazer algo além. Mas esse processo não foi naturalmente aceito sem qualquer tipo de resistência, alguns argumentavam que era uma verdadeira insensatez deixar que mulheres despreparadas e portadoras de cérebros pouco desenvolvidos, já que não eram usados, educassem crianças.

No entanto, para outros, o exercício do Magistério deveria ser compreendido como uma “extensão da maternidade”, os alunos deveriam ser

vistos como filhos “espirituais”, sendo assim, nada mais natural do que relacionar a docência a uma atividade de amor, entrega, doação. Tal discurso fez com que cada vez mais os homens fossem escolhendo outras ocupações que financeiramente eram mais rentáveis e as mulheres com “verdadeira vocação” foram cada vez mais associadas ao fazer docente. Características como paciência, afetividade, doação eram cada vez mais defendidas, por serem encontradas mais “naturalmente” no sexo feminino. (LOURO, 2011, p. 450)

O instigante é que mesmo que os discursos vigentes repetissem e reforçassem a ideia de que as mulheres possuíam o perfil ideal para as atividades docentes, os homens é que unicamente e por longo tempo exerceram as funções de diretores e inspetores, pois as mulheres deveriam ficar nas salas de aulas, porém para exercer funções de direção e inspeção era necessário que homens tivessem o controle, porque a eles eram atribuídas características referentes a poder, superioridade, firmeza nas decisões. (LOURO, 2011)

Entretanto, a quem possa pensar que, ao menos, na sala de aula as mulheres poderiam independentemente tomar as decisões, convém ressaltar que elas seguiam regras bastante rígidas:

[...] como modelo das estudantes, as mestras deveriam também se trajar de modo discreto e severo, manter maneiras recatadas e silenciar sobre sua vida pessoal. Ensinava-se um modo adequado de se portar e comportar, de falar, de escrever, de argumentar. Aprendiam-se os gestos e olhares modestos e decentes, as formas apropriadas de caminhar e sentar. [...] Através de múltiplos dispositivos e práticas ia-se criando um *jeito de professora*. (LOURO, 2011, p. 461)

Rolleberg (2003) ainda argumenta como o Magistério era e continua sendo encarado na sociedade. Nem a própria mulher considerava essa tarefa como profissão, era um trabalho fora de casa para ser exercido até que ela fosse esposa e mãe, essas sim verdadeiras missões femininas. Depois do casamento “o sustento da família cabia ao homem, o trabalho externo para ele era visto não apenas como sinal de sua capacidade provedora, mas também como um sinal de sua masculinidade” (LOURO, 2011, p. 453).

A maneira como o Magistério foi sendo constituído auxilia a melhor compreendermos porque essa é uma profissão em que os concursos até os dias de hoje são oferecidos, em sua grande maioria, para 20h semanais. Assim sendo, mesmo que na contemporaneidade as mulheres casem e/ou tenham filhos e continuem trabalhando, elas podem trabalhar um único turno e conjuntamente continuar exercendo as funções de dona de casa e de principal responsável pela criação dos filhos, papéis que pouco mudaram no decorrer dos tempos.

Por todas as narrativas que ao longo do tempo vem constituindo a identidade docente, considere justo e bem representativo escutar somente mulheres. Por toda a questão histórica, pela relação constituída entre o Magistério e as mulheres, defendo e ainda acho necessário que lutemos por dar voz a elas, que lutemos para que o gênero feminino faça cada vez mais parte da história. Não cabe aqui me estender a respeito de um discurso feminista, mas como optei por realizar uma pesquisa em que anulo completamente a ideia de neutralidade, considero relevante explicar qual a importância que tem para mim as entrevistadas serem todas mulheres. FABRIS (2006, p. 131) afirma:

[...] muitas formas culturais são tomadas como naturais e assumidas como tais, em favor de um discurso da afetividade ou da masculinidade ou de tantos outros, que nos posicionam em polos distintos, como se não fosse possível coexistir dentro de cada sujeito uma multiplicidade de jeitos de ser, de viver, de ser homem e mulher, ser professor e professora.

Ao encontro do exposto Costa (2006, p. 88 e 89) argumenta:

É preciso contar, exaustivamente, que professoras não trabalham apenas para seus alfinetes, que o magistério é povoado por seres sensíveis, sim, mas não por isso menos preparados pra cumprir seus designios na preparação de cidadãos e cidadãs de um mundo que se deseja mais justo e solidário. [...] falando como professora, defendo que precisamos fazer circular as nossas histórias, contadas por nós. Precisamos ocupar espaços de discurso do nosso jeito, com as nossas vozes, com a nossa semântica e o nosso léxico. Isto é participar da política cultural da identidade.

As citações referidas discorrem sobre o quão fundamental é desnaturalizarmos a história para também desacomodarmos e nos darmos

conta de que não é porque sou mulher que devo agir somente dentro de um padrão que há muito tem sido estabelecido, não é porque sou professora que devo limitar-me ao que sempre a sociedade determinou como conveniente. Portanto, uma maneira de fazermos a diferença é ouvindo o que as próprias mulheres têm a contar, oportunizando que as mesmas ocupem seus espaços, lutem por seus direitos. Sendo assim, nessa pesquisa, o gênero feminino foi priorizado.

Nesse processo de escuta das narrativas docentes femininas é vital atentarmos para a importância de compreendermos que as narrativas devem ser desconstruídas, devem deixar de ser possibilidades fechadas de leitura e serem vistas como textos abertos, como histórias que podem ser invertidas, subvertidas, parodiadas, para contar histórias diferentes, plurais, múltiplas; histórias que se abram para a produção de identidades e subjetividades contra-hegemônicas, de oposição (SILVA, 1995).

As entrevistas foram esquematizadas a partir de quatro perguntas amplas e, conforme as narrações iam ocorrendo, eu fazia outras perguntas para compreender melhor o que estava sendo narrado. As perguntas iniciais foram:

- 1) Como e por que te tornaste professora de Língua Portuguesa?
- 2) Como tu avalias, nesse momento, a questão “satisfação profissional” em relação a tua carreira docente?
- 3) Qual ou quais contribuições tu achas que as aulas de Português podem trazer aos alunos contemporâneos?
- 4) Para ti, como é ou como seria o processo de ensino e aprendizagem de língua materna plenamente satisfatório?

Antes de adentrar a análise das respostas, discorrerei um pouco sobre como foi para mim realizar as entrevistas, pois em uma pesquisa que deseja melhor compreender os docentes através de suas narrações, considero relevante que a minha pesquisa também seja narrada em toda a sua constituição. A riqueza das histórias foi muito mais expressiva do que a própria justificativa que eu mesma fiz delas. E algo que me sensibilizou bastante foi os sentimentos que as docentes expressaram ao constituir suas narrativas. Todas

as pesquisadas demonstraram uma boa vontade grandiosa em narrar-se e cada história transparecia muito fortemente sentimentos de frustrações, receios ou ainda alegrias, entusiasmos e esperanças.

Em suma, os sentimentos que experienciei ao longo da coleta de dados foram de extrema importância na proposta dessa dissertação, pois, como já mencionado, não há como fazer pesquisa sem envolver-se, sem fazer escolhas, e o modo como eu realizei cada etapa desta pesquisa evidenciam, entre muitas outras coisas, a minha constituição enquanto docente e pesquisadora.

A seguir, apresento a análise das narrativas, divididas em quatro partes, cada uma referente a uma pergunta realizada, apresentando trechos das narrações de Antônia, Bruna, Ju, Psiquê, Rai e Zia conforme a relação que fui estabelecendo das respostas. Ratifico mais uma vez que as pesquisadas são tratadas aqui pelo apelido por elas escolhido a fim de manter o anonimato exigido.

5.1 Como e por que te tornaste professora de Língua Portuguesa?

Esta primeira pergunta *Como e por que te tornaste professora de Língua Portuguesa?* objetivava estimular o início das narrativas em relação à constituição profissional de cada docente, processo que poderia ter ocorrido de maneira objetiva, pontual, em um determinado momento da vida, mas que também poderia ter sido constituído no decorrer do tempo, de forma mais ou menos consciente. Ao constituir suas narrativas, a docente, através da linguagem, estaria se constituindo enquanto indivíduo e enquanto profissional, processo extremamente importante para que compreendamos melhor a educação contemporânea, reflitamos e repensamos novas possibilidades.

A partir, então, da primeira pergunta *Como e por que te tornaste professora de Língua Portuguesa?*, Rai narrou que o primeiro interesse pela língua surgiu quando cursava Química na então antiga Escola Técnica de Pelotas, hoje Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSul), e que teve um

professor de Português bastante rígido, então, pela primeira vez na sua história de aluna, teve dificuldades em passar. Mais tarde, trabalhou na área de Química, mas as oportunidades não eram muito favoráveis; somado a isso, ela teve vontade de fazer algum curso de Língua Portuguesa para melhorar seu desempenho, então acabou optando por fazer a licenciatura em Língua Portuguesa e a partir daí decidiu também trabalhar na área.

Rai narra da seguinte forma:

[...] eu me formei na escola técnica e no mesmo período eu tive um professor de Português que me marcou muito porque ele era exigente e porque eu tive muita dificuldade [...] eu atribuo na verdade a minha escolha por ele, não de forma consciente, na verdade eu só me dei por conta disso depois de um tempo.

Já Antônia teve uma história bem diferente: sua mãe trabalhou sempre como professora e ela frequentava muito a escola em que a mãe trabalhava e gostava muito de tudo que lá vivenciava. Além disso, em casa, seu pai se destacou pelo incentivo à leitura que sempre repassou aos filhos. Ela e os irmãos cresceram sempre ganhando muitos livros, ouvindo muitas histórias e isso a marcou de uma maneira tão positiva que ela optou por cursar Letras, justamente para poder transmitir aos alunos a importância da leitura e conscientizá-los disso. A importância dos livros na sua vida é fundamental na sua constituição como profissional. Vejamos:

[...] desde muito pequena eu ganhava muitos livros e até hoje eu sou uma pessoa apaixonada por livros, uma paixão quase compulsiva, assim, tenho bastante livros e gosto muito, tenho muito contato com livro, gosto. [...] os livros sempre estiveram muito à disposição nossa, de todos os filhos e presentes normalmente de meu pai em aniversário, natal, essas datas, então foram inclusive leituras que me marcaram, sempre tive muito carinho pelas letras, pela linguagem, foram fatores fundamentais para eu decidir ser professora de Português, por gostar muito de comunicação e de ler, foi meu primeiro atrativo pela profissão. [...] essa paixão que eu quero passar pelos alunos [...]

Traçando um comparativo das narrativas de Rai e Antônia é possível percebermos que Rai vai se constituindo como docente a partir de histórias, em princípio, negativas: professor rígido, dificuldades em passar, mercado de trabalho desfavorável. Já Antônia, ao contrário, começa sua constituição como docente na infância a partir de narrativas que relatam histórias felizes, positivas: gostava de frequentar a escola em que a mãe trabalhava, o gosto pela leitura incentivado pelo pai. No entanto, analisando as duas narrativas, podemos observar que tanto fatores negativos como positivos foram fundamentais para que em determinado momento elas tivessem uma escolha consciente da profissão que seguiriam.

A narrativa de Ju também pode ser comparada à de Rai na questão de igualmente ter sido motivada por um fator negativo na vida escolar: reprovação em uma prova, que a fez estudar sozinha. Vejamos:

[...] eu estudava ainda no ensino fundamental quando eu tive uma primeira reprovação no 7º ano, na 7ª série, que não era nem ano naquela época, daí eu fui reprovada numa prova e ela decidiu que eu iria fazer apenas o exame final e aí eu tive que estudar sozinha, aí como eu tinha uma tia também professora de Português eu acabei pegando uma gramática para estudar a parte de sintaxe, que era 7ª série né, e eu estudei, estudei sozinha e peguei gosto [...]

Passando para a narrativa de Zia, é vital atentarmos que, já na primeira pergunta, ela ressalta a questão financeira da profissão e a questão da desilusão que ocorre na prática, dizendo:

Nunca se pensa muito, nunca se pensava muito naquele tempo na parte financeira da coisa, hoje em dia, já os jovens veem mais isso, a gente naquela época dizia eu quero ser tal coisa né [...] A gente se desilude assim quando vai trabalhar mesmo né, porque a gente idealiza uma coisa, mas acho que isso faz parte de qualquer profissão né.

Zia, entre as pesquisadas, é a que conta com mais tempo de docência: 20 anos. Nas suas narrativas, aparecem de forma chamativa as queixas em

relação à profissão. Pode ser que a questão do tempo em que já atua seja colaborador para que ela constitua sua trajetória de forma mais desesperançosa e mais perceptiva das problemáticas educacionais.

Psiquê narra sua trajetória da seguinte forma:

Quando eu fui fazer o ensino médio no Pelotense eu me inscrevi pra magistério né e aí depois eu fiquei pensando “Deus me livre dar aula, que horror né” e resolvi trocar, resolvi ir pro ensino regular e aí não tinha como eu voltar atrás, então eu teria que rodar um ano pra poder ir pro regular, aí eu decidi sair da escola, sair do Pelotense e fui pro Santa Margarida fazer Informática [...] durante todo o meu ensino médio eu aprendi muita coisa de Matemática e vi que aquela não era a minha área mesmo né [...] fui cursar Engenharia, odiei, quando eu vi as cadeiras de Matemática, eu ia ficar 25 anos pra me formar e aí eu comecei a fazer Letras aqui e quando eu fui fazer Letras, que a gente começou as análises dos poemas e tal eu me apaixonei [...] mas quando eu comecei a dar aula eu adorei, adorei, adorei, adorei, a sala de aula te renova muito né [...] Primeiro lugar que eu dei aula foi no CAVG, então eu acho que foi uma experiência tão legal, tão boa, o colégio era tão bom assim, as crianças eram muito educadas, era bem bacana de trabalhar e aí em seguida eu fiz outros concursos então eu fui indo, fui indo, fui indo.

A narrativa de Psiquê é bastante peculiar em relação às demais, porque as oscilações entre uma área e outra permeiam toda a sua trajetória, inclusive ainda no momento atual, como narra nas respostas posteriores. No entanto, tudo parece acontecer muito naturalmente, não como conflitos, mas como característica dela mesmo, de tentar tudo que considera válido em determinado momento. No ensino médio, ela experencia o Magistério e a Informática. Na graduação, começa fazendo Engenharia da Computação, depois passa a fazer Letras, resolve também fazer Design Gráfico e alguns anos depois (narrativa de resposta posterior) ainda inicia o curso de Odontologia. A linguagem por Psiquê utilizada constitui uma estudante e mais tarde uma profissional bastante curiosa e motivada, capaz de mudar suas escolhas toda vez que assim considerou necessário e oportuno. Em relação a ser docente, por exemplo, tinha certeza de que não queria ser, tanto que mudou de escola por causa disso, mais tarde, porém, descobre na sala de aula uma grande paixão. Sobre tais narrações, é

essencial relembremos Bauman (2005) quando ele afirma que o pertencimento e a identidade são bastante negociáveis e revogáveis, ou seja, há todo um contexto que vai influenciar o quanto vamos manter ou não determinada identidade, determinado pertencimento.

Bruna enfoca, na sua narrativa, uma outra questão bem pertinente aos licenciados em Letras, que é a questão da possível tripla formação: Português, Literatura e uma Língua Estrangeira. Sobre isso ela narra:

[...] eu quando entrei optei por fazer Português/Espanhol, na época idealizava trabalhar com os dois, durante a faculdade eu descobri que não gostava de trabalhar com Espanhol, adorei fazer a faculdade, pra mim é muito válido, falo numa boa, mas não é o que eu queria para trabalhar. Literatura também descartei durante a faculdade, já dei algumas aulas de Literatura, mas não é o que eu domino e não gosto muito e aí fiquei com o Português, que me encantou, eu acho que os professores da faculdade fazem uma diferença muito grande, principalmente no curso de Letras que a gente tem a Redação, o Português, a Literatura, a Língua Estrangeira, eu acho que os professores que a gente tem fazem uma diferença na escolha da área que a gente vai seguir [...]

Essa múltipla formação é muito relevante na constituição das docentes de Letras, o como e o porquê se escolhe uma ou outra disciplina certamente não se dá ao acaso; um dos fatores prováveis, como afirmou Bruna, podem ser as aulas dadas na graduação. Dificilmente, um profissional da área de Letras trabalhará com todas as disciplinas para as quais têm formação; se não no decorrer da faculdade, posteriormente, na prática profissional, ocorrerá uma escolha, uma preferência de atuação. E tal escolha, indubitavelmente, é tomada por todas as narrativas que constituem uma estudante e posteriormente uma profissional.

Através das narrativas trazidas pelas entrevistadas, constatamos como as identidades são produzidas nas relações culturais e sociais: conforme afirma Silva (2000), todas as pesquisadas narram histórias de vida em que a escolha pela docência parece ter sido gestada desde muitos anos antes de terem que decidir qual seriam suas profissões - nas relações aluno/professor, família; na interação com a escola; na interação com os livros, etc. Todas essas experiências foram

constituindo a identidade docente das entrevistadas, mas o sentido dado a essas construções identitárias vai emergindo no momento em que elas se narram. Nesse sentido, retomo Hall (1997) e o conceito de “virada cultural”, em que se compreende a linguagem como constituidora para a vida social como um todo, inclusive para as identidades.

Portanto, em relação a essas primeiras narrativas, considero de vital importância a mostra de como as identidades não são fixas, não são irrevogáveis; como faz parte da constituição pessoal e profissional as idas e vindas de escolhas, a mudança de planos, de metas. Ainda é pertinente salientar que as narrativas enfocadas por cada pesquisada abordaram tempos bem diferenciados: infância, adolescência; período de vestibular, período de estudante na graduação; ou seja, a identidade profissional de cada uma começa em um momento diferenciado, de acordo com as suas vivências.

O questionamento analisado no subcapítulo a seguir objetivou traçar um paralelo das narrativas que constituíram cada uma das pesquisadas em uma docente de Língua Portuguesa e como se sentem, depois de graduadas e atuantes, em relação à satisfação profissional.

5.2 Como tu avalias, nesse momento, a questão “satisfação profissional” em relação a tua carreira docente?

Esta segunda pergunta, *Como tu avalias, nesse momento, a questão “satisfação profissional” em relação a tua carreira docente?*, objetivava ouvir narrativas e conseqüentemente possibilitar uma reflexão, um repensar de toda trajetória profissional e de como cada uma delas sente-se no momento atual, pois sabemos que a prática educacional traz muitas problemáticas que na formação não são sequer imaginadas e que podem acarretar mais ou menos satisfação profissional. Estar profissionalmente satisfeito é essencial para um trabalho bem desenvolvido, entretanto, os discursos predominantes sobre professores costumam constituir profissionais bastante insatisfeitos, o que é extremamente preocupante.

Passando à análise das narrativas pesquisadas, Rai afirma:

Bom, no meu lado pessoal eu cresci muito como professora, eu sempre acho que ser professora é um exercício contínuo de superação, de paciência, de tolerância, de observação dos adolescentes e crianças com quem a gente lida, eu gosto bastante de ser professora, mas hoje assim comparando com o início, já faz 15 anos que eu trabalho em sala de aula eu me sinto desmotivada, descrente em relação ao trabalho que eu faço, é como se eu tivesse perdido um pouco do porquê, qual a minha função? Eu faço diferença? Eu já não sei mais.

Nesse trecho, Rai começa salientando o gosto pela profissão, os aspectos positivos que ela considera, mas logo narra que, apesar de gostar, a sua satisfação profissional decaiu bastante no decorrer do tempo. A seguir, podemos perceber que Rai entende a importância do repensar, do reconstituir-se, mas, ainda assim, vê as problemáticas educacionais como barreiras muito significativas e difíceis de serem transpostas.

[...] é claro que a gente enquanto professor precisa quebrar um pouco das nossas certezas né, porque a gente também vem de uma educação, tem um modelo de educação, mas parece que tu não consegue fazer muito pelos alunos, eles já vêm pra escola, eles veem a gente, a escola de uma maneira tão desmotivada e tu não sabe como atingi-los.

Rai atribui a questão da desmotivação a vários fatores, como falta de estrutura no ambiente escolar, professores cansados, a maneira como a sociedade vê os professores, a maneira negativa como a mídia costuma constituir os docentes. A entrevistada também afirma:

Talvez há 15 anos atrás eu fosse mais ingênua, tinha 25 anos, não percebesse tudo isso, mas hoje isso pra mim tem um peso muito grande. [...] Eu não sei se eu saberia ser outra coisa, mas se [...] eu tivesse a dimensão do que é a educação, seja pública ou privada, eu acho que eu faria outra coisa.

Rai ainda afirma não procurar outras possibilidades de emprego, pois trabalha muito, ficando difícil tentar outras alternativas, mas diz que trabalhar

com essa insatisfação que sente é muito penoso. A entrevistada ressalta também que costuma ver alguns colegas chegarem ao momento da aposentadoria não suportando mais o fazer pedagógico. Ela torce para que, se não surgir nenhuma outra possibilidade profissional, não chegue ao ponto de não suportar mais. Quando narra que se há 15 anos atrás tivesse a dimensão do que é a educação, parece estar enfocando aí todas as problemáticas por ela atualmente percebidas.

A linguagem utilizada por Rai evidencia o quanto ela preocupa-se em realizar um trabalho engajado. Quando ela pergunta a si própria se ainda faz a diferença, é porque fazer a diferença para ela parece ser fundamental. As queixas citadas pela entrevistada em relação a sua insatisfação profissional constituem um discurso docente que precisa ser indagado, problematizado, porque conforme Fabrício e Bastos (2009, p. 40) “[...] ao focalizarmos usos da linguagem particulares estamos nos debruçando, de forma explícita ou não, sobre a sociedade na qual eles ocorrem.”

Partindo da citação de Fabrício e Bastos, é muito perceptível o quanto o discurso de Rai tem sido repetido e reforçado pela grande maioria dos docentes. Isso certamente não acontece por acaso, ao contrário, embora aqui estejamos enfocando as problemáticas educacionais, elas também são parte da sociedade como um todo, não há instituições escolares isoladas do restante: as dificuldades que a escola enfrenta são dificuldades que muitas outras instituições também enfrentam, que constituem toda a sociedade contemporânea. Quando professores recebem a função de formar cidadãos de bem para que o futuro seja promissor, há um entendimento errôneo, intencional ou não, de que cabe à escola, solitariamente, construir uma nova sociedade.

Antônia, com apenas um ano de docência na Língua Portuguesa, também narra como se sente frustrada, a ponto de já estar pensando e tentando outras possibilidades profissionais. Isso novamente demonstra que os discursos se repetem, sejam na professora que atua há 15 anos, seja na professora que está no primeiro ano de profissão, seja em tantos outros casos que certamente essas narrações representam. Vejamos:

[...] tu encontra muitas adversidades, a ponto de que elas, muitas vezes, são mais negativas do que positivas, então isso hoje me faz repensar se eu quero essa carreira pra minha vida toda, embora eu sempre quisesse isso pra minha vida, então hoje eu já penso em mudar a área, porque eu penso assim e falo para as pessoas que eu tenho contato se o sistema não muda, se as condições não mudam, tanto assim que valorização do professor em todo o contexto escolar que ele é bem complicado, já que o sistema então, a realidade não muda, quem tem que mudar sou eu, então isso me deixa frustrada porque eu tenho que pensar em outras opções, então tenho feito o Enem, pensando em outras possibilidades de profissão, então o que eu sempre quis não é possível que eu me sustente com isso a vida toda [...]

A fala de Antônia remete-nos a Fabrício e Bastos (p. 41) quando as autoras afirmam que porque altamente dependente de aspectos contextuais (discursivos, microinteracionais, socioculturais e históricos) o conceito de identidade permanente alterna para identidades no plural, fragmentados. Quando Antônia afirma já estar pensando e tentando outras possibilidades é porque ela já está constituindo a possibilidade de outras possíveis identidades profissionais que possam vir ao encontro de suas expectativas e tais possibilidades passam a ser pensadas porque continuar sendo professora não é apenas uma escolha de gosto pessoal, mas dependente de aspectos como os citados por Fabrício e Bastos, por exemplo: O que significa ser docente na contemporaneidade? Qual a valorização que esse profissional tem? Quais as condições de vida que financeiramente essa profissão possibilita? Ou seja, há muitas reflexões que precisam ser pensadas, por isso as identidades são fragmentadas, são plurais, porque estão em constante transformação.

De todas as problemáticas, a entrevistada Antônia concentra sua maior queixa na questão salarial, contrapondo os baixos salários ao excesso de trabalho que recai sobre o professor, inclusive quando sai do ambiente escolar e precisa continuar trabalhando em casa. É interessante a análise dessa visão de Antônia, porque mostra que, mesmo que ela tenha crescido em um ambiente que sempre lhe passou somente coisas positivas da profissão docente, ela, com pouquíssimo tempo de profissão, percebe coisas que Rai afirmou que não percebia no tempo em que começou a docência.

[...] tenho 26 horas/aula, não é uma quantidade muito grande, mas a quantidade de horas que eu trabalho em casa ela é interminável, então eu trabalho o equivalente a 40 horas, às vezes um pouco mais, dependendo do período do bimestre, então assim se trabalha muito, só se trabalha né, então não há retribuição, acredito que se tivesse um ambiente que tivesse uma retribuição financeira legal, satisfatória, com certeza tu relevaria algumas coisas, então nesse sentido aí acho bem complicado essa questão da desvalorização. [...] Hoje, se eu pudesse eu mudaria de profissão, inclusive tenho investido nesse sentido já.

Alves, em resposta a uma entrevista sobre a escola ter futuro ou não, afirma que todas as suas pesquisas têm mostrado o quanto a escola é um lugar de dedicação das professoras e então tece uma crítica ao fato de que as propostas oficiais sempre destacarem que é preciso respeitar o aluno, mas nem ao menos mencionam a realidade dos professores (COSTA, 2003).

A autora afirma:

A professora aparece [...] simplesmente, como devendo fazer isso ou aquilo, jamais com sua própria realidade existindo, também, concretamente dentro da escola. É como se fosse um sujeito inexistente nessas propostas. [...] Ninguém se preocupa com o tipo de preparo que tem e de que recursos efetivos dispõe para levar adiante os múltiplos processos dentro da escola. Não se considera o que ela sabe, em que ela acredita, entendendo-se que assumirá, sem resistência, o que outros pensaram e querem que execute. (COSTA, 2003, p; 95)

A queixa de Antônia em relação à quantidade de horas extras que é necessário trabalhar em casa é uma das problemáticas que demonstra o quanto realmente ser professor aparece somente em seus deveres e o quanto é inexistente a preocupação enquanto indivíduo. Ainda que a lei atual possibilite um mínimo de horas/aula que o professor tem direito para preparação das suas atividades na escola, esse tempo ainda é irrisório comparado ao trabalho que uma sala de aula exige antes e após as aulas. Antônia, certamente, ainda tem uma carga horária bem menor que a maioria dos docentes atuais, que costumam trabalhar de 40 a 60h semanais em razão dos baixos salários. Somado a isso ainda precisam realizar atividades pedagógicas em casa,

portanto, há de se refletir que profissional pode ser esse, que não tem ao menos seus direitos enquanto cidadão respeitados?

Zia também enfatiza a problemática dos baixos salários e segue falando ainda sobre as consequências disso, como: greves trabalhistas, desvalorização profissional frente à sociedade:

“Ah esses são aqueles que entraram...” Sim generalizando... “Esses são aqueles que entraram em greve e não conseguiram nada.” Deve passar pela cabeça dos alunos: “A gente tem nada que respeitar essa criatura, ele tá sendo pago por mim mesmo... E tá sendo mal pago e tá aqui trabalhando”, sabe a gente ouve tantos comentários tanto dos alunos quanto de pessoas que não pertencem a profissão que realmente a gente se sente bem desestimulado, tem que gostar muito pra seguir ou então tá em fim de carreira, porque eu acho assim as pessoas novas tão procurando outras alternativas ou tu vai fazer um mestrado pra ir trabalhar na faculdade, agora o ensino público que é como a gente trabalha tá muito ruim, tá muito difícil de trabalhar e tu não tem respeito mais de nenhuma... De nenhum lado né, de onde tu vê respeito?”

Zia ainda narra como percebe ao longo do tempo a questão salarial dos docentes e conta quem eram os professores na cidade em que ela cresceu, como a docência era vista:

[...] quando eu estudava não se ouvia falar em salário de professor, não se ouvia ninguém reclamar de salário de professor e em cidade pequena, naquela época, tinha um contexto diferente também “Ah, tu é advogado, ah te inscreve lá”, naquele tempo acho que DE10, “te inscreve lá na DE que tu pode dar aula”, quer dizer, as pessoas tinham uma outra profissão e aquilo era um “bico”, quer dizer mil reais por um bico, que é o que se ganha mais ou menos por vinte horas né, não é ruim, tu tinha uma profissão, tu era Advogado, tu era Economista... Aí tu te inscrevia pra dar aula de Matemática ou até mesmo de Direito, que foi uma coisa assim, que durante meu ensino médio eu vi bastante que em Contabilidade tem Direito, tem Economia, tem a própria Contabilidade e essas matérias eram dadas por professores que não eram professores, eles eram formados em outra coisa, trabalhavam na prefeitura ou no escritório na cidade e davam aula para nós [...]

¹⁰ Delegacia de Educação.

A partir da narrativa de Zia, podemos perceber que, certamente, a profissão do Magistério, nas últimas décadas, progrediu bastante em termos legais: para atuar em sala de aula é necessário ser graduado em uma licenciatura, a atuação precisa ser afim à formação, foi criado um valor de piso salarial mínimo a todos professores brasileiros, etc. Inegavelmente, na prática, muitas questões já legalizadas, a partir de aprovação de leis, ainda não são cumpridas, mas há um progresso que docentes como Zia, vindas principalmente de cidades pequenas e que já estão encerrando carreira profissional, percebem.

Como aqui já relatado, os baixos salários atribuídos à profissão docente também deviam-se ao fato de que essa era considerada uma profissão temporária, que as mulheres exerceriam apenas até casar, até ter filhos; mas o provedor de recursos suficientes para manter um lar era o homem. Embora a constituição das famílias tenha mudado drasticamente na contemporaneidade e que atualmente, por uma série de razões, seja impensável que mulheres dependam financeiramente do sexo masculino, os salários baixos continuaram prevalecendo, o que se transformou em preocupação básica para as professoras, que independente do quanto gostem de sua profissão, precisam garantir uma vida digna.

Psiquê declara sobre isso:

[...] eu já fiz mestrado, já fiz especialização, tô no segundo mestrado, duas faculdades e sempre trabalhando e sempre estudando e aí às vezes a pessoa faz um concursinho qualquer ali e ganha muito mais do que eu né, empregada doméstica ganha o mesmo salário do que eu, então a gente fica pensando se vale a pena ou não investir né, a insatisfação é em relação a isso, em relação ao salário mesmo, tanto que a gente vai pensando outras maneiras de ganhar dinheiro e pensa se abandona ou não o magistério e vejo que a gente perde muito professor bom, a gente perde muita pessoa, eu sei que eu tenho talento pra ser professora, eu sei disso, que o meu talento é ser professora, mas não vejo um caminho de sucesso pra gente [...]

Nesse excerto, Psiquê tece uma comparação entre a profissão docente por ela exercida, a qual exige muitos anos de formação, de estudos, e a empregada doméstica que tem sua formação na prática profissional mesmo, não precisando passar por um período anterior de preparação. A narrativa

demonstra como profissões que têm como requisito mínimo uma formação de graduação, teoricamente, são mais prestigiadas em nossa sociedade. Há um preconceito que determina juízos de valor sobre as profissões. Os discursos repetidos e reforçados constituem profissões que exigem esforço físico menos valorizadas que as que exigem esforço mental. Embora, como afirma Psiquê, em termos salariais não haja tanta diferenciação.

Porém, apesar dos pontos negativos, Psiquê também ressalta sua satisfação na sala de aula:

Não, eu quando eu entro, às vezes a gente não tem vontade de estar em sala de aula né, no final de um dia que a gente tá cansada, eu dou aula á noite, então já se trabalhou um dia inteiro né, mas toda a vez que eu entro na aula e eu vejo os meus alunos e eu converso com eles, parece que a gente renova sabe, parece que a gente volta a vontade e como eu trabalho com ensino médio à noite, com a formação de adultos né, é bem gratificante, é bom trabalhar com esse público né, eles, eles muito rapidamente eles entendem que eles têm que aproveitar a aula [...]

Psiquê ainda narra sobre como ela mesma se percebe enquanto professora de Língua Portuguesa e como gosta que os alunos a percebam. É comum os professores utilizarem um ou outro tipo de discurso para se constituírem enquanto docentes, geralmente classificando-os a si mesmos como dificultadores ou facilitadores, e há uma expectativa que tais identidades sejam reforçadas pelo parecer do aluno.

[...] gosto de dar aula, os meus alunos gostam de mim, gostam da maneira que eu explico as coisas, eu sei que eu sou uma facilitadora né, às vezes as pessoas perguntam assim “Ah, mas é...”, às vezes os alunos comentam que “Não precisa estudar pra Português, é fácil passar em Português” e os meus colegas acham isso depreciativo e eu não acho, acho uma coisa muito boa que os alunos comentem isso que é fácil passar em Português, que não precisa estudar pra Português, que na verdade eles nem sabem que eles sabem já o conteúdo né e aí eu convido esses colegas que às vezes assim num tom debochado a olhar as minhas provas, vê se são muito mais fáceis do que as deles, não são, é que a criança tá ali, tá envolvida, tá prestando

atenção, é por isso que ela acha fácil, né, eu não pretendo nunca complicar a vida do meu aluno, pra que ele acha Língua Portuguesa um horror, pra que ele tenha horror de ler um texto, não, então tem muita gente que acha bom e bonito isso, eu não acho, eu não acho, acho que o aluno tem que tá lá entregue e que a escola tem que mudar um pouquinho essa visão da reprovação, da aprovação né.

As narrativas de Bruna e Ju nessa questão sobre satisfação profissional apresentam bastantes diferenciais em relação às demais pesquisadas. Ambas trabalham em uma mesma escola particular, são colegas (de escola e de um curso particular), e o discurso das duas apresenta bastantes pontos em comum, prevalecendo o sentimento de que estão vivendo um momento de grande satisfação profissional. Nas narrativas que respondem essa pergunta, constituem-se muitas diferenças entre a escola pública, onde Rai, Zia e Psiquê trabalham; a escola particular, mas que não goza de muito prestígio em que Antônia trabalha; e a escola particular e conhecida por ser uma das melhores da cidade, em que Bruna e Ju trabalham.

Considerarei que a questão *recursos financeiros*, tanto para garantir uma escola com mais possibilidades pedagógicas quanto para o pagamento de melhores salários, parece ser fundamental para as pesquisadas. As narrativas de Bruna e Ju concentram-se muito nas questões pedagógicas da educação, já nas narrações das demais a problemática salarial ganha espaço repetidas vezes. Há que se salientar, sobre tais percepções, que as docentes que trabalham para uma escola particular são funcionárias de uma empresa privada, já as docentes que trabalham na escola pública são funcionárias do município e, provavelmente, o sentimento de liberdade sobre o que falar difere de um grupo para outro. Processo que ocorre quando através da linguagem constituímos nossas identidades, evidenciando sempre escolhas, que não são positivas nem negativas, são apenas escolhas julgadas como convenientes em um determinado contexto. Como bem argumenta Sommer (2007, p. 58) “[...] há determinadas regras que sancionam ou interdita a produção e a circulação de práticas discursivas escolares.”

Bruna e Ju atribuem a satisfação profissional a variadas razões, entre elas: o fato de estarem trabalhando em um único local; a questão dos alunos participarem

das atividades propostas e serem engajados; a presença de uma coordenação constante que acompanha seus trabalhos e atende os pais; o fato de terem tempo para planejamento, etc. Uma parte da narrativa de Ju relata o seguinte:

[...] a minha satisfação profissional ela é, ela se encontra no quesito de que eu tenho atingido mais o aluno, eu tenho recebido retorno de que hoje eles aceitam, eles entendem, eles compreendem o porquê que eu tenho que ter Português na escola [...] eu acho que eu tô num ápice bem bom de maturidade da minha profissão e que eu consigo sentar e ter mais domínio até mesmo de como pedir pro aluno tal exercício, de como mostrar pra ele que não é um bicho aqui ali.

Em específico às aulas de Português, é interessante percebermos que, em determinado momento, a própria docente Ju classifica as regras gramaticais como chatas, porém necessárias. Colocar as regras gramaticais como forma de ascensão pessoal e profissional parece ser o ponto mais defendido na busca pelo sucesso das aulas:

Gente, a ascensão profissional ela depende também da tua, do teu domínio da tua própria língua, das suas regras, por mais chatas que elas sejam, vocês têm que saber absorvê-las de uma forma mais natural, porque isso vai ajudá-los [...]

Apesar das falas de Bruna e Ju não apresentarem queixas em relação a salário, Bruna narra que, além do colégio, fundou um cursinho junto com Ju e outra amiga. Ela não narra em nenhum momento que esse segundo emprego tenha sido uma necessidade financeira, mas, ainda assim, é possível pensarmos na possibilidade de o salário da escola particular não ser tão alto a ponto de dispensar uma segunda alternativa:

[...] resolvi junto com duas amigas, que nós éramos bem procuradas pra aula particular e pra aula particular pra mim em casa é complicado que tenho filho pequeno, a outra mora no Laranjal e a outra morava com os pais, então a gente tinha um pouco de dificuldade pra dar aula particular e aí conversando

decidimos abrir uma sala pra aula particular e aí hoje eu faço isso, hoje eu trabalho no [...] e dou aula aqui, então hoje eu tô num momento de grande satisfação por isso, porque eu tô em lugares que eu gosto de trabalhar, eu consegui selecionar, escolher onde eu trabalho [...]

A questão do quanto o trabalho do professor de escola particular é mais fiscalizado, aqui também parece ser bem característico da educação privada. Bruna narra esse controle, salientando seus resultados positivos, mas também mostra como nem todos professores percebem tal conduta da mesma forma:

[...] eu trabalho com uma, como é que eu vou te dizer, não é fiscalização, mas um controle grande de coordenação, todo nosso material passa por coordenação, eu não passo nada pra xerox sem passar por eles e inclusive eles fazem, lá eles fazem uma vistoria de caderno, que é, lá eles fazem xerox dos cadernos dos alunos, de alguns alunos, não de todos né, eles escolhem um aluno que saibam que copia tudo e fazem xerox do caderno de tempos em tempos. Há professores que acham que isso é um controle muito grande sobre seu trabalho, eu particularmente gosto porque [...] quando os pais ligam [...] eu pouco me incomodo na escola, porque muita coisa fica na coordenação, eles ligam e aí vão dizer assim ah porque sei lá, "Porque o professor não tá passando tema", a minha coordenadora pega o xerox que ela tem do meu caderno, de um aluno que tem o caderno completo e ela nem precisa falar comigo [...] eu vejo como um respaldo que pra mim nunca deu problema, eu tô lá há cinco anos e só me beneficiou [...]

Chamou-me especialmente atenção nesse trecho citado que a coordenação poderia pedir que o professor mostrasse o seu planejamento de aula, mas não, a coordenação pede o caderno de um aluno que costuma copiar tudo e acompanha o trabalho através desse caderno. A mim pareceu uma fiscalização bem rígida no sentido de que se fosse acompanhado o caderno do professor, poderia haver dúvidas se o planejamento dele corresponde à prática dada ou não, no entanto, ao xerocar o caderno dos próprios alunos, a escola garante uma impressão de incomodar menos o professor, enquanto que a fiscalização é muito maior, porque dessa forma estão acompanhando o que realmente tem sido aplicado em aula.

Além disso, através dessa prática, a escola também evidencia que tipo de aula privilegia, já que há muitas outras formas pedagógicas de realizar o processo ensino e aprendizagem que não utilizam nenhum registro no caderno. No entanto, a coordenação, quando apresenta aos pais o trabalho baseado no registro que há nos cadernos, parece beneficiar tal método.

Pelas narrativas apresentadas, o professor da escola particular parece estar bem mais acostumado a ser vigiado e controlado, práticas narradas a seguir:

[...] as portas têm uma janelinha de vidro, então tu tá dando aula, quando tu menos espera, a coordenadora tá sempre circulando pela escola, e, às vezes, ela tá com a cabeça ali na janelinha de vidro, então tão sempre nos olhando, então eu acho que eu não posso fazer numa sala de aula alguma coisa que não possa ser vista [...] lá a gente não tem mesa de professor, a ideia é que o professor esteja sempre em contato próximo com o aluno, a relação professor/ aluno é muito boa [...]

Nos excertos analisados de Bruna, ainda é notório como para cada ato de controle há um objetivo: o caderno do aluno é xerocado para que a coordenação defenda o trabalho do docente, não há mesa para professores para que eles estejam mais próximos dos alunos, ou seja, linguisticamente, as verdades são constituídas dentro das instituições escolares, repetidas e reforçadas, e cada uma delas é minuciosamente pensada, para que os objetivos pensados sejam alcançados. Nesse sentido, é válido retomarmos Foucault (1987) quando ele trata sobre como a docilidade dos corpos, para que fossem submissos ao que lhes fosse ordenado, embora percebamos esse controle bem mais em relação aos discentes, é inegável que os professores também são submissos a um determinado controle, embora muitas vezes não percebam dessa maneira.

Em suma, podemos concluir, a partir das narrativas aqui analisadas, que o questionamento *Como tu avalias, nesse momento, a questão “satisfação profissional” em relação a tua carreira docente?* é bem amplo, perpassando diferentes anseios, diferentes realidades. Ainda assim, também há pontos que parecem ser igualmente relevantes para qualquer profissional, começando pela

questão salarial, que é que parece legitimar a valorização da atividade perante a sociedade, além de ser vital para o próprio trabalhador perceber que o seu ganho salarial é compatível com a dedicação que a sua profissão exige.

Além disso, também parece ser de extrema importância para os docentes sentir-se apoiado, sentir-se estimulado. As instituições escolares precisam ter objetivos em consonância com os seus docentes e precisam trabalhar juntos para que tais objetivos sejam alcançados, caso contrário, o professor sente como se toda a responsabilidade fosse levemente transferida para si e sua satisfação profissional fica seriamente prejudicada.

O próximo subcapítulo dá continuação às narrativas a partir do questionamento *Qual ou quais contribuições tu achas que as aulas de Português podem trazer aos alunos contemporâneos?* Tal questão foi pensada partindo da ideia de que todo profissional defende a importância da sua atividade enquanto colaboradora para com a sociedade, mas que essas contribuições podem variar de um momento para outro ou podem até mesmo deixar de existir. Sendo assim, objetivei compreender melhor qual a função que o próprio docente de Língua Materna vê da sua profissão, já que acredito que para atingirmos determinados objetivos é vital que eles estejam precisamente definidos.

5.3 Qual ou quais contribuições tu achas que as aulas de Português podem trazer aos alunos contemporâneos?

No terceiro questionamento *Qual ou quais contribuições tu achas que as aulas de Português podem trazer aos alunos contemporâneos?* parte-se da ideia de que todo docente de Língua Portuguesa defende a sua disciplina como essencial e tem seus argumentos para que assim seja. No entanto, esses argumentos podem variar bastante de um profissional para outro, até mesmo porque uma mesma disciplina é dada de forma bastante variável de uma instituição escolar para outra, de um docente para outro. Há uma série de escolhas teóricas e curriculares que determinam o quê e como serão os conteúdos. Quanto mais escutarmos dos docentes sobre tais escolhas, melhor

entenderemos quais discursos têm sido promovidos nas aulas contemporâneas e quais as possíveis reflexões que podemos fazer a partir daí. Partindo do referido questionamento, Psiquê argumenta:

Eu acho que a língua portuguesa ajuda a ler o mundo, eu fico muito chocada às vezes quando eu vejo interpretações totalmente equivocadas sobre uma frase ou sobre um tema ou enfim né, agora com a internet né, que é muito positiva nesse sentido, porque as crianças leem, elas passam o dia no Facebook¹¹ praticando a leitura né, o que acontece é que elas não têm um filtro sobre isso, elas leem tudo, né, mas elas acabam compartilhando poesia, elas acabam compartilhando textos, elas acabam enfim... E acho que a língua portuguesa em sala de aula instrumentaliza o aluno pra fazer essa leitura do mundo [...] ajuda a ler criticamente um filme né, a ler um canal de televisão, Por que tu vai assistir esse canal de televisão? Por que tu vai assistir esse programa? Por que tu vai assistir...?

Considerarei extremamente relevante essa colocação de Psiquê, porque a maioria dos professores de Português repetem discursos de que os alunos atuais não leem, justamente por passar muito tempo na internet e mais especificamente no Facebook, que é a rede de relações sociais mais famosa do momento. Psiquê demonstra então ter um olhar diferenciado sobre a relação entre leitura e rede social, pois evidencia perceber a necessidade que há de os docentes contemporâneos tentarem valorizar o que há de positivo e que pode ser aproveitado na escola dessa relação dos adolescentes com as opções oferecidas pela internet. Tarefa que certamente não é simples, porque exige um repensar grandioso em termos pedagógicos, em termos físicos e

¹¹ Facebook é um site e serviço de rede social que foi lançado em 4 de fevereiro de 2004, operado e de propriedade privada da Facebook. Em 4 de outubro de 2012, o Facebook atingiu a marca de 1 bilhão de usuários ativos, sendo por isso a maior rede social em todo o mundo. Em média 316.455 pessoas se cadastram, por dia, no Facebook, desde sua criação em 4 de fevereiro de 2004. Os usuários devem se registrar antes de utilizar o site, após isso, podem criar um perfil pessoal, adicionar outros usuários como amigos e trocar mensagens, incluindo notificações automáticas quando atualizarem o seu perfil. Além disso, os usuários podem participar de grupos de interesse comum de outros utilizadores, organizados por escola, trabalho ou faculdade, ou outras características, e categorizar seus amigos em listas como "as pessoas do trabalho" ou "amigos íntimos". O nome do serviço decorre o nome coloquial para o livro dado aos alunos no início do ano letivo por algumas administrações universitárias nos Estados Unidos para ajudar os alunos a conhecerem uns aos outros. O Facebook permite que qualquer usuário que declare ter pelo menos 13 anos possa se tornar usuário registrados do site. (Informações do endereço: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>)

estruturais, enfim, não depende simplesmente dos professores disporem-se à mudança. Vitelli (2005, p. 8) discorre sobre a relação dos alunos com as aulas de Artes da seguinte forma:

[...] eles estão fazendo um trabalho velozmente, envolvendo-se o mínimo possível, perguntando qual será a próxima proposta, quanto tempo vão ter para finalizá-la e, mesmo sabendo que têm um tempo próprio pra cada uma das diferentes propostas apresentadas (um tempo de semanas ou meses, dependendo do trabalho) eles começam a trabalhar rapidamente perguntando ainda “quantos pontos vai valer essa atividade?” [...] Enfim, continuamos trabalhando descontinuamente, ou seja, faltaria equacionar melhor a relação diversificada que os adolescentes têm com os estímulos sonoros e visuais (sons e imagens oriundos dos vídeos, televisão, Internet, etc.).

A citação de Vitelli, embora faça referência às aulas de Artes, certamente representa igualmente as aulas de Português, em que a leitura e a concentração sempre foram essenciais, mas que a realidade atual tem exigido que professores como Psiquê repensem o que é leitura para os alunos contemporâneos, o que eles estão lendo e de que forma tudo isso está ocorrendo.

Psiquê segue, defendendo como principal contribuição da Língua Portuguesa a questão da leitura:

A gramática... Eu sempre digo para os meus alunos, a gramática ela vai ser cobrada de ti quando tu fores fazer um concurso, é onde a gramática está presente hoje em dia, é num concurso, não vai ser na tua fala com teu amigo, com a tua mãe, não é aí, não vai ser nem no Enem¹² mais, que não é gramatiquero, né, o vestibular. A gramática ela tem que estar presente porque o que seleciona os concursos bons ainda é a gramática e isso não vai mudar tão cedo, não vai mudar tão cedo, então eu acho que a gente tem sim que ensinar a gramática, mas eu acho que a nossa principal contribuição é ajudar eles a ler o mundo, a entender uma tela, a entender um filme, a entender uma ideologia, né, que a gente através dos textos consegue trazer.

¹² Exame Nacional do Ensino Médio foi criado em 1998 com o objetivo de diagnosticar a qualidade do ensino médio no país. Em 2009, o exame ganhou uma nova função: selecionar ingressantes nos cursos superiores de faculdades e universidades federais. É uma prova aplicada anualmente pelo MEC, por meio do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). O exame é composto de 180 questões mais uma redação - ele é realizado em dois dias de prova, no segundo semestre. (Informações do endereço: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/05/22/o-que-e-e-para-que-serve-o-enem.htm> - acesso em 25/05/2015)

Sibilia (2012, p. 63) atenta-nos para o fato de que mesmo que atualmente se publiquem mais livros do que nunca, “a sociedade contemporânea está fascinada pelos sedutores feitiços das imagens.” A autora argumenta que após um século de cinema e várias décadas de televisão, a cultura contemporânea é constituída pelos meios de comunicação audiovisuais. Sobre a produção e circulação de imagens ela ressalta:

Esses processos detonaram uma profunda transformação das linguagens, afetando os modos de expressão e comunicação em todos os âmbitos, inclusive em campos tão vitais quanto a construção de si mesmo, as relações com os outros e a formulação de do mundo.

Relacionando a citação referida com o tempo passado no Facebook narrado por Psiquê, podemos perceber que essa rede social vai muito além de um entretenimento, ela possibilita uma nova maneira das pessoas se constituírem para si mesmas e para os outros, portanto não pode ser simplesmente ignorada ou condenada pela escola, precisa ser problematizada, como aqui faz Psiquê, para que os alunos contemporâneos saibam ler também o que desejam ler.

Psiquê, ao falar sobre a importância de os alunos saberem ler uma tela, um filme, uma ideologia parece conseguir ampliar o sentido de leitura e tentar ir ao encontro do que a geração de alunos contemporâneos requer, conseguindo assim romper com o que a maioria das escolas ainda sustenta como primordial. Vejamos:

[...] é inegável que a escola finca seus alicerces sobre aquela ferramenta ancestral que hoje se vê sufocada ante os avanços do audiovisual: a palavra, especialmente na medida em que costumava se prestar às clássicas operações da leitura e da escrita. (SIBILIA, 2012, p. 65)

Dando seguimento às narrativas, Rai afirma sobre a contribuição das aulas:

[...] eu como professora de Português eu vou te dizer que eu acho indispensável a questão do aprendizado da Língua Portuguesa, primeiro como forma de expressão, frente a diversas situações com que a gente tem que lidar durante a nossa vida, eu acho que isso a escola ainda não trabalha

muito bem e é uma carência do nosso aluno essa adequação da linguagem, adequação a diferentes situações de comunicação, eu acho que isso as aulas de Português podem colaborar.

A entrevistada continua, dizendo:

[..] da maneira como eram as aulas de Português antes baseadas só na gramática normativa, aí eu não vejo sentido, eles não veem sentido, porque são situações, são exercícios descontextualizados né, então eles acabam não encontrando sentido para aquilo ali. Agora quando eles produzem, quando eles se expressam, eles estão fazendo um exercício realmente, nesse sentido eu acho que a gente tem a colaborar muito.

Rai conta também que já teve dificuldades com uma colega de trabalho da mesma escola por não aceitar uma conversa sobre trabalhar a Língua Portuguesa de maneira diferenciada e não apenas baseada na gramática normativa, em uma situação em que os alunos dessa colega estavam com bastantes dificuldades e pediram ajuda. No entanto, Rai continua defendendo a ideia de que a melhor maneira de ministrar aulas da língua materna atualmente e de colaborar mais eficazmente com os alunos é através de um ensino que parta da valorização das variedades da língua.

O discurso de Rai, nessa terceira pergunta, vai ao encontro do que os estudos linguísticos e os Cursos de Letras atuais têm argumentado, o enfoque em trabalhar a Língua Portuguesa respeitando e valorizando a ideia de que a língua apresenta variedades e que todas elas devem ser consideradas. No entanto, também é válido refletirmos sobre como esse discurso é repetido e reforçado nos cursos de graduação há mais ou menos duas, três décadas, para os dias atuais. Docentes que tiveram formação há um tempo anterior ouviam discursos bem diferentes e provavelmente por isso ainda repetem e reforçam os discursos dos tempos em que eram acadêmicos. Na narrativa de Rai, em que ela relata o conflito que teve com a colega de trabalho, fica muito notório como os discursos não são definitivos, acabados, eles estão o tempo todo em processo de construção.

Vale ainda levarmos em consideração que as aulas de Português baseadas no entendimento de que todas as variedades devem ser respeitadas e valorizadas causam ainda muito incômodo na relação da escola com pais e com a sociedade em geral. Pelas narrativas, é possível percebermos que o ensino de Português nas escolas particulares, por exemplo, prioriza o ensino da norma considerada culta/ padrão, partindo da argumentação de que assim é necessário para que os alunos estejam preparados para os processos seletivos de universidades, concursos, seleções em geral; e certamente assim também satisfazem mais pais e sociedade. Minha experiência como docente da rede pública já me permite dizer que há municípios bem engajados em um ensino de Língua Portuguesa mais diferenciado, menos normativo, para que um dia os processos seletivos também possam ser diferenciados.

Passando à análise da resposta de Antônia, ela defende a Língua Portuguesa como disciplina fundamental, mestra, que vai trabalhar comportamento, postura dos alunos em vários sentidos. Ainda defende o trabalho com a linguagem, com a comunicação, mas reclama da obrigação de dar conta do programa de ensino no ano, em que a ênfase ainda é nas questões gramaticais, estrutura e forma da língua. Diz que alguma coisa já mudou, já está mudando, mas não o quanto ela desejaria.

A entrevistada Antônia também salienta uma questão que diferencia as escolas particulares das públicas, que é a obrigação de trabalhar o livro didático adotado pela escola. Ela declara:

[...] numa rede particular tu não podes te dar o luxo de simplesmente não me agradei desse livro, não me agradei da forma como o livro trata, eu tenho sim que usar, então sim tem que vencer aqueles conteúdos, sim tem que usar os materiais que a escola disponibiliza, tem que usar o material que os pais também adquirem e isso importa né, isso engessa o trabalho do professor, então muito embora tu tenhas ideias e saia com toda uma filosofia da faculdade, uma maneira de pensar, tens que te adaptar a realidade de trabalho.

Em relação a essa questão do livro didático, Freitas (2010, p. 107) declara:

[...] embora o vertiginoso crescimento das novas tecnologias possibilite, a cada dia, mudanças significativas no espaço escolar e nas práticas educativas, é evidente, também, o papel privilegiado que os livros didáticos ainda desempenham nos processos de ensino e aprendizagem [...] o livro didático é um artefato cultural que produz os mais variados saberes, ensinando lições que transcendem os conteúdos curriculares.

Como sublinhado por Freitas, o livro didático traz os mais variados saberes. E muitas vezes, por razões diversas, não foi o escolhido pela professora que está atuando, mas que precisa adequar as suas aulas a esse artefato cultural porque assim é exigido.

Eu pergunto se Antônia pensa que, se não fossem essas obrigações, as aulas poderiam estar contribuindo muito mais, e a entrevistada responde que sim, que as aulas poderiam ser bem mais interativas, que existem outras formas de aprendizado, outras maneiras de crescimento do aluno em que ele também estará lidando com a língua e com a linguagem. Antônia então finaliza dizendo que alguma coisa ela faz, que ela procura adaptar, mas devido ao tempo e às imposições acaba não fazendo da maneira como gostaria.

Nessa terceira pergunta, as professoras demonstraram acreditar na importância do ensino de Língua Portuguesa e defenderam suas aulas, embora reconheceram que, muitas vezes, não as ministram da maneira como gostariam pelas dificuldades impostas. A questão da crítica ao ensino baseado somente no ensino da gramática normativa aparece muito fortemente na linguagem utilizada por Antônia, assim como em outras palavras também foi narrado por Rai.

Zia também chama a atenção para a contribuição das aulas de Português para alunos do EJA, que estão na escola para aprender, mas que não planejam estudar para ter uma formação profissional. Tal colocação é um outro olhar, que não costuma receber atenção das escolas, e que, no entanto, é muito importante, porque é direito de todo e qualquer cidadão: ter direito à educação. Vejamos:

Eles são os que mais aproveitam, são os que mais te fazem perguntas, os que mais querem saber, os que vão pegar um texto pra ler são os que mais se interessam, esses querem, esses vão pra aprender, nem sempre o aluno que vai fazer o Enem vai mais interessado que o aluno que vai só por aprender, por fazer um ensino médio ou por ter um ensino fundamental.

A escola em que Zia trabalha, no turno da noite, tem sua composição majoritária por turmas de EJA, educação de jovens e adultos. Tais turmas são formadas por um número muito significativo de alunos que estão retornando à escola depois de muitos anos de evasão escolar. A maioria deles parou de estudar porque casaram, tiveram filhos ou porque passaram a trabalhar. Então, são muitos anos de afastamento, inclusive alguns voltam somente após terem se aposentado e retornam porque encontram na escola um meio de convívio social, um meio de aprendizado que foi interrompido, etc. Como narrado por Zia, grande parte desses alunos quer apenas estudar, quer apenas aproveitar o que a escola oportuniza, mas dificilmente projetam futuro estudantil. Ainda assim, são dedicados, costumam apresentar um desenvolvimento significativo, porque encontram na escola um prazer que a maioria dos alunos em consonância idade/série não sentem.

Zia, no trecho a seguir, faz uma crítica ao uso do Internetês, demonstrando não reconhecer essa linguagem como uma variante da Língua Portuguesa. Conforme já abordado, os discursos defendidos por cada professor dependem de vários aspectos, como, por exemplo, a formação que tiveram na graduação. Pelo tempo de atuação de Zia, sua formação ocorreu há mais de vinte anos, quando a Internet ainda não havia ocupado o espaço que tem atualmente na vida de crianças e adolescentes, por isso acompanhar o processo de mudança constante que a língua apresenta e fazer uso disso em sala de aula não é uma tarefa despreziosa. Zia narra o seguinte:

[...] não é uma aula que tu tenha que ficar trabalhando verbo e gramática, verbo e gramática o tempo todo, então tu pode formar pensamento ou levar o aluno a ter seu pensamento, agora uma coisa que me preocupa bastante assim é o lado Português escrita, que a gente passa cobrando, a gente passa criticando, aí tu vai pra rede social, por exemplo, e tu vê que tu não fez nada, quando tu vê um aluno teu escrever “por isso” junto com cedilha, né.

As respostas de Bruna e Ju aqui também parecem ter um contraste que a mim parece mais uma vez diferenciar a escola privada da pública. As narrativas em geral, das professoras das escolas públicas, mostram um olhar bastante atencioso em relação a formar cidadãos dignos, com mais

oportunidades, com mais perspectivas. Na escola privada, os objetivos parecem ser outros: os alunos já têm condições favoráveis, eles já têm a possibilidade de um futuro promissor. A leitura que faço das narrativas então é que as aulas de Português parecem ter a função de um curso intensivo para que os alunos alcancem os seus objetivos no menor tempo possível, por isso são muito focadas nos processos seletivos. São aulas especializadas nos vestibulares mais almejados, são aulas para formar profissionais competitivos. Não concluo defendendo uma ou outra forma de ensinar, mas percebendo como essas diferenças constituem cada instituição escolar.

Ju tece uma comparação entre professores da rede particular e professores das redes públicas e coloca seu posicionamento da seguinte forma:

Eu julgo que muitos professores, principalmente de redes estaduais, de redes públicas, eles não têm orientação de como usar, de como mostrar pro aluno que ele tem as duas vertentes e que essas duas vertentes dependem uma da outra, então o aluno, pro aluno saber que um “n” com um til em cima é um ão, ele tem que saber que o advérbio “não” é escrito de tal maneira [...] minha preocupação é que os professores sejam orientados e eu percebi lá, isso foi uma reunião, assim nós estávamos numa reunião de terceira série do ensino fundamental até e uma professora assim, mais velha do que a gente, a preocupação dela era “Nossa, a Internet vai acabar com a Língua Portuguesa, como fazer...” Se ela experiente não sabe, que tá aqui numa escola que te dá um, uma amplitude de opções, tu imagina as professoras de lá [...]

A preocupação de Ju na referida citação é como os professores trabalham e como eles compreendem o uso que os alunos costumam fazer do Internetês e as implicações disso nas aulas de Português. A entrevistada julga que os professores da rede privada têm muito mais oportunidades de conhecimento que os demais das redes públicas. No próximo subcapítulo, será analisado um trecho da narrativa de Psiquê, em que ela defende exatamente o contrário: “os professores que detém mais conhecimento estão nas escolas públicas”. Então, percebemos que há uma certa competição entre redes de ensino e os professores também constituem essas competições através da linguagem que expressam: cada um costuma defender a instituição que representa e os métodos de ensino e aprendizagem que caracterizam cada estabelecimento.

Porém, considero que os cidadãos com condições econômicas mais favoráveis costumam ter um preconceito, muitas vezes equivocado, em relação ao ensino público. Certamente, a questão financeira de muitas escolas públicas é insuficiente, mas há também muitos municípios que são idealizadores de projetos inovadores, que investem em formação profissional de maneira muito significativa, que adquirem os mesmos livros didáticos das escolas particulares, etc. Entretanto, como a escola pública trabalha com um público carente, é compreensível que os seus resultados não costumem ser tão positivos quanto os do ensino privado, visto que as escolas não podem suprir todas as dificuldades econômicas e sociais que a sociedade apresenta. Já o aluno da escola particular não costuma apresentar as mesmas problemáticas, sendo assim muito mais natural focar nas questões pedagógicas.

Bruna também enfoca a questão da interpretação textual como uma das principais contribuições da Língua Portuguesa, mas sem deixar de sublinhar a necessidade de preparar os alunos para as questões que costumam ser pedidas nas seleções de ingresso a faculdades. É válido atentarmos que, nesse trecho, Bruna fala sobre o vestibular da Católica, faculdade privada da cidade, processo seletivo com que somente as escolas particulares se preocupam, porque professores de escolas públicas sabem que seus alunos não têm condições de pagar uma graduação, a não ser que sejam selecionados com algum programa do governo que beneficie tal ingresso.

[...] eu acho que esse processo de interpretação textual também é fundamental na Língua Portuguesa porque a gente tem muitos, muitos, muitos alunos que não sabem interpretar, quantas vezes ele tá com a prova e aí te pergunta: “O que é que é nessa questão?” [...] eu prezo assim que eles tenham esse conhecimento de compreensão da linguagem, que tento fazer com que eles entendam o funcionamento da língua e trabalho muito, muito, muito forte a interpretação porque eu vejo grandes dificuldades de interpretação e isso se reflete em todas as áreas [...] pergunto da função do “quê” para um aluno e ele quase surta e é questão normalmente de Católica¹³ todos os anos aqui em Pelotas [...]

¹³ Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Popularmente conhecida como Católica.

A partir das narrativas aqui analisadas, percebemos que as docentes consideram de extrema importância as aulas de Língua Portuguesa para os alunos contemporâneos. A língua continua sendo defendida como instrumento de acesso a melhores condições profissionais e pessoais.

A questão da interpretação textual foi constituída com notório enfoque. É interessante observamos também como a própria definição do que é Língua Portuguesa para ser trabalhada em sala de aula é algo bastante variável até mesmo entre docentes da língua materna. Há ainda quem considera que as aulas devem ser focadas no ensino da gramática considerada normativa/ culta; há quem considere que a língua apresenta variedades; mas ainda assim é uma questão com significados divergentes e complexos porque as variedades são muitas e cada professor precisa fazer escolhas de quais variedades tratar e de como utilizá-las ou até que ponto incentivar seu uso.

Entendendo que as aulas de língua materna, tanto em escolas públicas como em escolas privadas, apresentam problemáticas, fato que pode ser comprovado toda vez que o sistema de educação brasileira é avaliado, apresentei como último questionamento a pergunta *Para ti, como é ou como seria o processo ensino e aprendizagem de língua materna plenamente satisfatório?* Ao elaborar a referida pergunta também objetivei que a opinião dos professores sobre possíveis “caminhos a serem trilhados” pudessem ser ouvidos e compartilhados. O subcapítulo a seguir apresenta, então, um pouco dessas contribuições.

5.4 Para ti, como é ou como seria o processo ensino e aprendizagem de língua materna plenamente satisfatório?

O quarto questionamento *Para ti, como é ou como seria o processo ensino e aprendizagem de língua materna plenamente satisfatório?* intenciona retomar a reflexão sobre os três questionamentos anteriores e a partir deles ser um convite para que a docente reflita, repense alternativas que poderiam trazer resultados satisfatórios para as aulas de Português.

Rai narra as seguintes necessidades:

Precisaria de uma reestruturação das escolas, mais investimento, mais recursos, inclusive tecnológicos e acho que nós precisávamos de muito mais tempo para preparar as aulas, de nos envolver né, de estudarmos para preparar os projetos e pensar em atividades, porque é uma coisa que nos falta tempo.

A narrativa de Rai é caracterizada pela citação de muitas problemáticas que ela percebe e acha que precisavam ser solucionadas para que as aulas de Português fossem plenamente satisfatórias. Seguindo, ela diz que gostaria de trabalhar com a música, porque é uma forma de expressão, é linguagem, os alunos adoram; também gostaria de trabalhar com a produção de diversos tipos textuais, mas então ela lembra:

[...] tu tem uma grade curricular, tu tem todo o conteúdo pra dar conta, a gente não sabe exatamente como fazer isso, tu vai por tentativa na verdade, às vezes tu acerta, às vezes tu não acerta, então tu vai se constituindo enquanto professor, acho pelo menos que tu vai se montando, percebendo que os alunos precisam de outras metodologias, outra forma de trabalho e daí tu vai então procurando.

A entrevistada Rai diz que às vezes acerta, às vezes erra, ou seja, ela expressa a angústia por tentar fazer um bom trabalho e sentir que nem sempre tem êxito. Ela se coloca como alguém que vai se constituindo e reconstituindo o tempo todo, narrando-se com fluidez, percebendo-se sem certezas, porque no fazer docente os erros e acertos acontecem constantemente. Tal discurso vai ao encontro das teorias aqui tomadas como base. Ela tem ciência de que sua identidade docente, conforme sublinha Silva (2000, p. 96 e 97), é “[...] uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação [...]” e tudo isso faz parte da relação professor/ aluno, das vivências escolares e por isso Rai se reconhece em suas reconstituições. Entre outras coisas que Rai também aponta como problemáticas e que dificultam as aulas de Língua Portuguesa, está o tempo disponível para preparo de aula, que é pouco e precisa ser cumprido na escola. A entrevistada argumenta:

[...] na escola, no Estado, esse tempo disponibilizado de preparar a aula tem que ser feito dentro da escola, não concordo com isso, frente à estrutura que a gente conhece, por exemplo, tu tens que ir pra lá, tens que cumprir aquele tempo lá, só que tu não tens biblioteca, não tem uma sala com computador, tu fica na sala dos professores onde tem muita gente, é que nem eu falo para diretora da escola, os meus referenciais estão todos em casa, é ali que eu vou pesquisar, é ali que estão os meus livros, o meu computador, ali que tá a minha vida como eu digo, porque a gente prepara por mais que tu tenhas que cumprir na escola, toda a tua vida tá aqui, tá na minha casa, e eu acho que na minha tranquilidade, no meu silêncio, eu produzo mais em casa.

Rai também defende a importância de haver mais Formações Docentes e menos reuniões, que segundo ela, na maioria das vezes, não são úteis:

[...] muito pouco dessas reuniões são voltadas para o pedagógico, pro trabalho com o aluno, [...] ninguém mais quer pensar em possibilidades, então o trabalho do professor hoje ele é muito isolado, eu sempre digo que o professor é um trabalhador solitário, porque ele é com ele. Tem que dar conta de tudo, sem que haja qualquer tipo de apoio. E a responsabilidade de tudo também é nossa. [...] a educação ela é uma rede né, e ela envolve muitos sujeitos com diferentes interesses, com diferentes vivências e opiniões, em instâncias diferentes também, seja de poder, e tudo isso vai influenciar no trabalho do professor, os resultados, estão lá na sala de aula, mas tudo isso faz parte, vai constituindo nosso trabalho. [...] eu fico bem tranquila, eu não me sinto culpada, eu sei que a maioria de nós faz assim o máximo que pode, o máximo, que a gente tem limites é claro, mas faz o máximo que pode.

O final dessa citação em que Rai diz que o professor é um trabalhador solitário é um discurso com o qual eu também, como professora, me identifico muito e penso que, da mesma forma, a maioria dos docentes sintam: um trabalho solitário; tu tens desafios, tu tens problemáticas, quando há reuniões há um “fazer de contas” que se pode debater sobre essas angústias, mas os assuntos são muito superficialmente mencionados e passados adiante.

Passando para a resposta de Antônia, ressalto que o discurso das duas entrevistadas nesse questionamento é bem próximo. Antônia também aponta

a problemática das estruturas escolares, a necessidade de ser revisto o sistema educacional. Sobre o aluno, ela ressalta:

[...] o nosso aluno ele é muito interativo, ele é muito dinâmico, ele pede coisas, ele está acostumado a uma realidade que a escola hoje não tem contemplado, não tem conseguido alcançar, então não só em Língua Portuguesa que eu percebo essas dificuldades relativas ao ensino do professor, nas outras áreas também, mas acho que tem que ser reformulado, tem que ser revisto [...]

Antônia evidencia aqui o quanto percebe que há de desajuste entre a escola contemporânea e os alunos, indo ao encontro das teorias aqui defendidas quando atenta para a necessidade do sistema ser reformulado, ser revisto.

Antônia também enfatiza a necessidade de o conteúdo programático de Língua Portuguesa ser reexaminado e quando eu pergunto quem ela acha que poderia de fato realizar essa mudança, a entrevistada diz que os acadêmicos dos cursos de Letras, os quais ela acha que já têm contribuído muito para isso, mas ainda falta muito também. Em relação aos alunos, diz: “[...] os alunos inclusive parece que estão sedentos por algo inovador [...]”

A entrevistada finaliza sua resposta narrando o seu projeto para o ano letivo que está iniciando em sua escola, diz que vai começar trabalhando apenas com leitura, sem exercícios gramaticais, que já conversou isso com a orientadora dela. Antônia parece bastante motivada e confiante nesse recomeçar de ano.

Já a entrevistada Zia foca bastante que para termos um ensino satisfatório teria que ser revisto o que é trabalhado nos anos iniciais, porque ela não acredita que seja trabalhado o Português como deve ser, devido a como os alunos costumam chegar nos anos finais. Também narra sobre a falta de respeito dos alunos para com os professores. Vejamos:

É um problema que eu sempre me pergunto: o que que é feito de primeira a quarta série que eles chegam naquele estado pra gente? O que que os professores de primeira a quarta série, são quatro anos né, que eles chegam escrevendo com cedilha no início, o que que é feito de primeira a quarta série eu não consigo entender, [...] porque eu não acredito que seja trabalhado, não pode falar perto delas né, mas que seja trabalhado assim o Português como deve ser. Mas eu não tenho grandes reclamações de sala de aula, até porque nos últimos anos... Mas trabalhar com criança tá muito difícil né, a falta de respeito é muito maior e tu pensa que é só contigo, aí tu vê aqueles que tu acha que são os mais respeitados passando por horrores em sala de aula, até agressão física né, eu nunca passei por isso.

Passando para a resposta de Psiquê, em que ela discorre sobre variadas sugestões para que o processo ensino-aprendizagem público seja plenamente satisfatório, ela traz a seguinte argumentação:

[...] eu acho que um ensino satisfatório de língua materna é esse em que a gente consegue ver, ver o nosso aluno amadurecendo, crescendo enquanto leitor, enquanto produtor de textos né, principalmente na produção de textos isso é fácil analisar, a gente vê um aluno que não sabe o mínimo pra fazer uma redação e ele termina fazendo uma redação boa, uma redação satisfatória né, então assim, acho que se a escola conseguisse nos ajudar a fazer mais projetos, liberar um pouco de carga horária pra gente poder conversar entre a gente, conversar entre as áreas, enfim seria um ganho muito bom de satisfação.[...] eu acho assim as escolas acabam se atendo nos números né, quantos aprovaram, quantos reprovaram, porque que a estatística não tá boa, porque a verba ela vem por número de alunos, enfim né, principalmente as escolas em que o poder... Quanto mais longe, por exemplo, a escola do Estado né, é mais longe a centralização, então é um número mesmo, muito mais difícil de trabalhar e alguns projetos bons acabam se perdendo no meio do caminho né e aí tu tens que, uma coisa boba, ver um filme né tu tem que negociar com o professor que vem antes, com o professor que vem depois, aí tu tens que levar duas turmas e aí o auditório já não abriga aquelas duas turmas e aí então uma turma fica desassistida e aí... Pra tu ver um filme na escola já é complicado, tu imagina então fazer uma outra coisa diferente.

No trecho referido, Psiquê defende que o ensino plenamente satisfatório é aquele em que o professor consegue receber dos alunos um retorno positivo do seu trabalho, no entanto, pensa que as escolas, por falta de recursos, falta de estrutura e por cobranças externas acabam limitando o trabalho do professor.

No excerto a seguir, Psiquê apresenta ainda críticas diversas aos colégios particulares, principalmente no que tange ao tratamento concedido aos professores. Essencial registrar que Psiquê já trabalhou em algumas escolas particulares da cidade e que sua narrativa se dá toda a partir da visão de alguém que já percorreu ensino privado, público e estadual. Inegavelmente, ela traz considerações bem peculiares, que não foram abordadas por nenhuma das outras pesquisadas. Retomando a ideia de que essa pesquisa não objetivou encontrar ou questionar verdades, mas sim dar oportunidade para que diferentes pontos de vista pudessem ser ouvidos, considero fundamental refletirmos e problematizarmos as divergências que Psiquê estabelece entre ensino público e ensino privado:

[...] sempre que me perguntam assim sobre o colégio particular e o colégio público, a minha resposta é qual a diferença entre os dois? É a estrutura, se os profissionais são os mesmos, se tu for olhar o professor do colégio particular ele também trabalha em alguma escola pública, ele tem lá o seu concurso que lhe dá a sua tranquilidade de que ele não vai ser demitido, ele tem lá o colégio que dá o sono dele à noite né, mas a diferença é que ele pede mil folhas na escola particular, ele recebe as mil; ele pede vinte volumes de tal livro e ele recebe os vinte volumes, ele quer fazer um projeto, ele tem um ônibus, ele tem a Internet, ele tem computador funcionando; ele quer ver um filme, quando ele vai o filme já tá pronto pra ele, só aperta no play e a gente não né, a gente tem que achar o DVD que funcione, achar o projetos que funcione, ir lá instalar, agendar a sala com muita antecedência, ver o que a gente vai fazer com as outras turmas [...] então a estrutura é diferente, o profissional é o mesmo. [...] e te digo mais, a escola pública tem profissionais mais qualificados que a escola particular, porque a escola particular não permite que o seu professor se qualifique, ela não permite que o professor faça um curso, [...] ouvi infindades de colegas dizendo que se inscreveram pra seminários em outras cidades e desistiram porque a escola disse “O problema é teu, eu não mandei tu te inscreveres.” [...] muita escola que diz que todo professor tem especialização, não é verdade, tem professor que nem formado é, eu sei, principalmente na área das exatas né, tem professor

excelente, maravilhoso dando aula, que não é formado né [...] à medida que o professor quer ir num congresso, quer fazer uma especialização, quer fazer um curso, a escola não libera e se ele quer ir então ele tem que tirar do salário dele, pagar um outro professor que vai fazer a substituição, [...] então os professores que ainda detêm o conhecimento de uma forma mais integral, eles estão na escola pública e são mal remunerados. [...] Eu via professor se orgulhando de trabalhar na escola particular há trinta anos e não ter nenhuma falta, de ter ido trabalhar doente, [...] eu não acho isso uma coisa positiva de maneira nenhuma, não consigo achar, então assim que bom que isso é uma bandeira, mas não é a minha.

Toda a narrativa de Psiquê no trecho referido é bastante destemida, ela constitui uma visão sobre a escola particular bem diferenciada das docentes aqui entrevistadas que têm seu trabalho atual na rede privada. Como, nessa pesquisa, é defendida a ideia de que o que denominamos verdade são construções linguísticas, é pertinente refletirmos sobre o que aqui narra uma ex-professora de escola particular e o que dizem professoras que estão atuando em escola particular no momento atual. Psiquê constitui através da sua linguagem uma escola particular que sob o olhar da sociedade apresenta um trabalho exemplar, mas que para isso mantém seus docentes sobre um controle muito rígido, inclusive, segundo ela, negando ao professor a participação em uma Formação, se para isso a escola tiver de fazer liberações. Concluí que Psiquê nesse excerto vai de encontro às ordens do discurso escolar ressaltadas por Sommer (2007), parecendo ser uma característica permanente da entrevistada.

Porém, Psiquê apesar de afirmar que a “bandeira” que os professores de escola particular costumam “carregar” não está de acordo com as suas concepções, ela própria também contrapõe a sua visão de professora à visão de mãe que precisa decidir entre matricular o filho na rede pública ou privada. E sobre isso ela afirma:

[...] aí tu me pergunta se eu colocaria o meu filho numa pública ou em uma particular, aí eu vou ter que te dizer que numa particular né, porque essa é a visão de uma professora sobre a satisfação de trabalho de seus colegas, que conheceu de dentro a estrutura, mas assim ó a gente sabe que na escola pública falta professor muitas vezes, os alunos saem mais cedo [...] então tu

acaba te moldando pra colocar teu filho numa escola particular porque a estrutura é melhor [...] eu enquanto professora sei o quanto é doloroso trabalhar numa escola particular, nas que eu trabalhei, que são as mais conceituadas da nossa cidade, mas é a minha visão de professora né, pro aluno eu sei que é uma outra visão, pra mãe, eu como mãe é uma outra visão, eu enquanto professor profissional, lógico que sei os meandros lá de dentro né, mas [...]

Psiquê segue narrando o que pensa sobre escolas particulares e justifica sob seu ponto de vista o porquê os alunos das instituições privadas terem mais sucesso no processo de ensino e aprendizagem:

[...] a carga horária é maior, então eles assim têm educação física no turno inverso, eles têm aulas de reforço no turno inverso, então assim, é normal, é natural que uma criança estando mais tempo dentro da escola, ela vai aprender mais, nem que ela fique lá sentada, ela está na escola né, e tem mais carga horária vai aprender mais, [...] e o próprio incentivo do pai que para com a criança, que lê com a criança né [...] Às vezes assim, é uma hipocrisia, mas não é nem pra cobrar que o filho esteja aprendendo, é pra cobrar se usou todo o livro que comprou né, se aquele material que foi mandado pra escola no início do ano tá sendo utilizado, né, então às vezes nem é visando o bem da criança, mas ainda que seja assim existe essa cobrança, ainda que seja existe.

Bruna defende muitas opiniões nessa questão, mas não afirmando coisas que deveriam mudar para que o ensino fosse plenamente satisfatório, até porque ela se constitui como estando em um ambiente de trabalho em que se sente muito realizada profissionalmente. A pesquisada traz em sua fala a questão do uso das novas tecnologias em sala de aula e, embora defenda o uso e a importância desses recursos, demonstra não saber como aproveitá-los nas aulas de Língua Portuguesa. Fato esse que indica que mesmo a escola tendo condições de adquirir recursos variados, se os professores não forem preparados para saber como aproveitá-los, o investimento será ineficaz. Seguramente, que docentes de Língua Portuguesa poderiam usufruir dos proveitos de recursos tecnológicos, se preparados para isso. Assim como a escola precisa se adaptar e trazer as novas tecnologias como parte integrante

do processo ensino e aprendizagem, é preciso que seja bem planejado também como os professores contemporâneos, que não cresceram inseridos na rede tecnológica atual, farão para reformular a maneira de trabalhar.

Em um momento, Bruna fala um pouco da questão do uso da Internet, que é proibido também na sua escola e ressalta que não sabe até quando essa proibição conseguirá ser mantida. Porém, Bruna não diz ser a favor ou contra tal situação, fala apenas que é algo bastante complicado:

[...] a gente tem todo material 3D, pra mim não serve pra nada, eu nunca dei uma aula 3D, eu vou mostrar um texto em 3D? Então a nossa área não é muito favorecida nesse tipo de aula, a gente não usa um laboratório, não faz experiência [...] embora eu tenha os recursos disponíveis não tem muito o que fazer nesse sentido né, mas aí... Esse livro agora que eu troquei ele tem a versão digital, [...] acho que o professor tem que se adaptar porque o recurso digital tá aí, eles não vão voltar atrás, a gente não vai ficar sem celular, a gente não vai ficar sem computador e é uma geração que é muito imediata. [...] em sala de aula o celular é proibido né, eu não sei até quando vão conseguir manter isso né, eles tão sempre tentando usar escondido, aluno com mão pra baixo da classe é certo que ele tá no celular, certo, e é proibido né, se ele tá com celular eu tiro o celular e entrego pra coordenação e eles só podem pegar no final da manhã ou no final da tarde, mas dá um trabalho tremendo assim e essa função de catar celular de aluno a gente perde quanto tempo tirando celular e pega celular e eu não sei até que ponto a gente não vai precisar se reciclar e saber tirar proveito disso, por exemplo, na redação, às vezes, eu tô dando, eles me perguntam se eles podem pesquisar sinônimos, eu quero que eles usem um dicionário de sinônimos, só que eu trabalho com uma geração que não tá acostumada a usar o dicionário, então eles botam ali no Google palavra tal, sinônimo e já aparece, então eu não sei até que ponto a gente vai conseguir lidar com isso [...]

A entrevistada Ju ressalta aqui um olhar também totalmente diferenciado das outras pesquisadas, pois concentra toda a sua narrativa na responsabilidade do professor para que as aulas sejam plenamente satisfatórias. Em momento algum, ela faz qualquer referência a outro fator e isso é interessante porque é incomum nas reflexões que costumamos ouvir. Vejamos uma parte da sua narração:

[...] é a dedicação a estudar, a ter a vontade de continuar o teu estudo, eu não digo fazer mestrado toda hora, não, eu fui fazer agora, mas sentar, pesquisar, ler, a gente tem uma boa base na faculdade, ir atrás da didática, procurar o auxílio da tua coordenação, pedir a eles as “armas” que tu tens pra usar com teus alunos, os limites que tu tens, saber preparar o material, organizar, testar, testar, eu acho que todo mundo cansa, todos professores chegam em março, iniciaram, lá por junho, julho já estão estagnados, tudo bem, todo mundo cansa a gente sabe, mas é a profissão que a gente escolheu, então a gente tem que saber lidar [...]

Em suma, as pesquisadas, nesse quarto questionamento, narraram uma série de descontentamentos que limitam suas práticas docentes, o que é necessariamente vital, pois como colocado por Veiga-Neto (2006, p. 20), é “pretendido sim contribuir para que cada docente não aceite de forma automática e silenciosa os discursos que têm sido repetidos [...]”. Portanto, é preciso que as docentes ganhem “voz”, mas que, além disso, essas vozes sejam levadas em consideração, sejam respeitadas como opiniões fundamentais para que possamos repensar as problemáticas educacionais.

No capítulo a seguir, apresento a partir das teorias defendidas e das entrevistas analisadas algumas considerações que finalizam os estudos dessa dissertação.

6 Considerações sobre as narrativas

Embora seis pesquisadas constituam uma pequena mostra de narrativas docentes, esse estudo objetivou oportunizar, conforme defendido por Moita Lopes (2006, p. 21) “alternativas para a pesquisa em nosso campo que reflita visões de mundo, ideologias, valores [...]”. Nessa perspectiva, as docentes contribuíram significativamente, narrando diferentes pontos de vista que nos ajudam a repensarmos a educação contemporânea.

Entre preparar o aluno para a vida diária e prepará-lo para ser competitivo no mercado de trabalho; entre exigir do professor um trabalho o mais eficaz possível e dar ao professor liberdade e autonomia nas suas decisões; entre tantas diferenciações que as instituições abarcam, estão as docentes que parecem tanto em uma situação como em outra se sentirem responsáveis por encontrar soluções para as problemáticas educacionais e assim garantir uma educação de qualidade. O gênero feminino sempre carregou muitas responsabilidades na sociedade como um todo e na instituição escolar a magnitude dessa responsabilidade ainda é muito expressiva.

Em suma, com base nas entrevistas aqui analisadas, considerei que as docentes, a partir das suas narrativas, se constituíram identitariamente como profissionais frente à pesquisadora. Ao fazer isso, repetiram e reforçaram discursos queixosos ao sistema educacional atual, mas também constituíram muitas histórias bonitas, cheias de iniciativas, de esperanças, de comprometimento com a profissão. É bastante evidente como consideram importante que alguém as escute quando argumentam, por exemplo, que “o trabalho do professor é um trabalho solitário”. Conforme ressaltado por Lima, Geraldi C. e Geraldi J. (2015, p. 19) “[...] pesquisar *sobre* os professores e

pesquisar *com* os professores ou pesquisar na escola e com a escola, resultam em estudos diversos.” Pesquisar *com* os professores oportunizou, nessa pesquisa, a escuta de narrativas extremamente enriquecedoras, que somente a disposição de ouvir os sujeitos envolvidos pode proporcionar.

A questão identitária, assim como defendida teoricamente, também foi representada através das narrativas das entrevistadas, as narrações do passado em relação ao presente e até mesmo ao futuro demonstraram o quanto as identidades docentes são processo de produção contínuo.

Todas as problemáticas educacionais aqui ressaltadas nos ajudam a compreender como culturalmente as instituições escolares têm se constituído. As narrativas docentes vistas pelo viés da “virada cultural” são também prática e texto cultural, repletas de representações, de significados que alertam para a responsabilidade de todos, inclusive nós, pesquisadores, de problematizarmos, de deixarmos de tratar como natural as dificuldades educacionais.

Ressalto também que não houve aqui a pretensão de finalmente descobrir a solução que resolveria o presente e/ou futuro da educação, esse não foi o foco, nem a ideia defendida. Ainda assim, pretendi colaborar ao partir em defesa de um repensar constante, de um incômodo contínuo, porque problemáticas e desafios estão o tempo todo ocorrendo e, entendendo a linguagem como constituidora das “realidades”, podemos usá-la para representar discursos diferenciados dos que estamos acostumados a ouvir, podemos usá-la para estabelecermos relações de poder que nos sejam colaborativas.

Para o grupo de pesquisadas nesse estudo, a escola certamente tem futuro, mas também tem muitos desafios a serem enfrentados. Nenhuma das docentes mostrou-se descrente em relação ao futuro escolar, porém ainda assim preocupadas com as dificuldades enfrentadas na contemporaneidade.

Conforme argumenta Sibilia (2012, p. 207):

O futuro ainda nos reserva muitas surpresas, inclusive em suas vertentes mais imediatas, e nesse turbilhão todas as previsões são arreadas. Se há algo que não deixa dúvida, porém é que as novas gerações falam uma língua bem diferente daquela que servia para comunicar os que se educaram tendo a escola como seu principal meio de socialização e a “cultura letrada” como seu horizonte universal, com o firme respaldo institucional do projeto moderno abrigado por cada Estado nacional. E desses jovens do século XXI depende, em boa medida, o desenvolvimento dos próximos atos deste drama.

Diante de tantos desafios, o repensar, o problematizar continuamente tornam-se práticas essenciais. Desnaturalizar o que por vezes parece inquestionável também é vital. Considero que, se deixarmos de procurar soluções definitivas e nos engajarmos em contribuições diárias, a escola poderá voltar a ter significado para a sociedade contemporânea. Os docentes têm muito a contribuir, mas precisam ser ouvidos, precisam ser considerados. Somente a linguagem poderá constituir novos significados, portanto entendê-la como central é essencial para um futuro menos desigual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Munia de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

ALVES, Nilda. Nós somos o que contamos: a narrativa de si como prática de formação. In: **Histórias de vida e formação de professores**. TVescola, SEED – MEC. Salto para o Futuro. Boletim 01, 2007, p. 62- 70.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**/ Zygmunt Bauman; tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

COSTA, Marisa Vorraber. **A escola tem futuro?** Marisa Vorraber Costa (org.) – Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. In: **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...**/ Organizado por Marisa Vorraber Costa. – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000, p. 13-36.

COSTA, Marisa Vorraber. O magistério e a política cultural de representação e identidade. **O magistério na política cultural**. / Organização de Marisa Vorraber Costa. – Canoas: Ed. ULBRA, 2006, p. 69- 92.

COSTA, Marisa Vorraber. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.143-156.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 45-65.

FABRÍCIO, Branca Falabella; BASTOS, Liliana Cabral. Narrativas e identidade de grupo: a memória como garantia do “nós” perante o “outro”. In: PEREIRA, Maria das Graças Dias; BASTOS, Clarissa Rollin Pinheiro; PEREIRA, Tânia Conceição (orgs.). **Discursos socioculturais em interação Interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 39-66.

FABRIS, Elí T. Henn. O cinema e o “Oscar do Magistério”. **O magistério na política cultural**. / Organização de Marisa Vorraber Costa. – Canoas: ED. ULBRA, 2006, p. 119-154.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987, 288 p.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen. **Currículo Cultural: o que ensinam os livros regionais sobre identidade?** Currículo sem Fronteiras, v.10, n.2, pp. 106-118, Jul/Dez 2010.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **A figura do gaúcho e a identidade cultural latino-americana.** Educação, ano XXVII, n. 2 (53), mai/ago 2004. p. 263-281.

GHIRALDELO, Claudete Moreno. Escritas de si e identidade profissionais de professores. **Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela: alfabetização, formação de professores, línguas materna e estrangeira/** Beatriz Maria Eckert-Hoff e Maria José Rodrigues Faria Coracini (organizadoras). – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 231-255.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (org.). **Vidas de Professores.** Portugal: Porto Editora, 1992, p. 63-78.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo.** Educação e Realidade. v. 22, n. 02, jul/dez 1997. p. 15-46.

KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 129-148.

LARROSA, Jorge. **Lenguaje e Educación.** *Revista Brasileira de Educação.* n 16, jan/abr 2001. p 68-80.

LEHMANN, Bianca Alves. **As Aulas de oratória: um espaço de formação e de construção identitária.** 2015. 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: 2015.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. O TRABALHO COM NARRATIVAS NA INVESTIGAÇÃO EM EDUCAÇÃO. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 17-44, mar. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982015000100017&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 16 set. 2015. Epub Mar-2015. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698130280>.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil.** 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 443-481.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes; ROCA, Maria Del Pilar (orgs.). **Linguística aplicada um caminho com diferentes acessos.** São Paulo: Contexto, 2009. p. 11-24.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, Branca Telles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Tereza Lopes (orgs.). **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA, 2001. p. 55-71

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 13-44.

PENNYCOOK, Alastair. A Linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (orgs.) **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998, p. 23-49.

PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 67-84.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Repensar o papel da linguística aplicada. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 149-168.

ROLLEMBERG, Ana Tereza Vieira Machado. História de vida de duas professoras: narrativas como instrumento de construção da identidade profissional. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Discursos de identidades**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003, p. 249-271.

SEVERO, Rita Cristine Basso Soares. **As gurias normais do Curso Normal do Instituto de Educação de Porto Alegre**/ Rita Cristine Basso Soares; Elisabete Maria Garbin, orientadora. – Porto Alegre, 2008.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 73-102.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e Identidade Social: Territórios Contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas na sala de aula. Uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p.190-207.

SOMMER, Luís Henrique. **A ordem do discurso escolar**. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007, p.57-66.

SOUZA, Elizeu Clementino. Abordagem experiencial: pesquisa educacional, formação e histórias de vida. In: **Histórias de vida e formação de professores**. TVescola, SEED – MEC. Salto para o Futuro. Boletim 01, 2007, p. 14 - 22.

SOUZA, Elizeu Clementino. **Outras formas de dizer: diálogos sobre pesquisa narrativa em/com Nilda Alves**. Revista Teias, v. 13, n. 29, p. 61-72, n. especial, 2012.

VEIGA-NETO. **Cultura, culturas e educação**. *Revista Brasileira de Educação*. ANPED, Mai/Jun/Ago, nº 23, 2003, p. 5-15.

VEIGA-NETO. Michel Foucault e os Estudos Culturais. **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...**/ Organizado por Marisa Vorraber Costa – Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000, p. 37- 67.

VEIGA-NETO. Olhares... In: Marisa Vorraber Costa (org.) **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Porto Alegre: Mediação, 1996, p. 19-35.

VELASQUES, Matheus Trindade. **Why is the book on the table? Um estudo sobre a constituição identitária de professoras de língua inglesa em formação**/ Matheus Trindade Velasques; Leticia Fonseca Richthofen de Freitas, orientadora. – Pelotas, 2013. 159 f.

VITELLI, Celso. Adolescência e arte: estética e práticas culturais [p. 113-140]. In: **Aprender**: caderno de filosofia e psicologia da educação. Dossiê temático: infância e educação. Ano 3, nº 4, jan./ jun. 2005. Vitória da Conquista/ BA: Edições UESB, 2005.

ZAVALA, Virginia. Quem está dizendo isso?: Letramento acadêmico, identidade e poder no ensino superior. In: VÓVIO, Cláudia; SITO, Luanda; GRANDE, Paula (organizadoras). **Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em linguística aplicada**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p.71-93.

APÊNCICES

Apêndice A – Termo de consentimento para coleta de entrevistas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO
ESTUDOS DA LINGUAGEM

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____,
declaro que estou de acordo em fornecer informações a Arlézia de Souza, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), para o desenvolvimento da pesquisa relativa à sua dissertação de mestrado, provisoriamente intitulada: ***Narrativas docentes: construindo e reconstruindo histórias.***

Declaro ainda que tenho conhecimento de que a minha participação nesta fase do projeto consiste em conceder entrevistas, que serão gravadas em arquivos de áudio.

Estou ciente de que todas as informações fornecidas serão utilizadas de maneira sigilosa, sem referência à minha identificação pessoal e ao meu local de trabalho.

Assinatura

Assinatura da pesquisadora responsável

Assinatura da Prof.^a Orientadora

Endereço da pesquisadora:

Passeio Arthur de Oliveira, 90 – Cohab Tablada – Pelotas/RS.

Fone: (53)84420424

Email: arlezias@yahoo.com.br

Apêndice B – Guia de entrevista

- 1- Como e por que te tornaste professor(a) de Língua Portuguesa?

- 2- Como tu avalias, nesse momento, a questão “satisfação profissional” em relação a tua carreira docente?

- 3- Qual ou quais contribuições tu achas que as aulas de Português podem trazer aos alunos contemporâneos?

- 4- Para ti, como é ou como seria o processo ensino e aprendizagem de língua materna plenamente satisfatório?

Apêndice C – Ficha de dados pessoais dos entrevistados**Dados do(a) entrevistado(a):**

Nome Completo: _____

Idade: _____

Anos de Formação Docente: _____

Escola(s) de atuação: _____

Apelido escolhido para substituir o nome: _____

Apêndice D – Respostas da entrevistada Antônia

1) **Como e por que te tornaste professor(a) de Língua Portuguesa¹⁴?**

Acho que foi por dois motivos fundamentais, primeiramente, porque eu cresci numa família, a minha mãe é professora, e sempre tive muito contato com o ambiente escolar, então assim desde o pré, antes mesmo da idade escolar eu já fazia parte, já estava na escola, fazia parte de reuniões e tinha contato com professores e via o dia a dia né, dentro de casa também. Então de certa forma eu acredito, foi meio que automático, de certa forma também eu pensasse alguma forma de aproximação, alguma forma de achar que aquilo era legal porque minha mãe fazia aquilo, identificação, por esse motivo então que acredito que foi fundamental ser professora. O fator ser professora, de língua portuguesa porque dentro de casa por parte do meu pai, da minha mãe também, mas principalmente por parte do pai a relação de incentivo a leitura foi muito grande, desde muito pequena eu ganhava muitos livros e até hoje eu sou uma pessoa apaixonada por livros, uma paixão quase compulsiva assim, tenho bastante livros e gosto muito, tenho muito contato com livro, gosto. Então, assim, acredito que esse incentivo à leitura, nos momentos de lazer ou mesmo que não fosse, pela manhã lembro de meu pai lendo, minha mãe, meu pai à noite também lendo, muito contato com livros, os livros sempre estiveram muito à disposição nossa, de todos os filhos e presentes normalmente de meu pai em aniversário, natal, essas datas, então foram inclusive leituras que me marcaram, sempre tive muito carinho pelas letras, pela linguagem, foram fatores fundamentais para eu decidir ser professora de português, por gostar muito de comunicação e de ler, foi meu primeiro atrativo pela profissão. **Tu achas que a tua mãe te passava uma ideia positiva da profissão?** Sim, inclusive até hoje, ela depois de aposentada voltou a trabalhar e muitas vezes ela comenta isso que tem amor pela educação, por dar aula, por ter contato com alunos, ela ama isso, então acredito que sim, tanto que hoje trabalhando eu vejo alguns pontos negativos, mas enquanto criança, enquanto adolescente eu não observava nenhum deles, então quer dizer que de certa forma isso ficou em segundo plano para mim, não ficou no ambiente, tanto que eu não observei,

¹⁴ Sempre que a escrita aparecer em negrito nesse e nos apêndices posteriores significa que a fala é da pesquisadora, podendo ocorrer no início ou no decorrer das narrativas.

mas tinha essa paixão, o ambiente escolar, me agradava muito estar na escola, estar nos corredores, ver a minha mãe corrigindo provas, chamadas, eu achava o máximo. **E tua mãe é professora de?** A minha mãe é professora de Educação Física. **E tu achavas que tu sendo professora poderias passar um pouco desse gosto da leitura para os alunos, dessa coisa do livro por ser professora de português?** É eu inclusive embora há pouco tempo eu seja formada, é uma bandeira assim minha, como professora, então esse ano assim mais, a frente como titular de língua portuguesa é algo que eu tenho, que eu pretendo trabalhar, com projeto de conscientização à leitura, essa é a minha ênfase, essa paixão que eu quero passar para os alunos, é o que eu sempre digo conversando com outras pessoas e colegas, que é importante que o aluno saiba a gramática, mas pra mim uma das coisas mais importantes é que ele entenda, que ele saiba a importância da leitura, que a partir disso as outras coisas vão acontecer também né, os conhecimentos da língua portuguesa.

2) **Como tu avalias, nesse momento, a questão “satisfação profissional” em relação a tua carreira docente?** Então, a profissão para mim tem sido um dilema e tem sido frustrante, porque eu tô formada vai fazer um ano, mas já leciono há quase dois anos e assim, é frustrante no sentido de que todo o meu ensino médio foi muito claro que eu queria fazer Letras - Português Espanhol, foi muito certo, era algo taxativo, eu sempre falei sobre isso, já tinha me encontrado, enfim era isso que eu queria para mim e eu fiz a faculdade e foi bastante difícil porque eu havia casado também e concluí a faculdade e enfim esperava alguma coisa. Os estágios foram em turmas ideais, foi muito bem nos estágios, com notas excelentes e aí quando vou para a realidade encontro algo que me deixou um pouco frustrada né, então assim porque todo o ambiente, toda a realidade de interesse dos alunos, toda a realidade difícil do professor, muito trabalho, muito desgastante né, acaba o professor ficando meio paternalista, o sistema acaba te pedindo isso, algumas escolas também, então foi um fator assim crucial, algo que eu sempre quis, hoje em dia me faz repensar se eu quero isso pro meu futuro, então eu gosto muito de dar aula, eu gosto muito de estar com meus alunos, hoje mesmo tive uma aula e fiquei bastante feliz com o resultado que vi, então me deixa satisfeita quando as coisas acontecem, a gente elabora aulas com carinho, exercícios

com carinho, pensando em realmente promover uma interação e ficar bem agradável para todo mundo né: professor e aluno, mas tu encontra muitas adversidades, a ponto de que elas, muitas vezes, são mais negativas do que positivas. Então isso hoje me faz repensar se eu quero essa carreira pra minha vida toda, embora eu sempre quisesse isso pra minha vida, então hoje eu já penso em mudar a área, porque eu penso assim e falo para as pessoas que eu tenho contato se o sistema não muda, se as condições não mudam, tanto assim que valorização do professor em todo o contexto escolar que ele é bem complicado, já que o sistema então, a realidade não muda, quem tem que mudar sou eu, então isso me deixa frustrada porque eu tenho que pensar em outras opções, então tenho feito o Enem, pensado em outras possibilidades de profissão, então o que eu sempre quis não é possível que eu me sustente com isso a vida toda, porque ou eu me desgasto muito, trabalho muito, por financeiramente uma retribuição baixa e me contento com isso ou eu preciso pensar em outras alternativas né. **E tu acha que essa questão assim financeira é o que mais pesa pra ti te sentir insatisfeita ou é um conjunto de coisas?** É um conjunto de coisas, mas acredito que o fator principal seja a questão financeira porque eu mesmo tenho 26 horas aula, não é uma quantidade muito grande, mas a quantidade de horas que eu trabalho em casa ela é interminável, então eu trabalho o equivalente a 40 horas, às vezes um pouco mais, dependendo do período do bimestre, então assim se trabalha muito, só se trabalha né, então não há retribuição, acredito que se tivesse um ambiente que tivesse uma retribuição financeira legal, satisfatória, com certeza tu relevaria algumas coisas, então nesse sentido aí acho bem complicado essa questão da desvalorização. **Hoje, se tu pudesse tu mudaria de profissão?** Hoje, se eu pudesse eu mudaria de profissão, inclusive tenho investido nesse sentido já.

3) **Qual ou quais contribuições tu achas que as aulas de Português podem trazer aos alunos contemporâneos?** A Língua Portuguesa pra mim é uma disciplina fundamental, é a disciplina mestra que vai trabalhar com questão do comportamento, da postura do aluno nos seus variados sentidos, hoje em dia eu sinto, eu percebo conversando com outros professores e até mesmo avaliando os trabalhos que são feitos e as exigências que também são

feitas a nós o enfoque não tem sido tanto no sentido de...¹⁵, realmente é trabalhar com a linguagem, trabalhar com a comunicação, envolvendo a leitura em primeiro plano, trabalhar com as variantes, enfim algo mais... Então assim, a gente recebe um plano de ensino e aquilo tem que ser, que acontecer até determinado tempo, até o fim do ano, então acho fundamental no sentido de crescimento do aluno, no crescimento do cidadão, na formação do cidadão na questão de interpretação de mundo nos seus variados sentidos, a leitura por si só, aspectos comunicativos e várias contribuições que isso acarreta nas variadas áreas né do conhecimento, não é só no ensino de língua portuguesa resultando somente para o ensino de língua portuguesa, não né, o resultado é um aprendizado para as diversas áreas, mas acho que isso não tem acontecido como deveria ser, a ênfase tem sido sim nas questões gramaticais, nas questões de estrutura, nas questões de forma, muito embora já tenha mudado um pouco né, alguma coisa já está mudando, mas as cobranças e os quesitos ainda estão sendo cobrados na questão de sintaxe. **E tu te achas pressionada a dar coisas que tu não achas tão importante? Tu achas que os professores são de certa forma obrigados?** É, porque assim, eu trabalho na rede particular, então eu recebo um livro didático, numa rede particular tu não podes te dar o luxo de simplesmente não me agradei desse livro, não me agradei da forma como o livro trata, eu tenho sim que usar, então sim tem que vencer aqueles conteúdos, sim tem que usar os materiais que a escola disponibiliza, tem que usar o material que os pais também adquirem e isso importa né, isso engessa o trabalho do professor, então muito embora tu tenhas ideias e saia com toda uma filosofia da faculdade, uma maneira de pensar, tens que te adaptar a realidade de trabalho. **Tu achas que as aulas poderiam estar contribuindo muito mais se não fosse por essas questões, por essas obrigações?** Sim, acho que sim, acho que poderiam ter aulas bem mais interativas, uma outra forma de aula, não aquela coisa quadro, exercício, livro, existem outras formas de aprendizado, existem outras maneiras de crescimento do aluno e que sim ele também tá aprendendo e também tá lidando com a língua e com a linguagem, então isso sim dificulta, alguma coisa sim a

¹⁵Utilizo as reticências para marcar uma fala que a entrevistada deixou incompleta ou para marcar algo que não foi compreendido no processo de transcrição.

gente faz, eu procuro adaptar e fazer mas devido ao tempo e de cumprir ordens tu acaba não podendo fazer como gostaria.

4) **Para ti, como é ou como seria o processo ensino e aprendizagem de língua materna plenamente satisfatório?** Primeiramente, acho que tem que ser revisto não só no quesito língua portuguesa, tem que ser revisto o sistema educacional, o modo como as aulas, como a estrutura da escola funciona, então assim o nosso aluno ele é muito interativo, ele é muito dinâmico, ele pede coisas, ele está acostumado a uma realidade que a escola hoje não tem contemplado, não tem conseguido alcançar, então não só em Língua Portuguesa que eu percebo essas dificuldades relativas ao ensino do professor, nas outras áreas também, mas acho que tem que ser reformulado, tem que ser revisto, repensado as questões da obrigatoriedade do ensino da gramática ainda em primeiro plano, ainda hoje em primeiro plano né, porque texto e todas as outras várias formas elas nunca deixaram decrescer... Mas ainda não estão em primeiro plano... Em língua portuguesa eu acho que essa reformulação é prioridade, o que é prioridade que o aluno aprenda, o que é importante, o que realmente é necessário que ele fixe a atenção. **E da onde tu achas que tem que partir essa mudança? Quem poderia fazer essa mudança?** É, pois é, acho que assim, a universidade, enfim, os estudantes, enfim quem está lá na área de pesquisa tem contribuído muito para isso né, essa área tem contribuído com muitas teses, muitas dicas e orientações para que haja essa reformulação... Acho que haveria uma outra percepção do que é língua portuguesa, do que é o ensino de Língua Portuguesa, porque os alunos carregam... Então há pouco ouvi uma aluna falar “Odeio Língua Portuguesa”, então acho que sim, se os professores também tomassem por iniciativa de mudar um pouco essa forma de ensino, a estrutura da sala de aula de língua portuguesa já haveria uma resposta né, porque os alunos inclusive parece que estão sedentos por algo inovador e muitas vezes eles... Esse ano eu vou fazer um teste, começando o ano letivo a partir de um projeto de incentivo à leitura, então eu vou deixar todo o conteúdo gramatical, eu disse para a minha orientadora não vou trabalhar nada de conteúdo gramatical nessa primeira fase das aulas de português, quero trabalhar somente com a leitura, então partiu de mim isso né, mas acho que cabe aos outros professores, cada um com a sua realidade, tornar isso uma realidade...

Apêndice E – Respostas da entrevistada Bruna

1) **Como e por que te tornaste professora de Língua Portuguesa?** Bom, assim, na verdade o meu primeiro vestibular foi pra Direito, porque eu não sabia ainda o certo o que eu queria, muito novinha, aí eu fiz vestibular pra Direito e passei, eu tava no 3º ano do ensino médio, não pude entrar, aí no final do ano eu fiz de novo, aí eu fiz e na Católica tinha primeira e segunda opção e eu sempre gostei da função de dar aula e tal né, comecei com sei lá seis anos a dar aula pras minhas bonecas, mas como eu não sabia o que eu queria fazer, quis fazer Direito pra fazer concurso, aí quando foi pra valer eu não passei pra Direito e passei pra Letras que era minha segunda opção na Católica, que eu coloquei pensando no curso de Direito, né porque bastante gente faz em função dos concursos e tal. Aí entrei na Católica, comecei a cursar lá e aí descobri que eu não queria Direito nada, que eu queria mesmo era isso, aí tranquei a Católica por ser paga e não era um curso tão difícil de entrar na Federal, aí fiz vestibular e passei na UFPel¹⁶ e na FURG¹⁷, fui pra FURG por opção, o meu marido já fazia faculdade lá, ficava mais fácil, o conceito da FURG tava bom fui pra lá e na época lá também eu podia fazer Português/Espanhol e aqui naquele ano fazia ou Português ou Espanhol e lá eu faria as duas. Aí fui, e aí me achei, era o que eu queria mesmo e aí durante o curso a gente vai descobrindo, por exemplo, eu quando entrei optei por fazer Português/Espanhol, na época idealizava trabalhar com os dois, durante a faculdade eu descobri que não gostava de trabalhar com Espanhol, adorei fazer a faculdade, pra mim é muito válido, falo numa boa, mas não é o que eu queria para trabalhar. Literatura também descartei durante a faculdade, já dei algumas aulas de Literatura, mas não é o que eu domino e não gosto muito e aí fiquei com o Português, que me encantou, eu acho que os professores da faculdade fazem uma diferença muito grande, principalmente no curso de Letras que a gente tem a Redação, o Português, a Literatura, a Língua Estrangeira, eu acho que os professores que a gente tem fazem uma diferença na escolha da área que a gente vai seguir, aí quando eu me formei, no ano que eu ia me formar, aí a gente fica procurando emprego, aí apareceu o do (nome de curso pré-vestibular retirado), era pra

¹⁶ Universidade Federal de Pelotas

¹⁷ Universidade Federal do Rio Grande

Português, na época peguei e dali foi, aí eu gostei, decidi no mesmo ano fazer a pós-graduação, aí fiz em Leitura e Produção Textual na UFPel, fiz a pós-graduação e optei por trabalhar só com o Português e com a Redação, porque na nossa área como fica muito amplo, alguns professores saem dando “tiro” pra tudo que é lado, dão aula de tudo e eu, por exemplo, hoje se uma pessoa me pede aula de Literatura eu até sei os principais autores, só, então eu não dou aula, porque eu não vou dar uma boa aula, aí eu acho que nessa área a pessoa tem que escolher uma área que goste, estudar um pouco mais, se aperfeiçoar e trabalhar com ela pra trabalhar bem, aí foi durante... Não foi uma escolha no início da faculdade, foi da trajetória sim, por encantamento, por gostar mais, por identificação, por estudar um pouco mais, aí eu optei por ficar só com o Português e a Redação.

2) **Como tu avalias, nesse momento, a questão “satisfação profissional” em relação a tua carreira docente?** Hoje eu tô num momento de grande satisfação, assim depois de dez pra onze anos de formada eu já passei por vários lugares, por cursinho pré-vestibular, comecei em pré-vestibular, depois fui pro EJA¹⁸, foi onde eu fiquei bastante tempo, saí há pouco, depois fui para um outro cursinho pré-vestibular e em algumas escolas, e aí com o tempo, eu acho que professor tem a tendência de no início da carreira pegar tudo, até um pouco de deslumbramento eu imagino né porque tu começa a aparecer e Pelotas não é uma cidade assim tão grande, então a gente sempre sabe, quem é que dá aula no cursinho tal, quem é o professor da escola tal, a gente acaba na nossa área pelo menos, acredito que nas outras também, todo mundo meio que se conhece né, já ouviu falar, aí eu não conheço mas já ouvi falar do professor tal, então a minha carreira foi seguindo essa trajetória, acho que cursinho a gente aparece bastante. No ano que eu comecei a dar aula no (nome de curso pré-vestibular retirado) e aí foi o ano que me chamaram no (nome do colégio em que trabalha atualmente retirado), me chamaram no (nome de colégio retirado) e acho que é um pouco isso deslumbramento e medo, eu acho que pra mim foi assim, eu tinha um pouco de medo de pedir pra sair, porque eu tinha medo de sair e depois precisar e não conseguir voltar,

¹⁸ Educação de Jovens e Adultos

uma insegurança acho de início de carreira sei lá, aí teve um ano que foi de maior loucura que eu estava em quatro lugares: eu dava aula no (nome de colégio retirado), eu dava aula no (nome de colégio retirado), eu dava aula no (nome de curso pré-vestibular retirado) e eu dava aula no (nome de colégio retirado), então eu tava nesse momento assim de me descobrir e de aparecer, aparecer entre as escolas mesmo, de ficarem sabendo “Ah, a Bruna lá do (nome de curso pré-vestibular retirado) é boa”, e aí iam chamando um pelo outro, e aí durante um ano eu abracei tudo isso, dei conta do serviço, mas cansei bastante, aí vem um pouco do amadurecimento, acho que da idade, do amadurecimento profissional, aí a gente começa a ver que não dá pra fazer tudo isso né porque na verdade dá até dá só que daí o professor morre de cansado, não faz direito e pra quem tem família é mais complicado. Aí eu fui vendo o que era melhor pra mim no período e aí eu fui adaptando, largando uma coisa e outra, acabei conseguindo sair de todos os lugares numa boa, todos os lugares que eu saí foi tranquilo, inclusive quando saí “Não, Bruna, qualquer coisa no futuro a gente trabalha junto” e saí bem de todos os lugares e aí optei por ficar no (nome do colégio atual retirado) por escolha de realização pessoal e de ambiente de trabalho, eu gosto muito e financeiro também, não dá pra ser hipócrita, dizer que professor só trabalha por amor, também precisa de dinheiro. Então fiquei lá e aí resolvi junto com duas amigas, que nós éramos bem procuradas pra aula particular e pra aula particular em casa pra mim é complicado que tenho filho pequeno, a outra mora no Laranjal e a outra morava com os pais, então a gente tinha um pouco de dificuldade pra dar aula particular e aí conversando decidimos abrir uma sala pra aula particular e aí hoje eu faço isso, hoje eu trabalho no (retirado daqui o nome do colégio) e dou aula aqui, então hoje eu tô num momento de grande satisfação por isso, porque eu tô em lugares que eu gosto de trabalhar, eu consegui selecionar, escolher onde eu trabalho, não tem nenhum lugar que eu trabalhe, porque a gente sabe que passa por isso, eu já passei, de sofrer, de ter que entrar numa turma, de sofrer porque tem que trabalhar num lugar que desgasta e que a gente não é valorizado, que a gente tem que aguentar “n” situações de alunos e tem que engolir, então eu consegui hoje chegar num lugar que eu não precise passar por isso. **Sim, tu trabalha numa escola particular e tu disse que estás satisfeita profissionalmente tanto financeiramente quanto com a questão**

dos alunos. Tu acha que o retorno dos alunos na escola que tu trabalha é bom? É, é porque ali, foi o que eu disse, questão de escolha né, foi indo porque a gente sabe que, eu nunca trabalhei em escola pública, então não posso dizer como funciona dentro de uma escola pública, eu não tenho esse comparativo, só de ouvir dos colegas, tenho muitos colegas que trabalham em escola pública e contam como é, assim em escola particular, eu já trabalhei numa escola particular em que chegou no final do ano, eles disseram que eu tinha que passar o aluno, porque o pai do aluno era muito furioso e que ia ficar muito incomodado pelo filho ir para a recuperação, não era nem rodar de ano, era recuperação, e aí me ligaram e disseram “Bruna, o fulano ficou em recuperação” e eu disse “Sim, ficou em recuperação”, “Tá, mas o pai dele vai vir aqui, porque o pai dele é muito furioso”, bom, resultado nessa escola eu só trabalhei meio ano e pedi pra ir embora porque não serve pra mim. **Que também era particular?** Também era particular tá. Aí quando eu fui pro (nome do colégio atual retirado) eu tinha um pouco de receio, porque as pessoas falam muito a questão de que lá o aluno manda no professor, eu nunca passei por uma situação dessas, eu tive uma situação na escola de reclamação de pais, em que a escola ficou totalmente do meu lado, foi porque o aluno tirou um zero em uma redação e os pais foram questionar, porque era um absurdo dar um zero né, e aí eles me chamaram pra uma reunião com os pais e me deram todo o respaldo, eles só pediram que eu explicasse né, levei a tabela do Enem, que é por onde é corrigida a redação, que lá eu trabalho tanto com Português quanto com a Redação, então eu não tenho queixa nenhuma, todos os problemas que eu tive com alunos sempre foram resolvidos assim, alunos reprovados, a Redação que é uma área difícil de reprovar, reprova, quando eu bato pé reprova. **Tem aula de Redação separado?** Separado. **Tem aula de Português e aula de Redação?** Separado. Eu dou aula de Português pro 6º ano e pro 8º e dou Redação pra todo o Médio e esse ano eu vou assumir o 5º ano em Redação tá, mas a princípio só com o ensino médio e no 6º e no 8º ano também assim, no 8º que era, esse foi o último ano de 8ª série 2014, que é um ano complicado também, porque tem a função de formatura, e aí uma ligava “Ah porque as coisas da formatura estão prontas” “Paciência, rodou, rodou”, claro não vou te dizer que não tenha como todos os lugares, sempre tem o conselho final, se o aluno roda em uma disciplina, a gente se reúne e vê se vale

a pena ele reprovar, principalmente quando falta pouco, mas eu me sinto hoje assim com total liberdade dentro da escola que eu trabalho por decidir, tudo ali é, eu trabalho com uma, como é que eu vou te dizer, não é fiscalização, mas um controle grande de coordenação, todo nosso material passa por coordenação, eu não passo nada pra xerox sem passar por eles e inclusive eles fazem, lá eles fazem uma vistoria de caderno, que é, lá eles fazem xerox dos cadernos dos alunos, de alguns alunos, não de todos né, eles escolhem um aluno que saibam que copia tudo e fazem xerox do caderno de tempos em tempos. Há professores que acham que isso é um controle muito grande sobre seu trabalho, eu particularmente gosto porque qual a situação que eu vejo, quando os pais ligam, que a gente sabe que escola particular tem bastante isso, envolvimento grande dos pais, quando os pais ligam eu pouco me incomodo na escola, porque muita coisa fica na coordenação, eles ligam e aí vão dizer assim ah porque sei lá, “Porque o professor não tá passando tema”, a minha coordenadora pega o xerox que ela tem do meu caderno, de um aluno que tem o caderno completo e ela nem precisa falar comigo, ela diz “Não, foi passado o tema tal, tal, tal” porque às vezes os alunos não copiam e os pais acham que os professores não passam, né, então eu acho essa, eu vejo como um respaldo que pra mim nunca deu problema, eu tô lá há cinco anos e só me beneficiou, então eu acho que o professor que é responsável, que segue as normas e que faz tudo direitinho não tem porque tu te incomodar, se tão te fiscalizando ou não. **O Xerox do caderno do aluno serve para acompanhar o serviço dos professores e para ter um respaldo quando os pais procurarem a escola?** Sim, porque assim ó, lá pouco os pais chegam até os professores, então essa ideia que se tem de colégio particular que os pais pegam e falam e conversam e exigem ali não é assim, tudo passa pela coordenação primeiro e aí se for o caso que eles acham que vale a pena, aí a gente conversa com os pais, muitos pais eu já atendi só pra conversar, aparece muito também assim que o pai tá preocupado que o filho tá com baixa nota e quer conversar, não dá pra dizer que todos vão lá incomodar né, os que vão incomodar pouco eu vejo, a verdade é essa, fica tudo com a minha coordenadora lá, mas alguns querem saber como é que o filho é em aula, então isso tem, muito bate papo entre a gente com os pais em função disso. As minhas reuniões são separadas por área, que eu acho perfeito, a gente tem

uma reunião de todo mundo no início do ano, normalmente vou ter antes de começar as aulas, tem uma reunião geral e depois as reuniões são por área, o que eu acho bom porque um não interfere e nem sabe do problema dos colegas, então, por exemplo, se tá tendo problema em outra área eu nem tô sabendo, eu acho que preserva um pouco os professores, eu já trabalhei em escolas em que os professores foram expostos em reuniões na frente de todo mundo e eu acho que independente de ter feito alguma coisa errada não é o profissional que tá trabalhando que pode errar, todos nós podemos errar e às vezes eu acho que os professores são muito expostos assim. **Sim, e preserva um pouco o aluno também né?** Sim. **Essa questão das reuniões separadas?** É. E de aluno na verdade pra conversar sobre aluno eu tenho reunião semanal, então eu tenho meu horário de sala de aula e eu tenho uma reunião semanal com a coordenadora que é só pra passar assim, já aconteceu, por exemplo, de eu chegar ali e dizer “(nome da coordenadora retirado)”, eu tenho duas coordenadoras, uma do fundamental e uma do médio, chego lá e pergunto “(nome da coordenadora retirado), tem alguma coisa pra mim essa semana?” e ela “Não, não tenho nada e contigo?” “Não, tudo tranquilo essa semana”. “Ah, então tá, então tá, beijo, tchau”. **Só pra saber se tem algum problema?** É, agora eu tenho um horário fixo, por exemplo, se numa determinada turma eu tô tendo problema, eu tenho aquele meu horário da semana que eu vou chegar e vou dizer “Olha na turma tal tá complicado né”, que tem lá também diferença de uma turma pra outra, de um mesmo ano, às vezes tem uma turma que o conteúdo vai porque eles são mais atentos, porque produzem mais, são mais rápidos, noutra turma tranca, né, então eu vou chegar lá e vou dizer “Olha, (nome da coordenadora retirado), na turma tal tá indo assim numa boa, a outra tá trancada, eles não avançam, eles não tão produzindo”, então eu tenho esse horário semanal, eu acho bom porque não acumula, porque às vezes chega na reunião de final de trimestre, que tu nem lembra de tudo que aconteceu, então eu tenho um acompanhamento muito próximo assim do trabalho, que eu vejo só como saldo bem positivo assim. **E daí essa coordenadora ela vai conversar com o aluno se tu passou alguma coisa pra ela? Ela vai conversar com a turma ou não?** Normalmente, é assim, se é problema de turma, se conversa com a turma. **Ela?** Ela. Ou se eu tiver com algum problema particular tipo “Olha o fulano na minha aula ele não

para, preciso que tu converse com ele”, aí depois em um outro momento ela chama e conversa, então a gente tem um trabalho muito próximo de professor e coordenação. **Mas ela conversa com o aluno sem tu?** Só com o aluno, a não ser que eu queira estar junto, então eu tenho essa autonomia muito grande, ou então eu quero conversar com o aluno, só que daí eu chego lá e digo “Olha, eu quero conversar com o fulano”, só que ela sempre tá presente porque, porque a gente sabe que sozinho daqui há pouco tu diz uma coisa e o aluno diz que tu falou outra, aí às vezes, por exemplo, se eu quero dar alguma orientação ou dar uma xingada porque tá demais ou alguma coisa eu faço sempre na frente dela pra não dizer “Ah, a professora foi grossa, professora falou tal coisa” ou “Ela me disse tal coisa”, sabe que adolescente eles criam muita fantasia na cabeça, às vezes, tu fala de uma maneira e eles entendem de outra, então tem esse né... Que eu também acho muito bom porque daí nunca vai o aluno “Ah porque ela me falou tal coisa”, não, claro na sala de aula sim, na sala de aula não tem controle, ali tem câmara na sala de aula, foi colocado eu já tava lá, até quando foi pra colocar a diretora até perguntou o que que eu achava porque eu já trabalhava numa escola que tinha, o (nome da escola retirado). Que quando eu comecei a trabalhar já tinha câmeras e aí a (nome da pessoa retirado) me chamou e me perguntou se eu né me sentia constrangida, ou se tinha algum problema ter câmeras e eu disse que não, até porque lá no (nome do colégio atual retirado) as portas tem uma janelinha de vidro, então tu tá dando aula, quando tu menos espera, a coordenadora tá sempre circulando pela escola, e, às vezes, ela tá com a cabeça ali na janelinha de vidro, então tão sempre nos olhando, então eu acho que eu não posso fazer numa sala de aula alguma coisa que não possa ser vista e até isso... Na verdade, a função das câmeras foi por causa de coisa que some na hora do recreio, um esconde a mochila do outro, foi em função disso, chegava em aula perdia quinze minutos porque um tinha escondido a mochila, porque outro o estojo sumiu não sei da onde, então eles adoram esconder um a coisa do outro, é incrível, sexta, sétima série, eles amam, então ficou em função disso foi colocada a câmara assim, é tranquilo porque ela fica atrás então ela pouco nos pega né, só quando a gente tá circulando na sala até porque lá a gente não tem mesa de professor, a ideia é que o professor esteja sempre em contato próximo com o aluno, a relação professor aluno é muito boa então eu hoje tô

nesse momento assim, não sei se daqui a alguns anos não vai acontecer alguma coisa que eu mude de ideia né. **E a câmara é só imagem não é voz?** É só imagem, voz não pega, só imagem, voz não.

3) Qual ou quais contribuições tu achas que as aulas de Português podem trazer aos alunos contemporâneos? Lá, somos duas professoras trabalhando em um sistema de troca: eu trabalho com um ano e ela com outro, até pra não ficar muito cansativo pro aluno. E aí nessa troca, então, por exemplo, quando ela trabalha no 7º né classificação de objeto tal, então quando eu vou dar aula no 8º eu vou resgatando isso com eles, eu acho que é importante até para eles entenderem a continuidade e eu acho que esse processo de interpretação textual também é fundamental na Língua Portuguesa porque a gente tem muitos, muitos, muitos alunos que não sabem interpretar, quantas vezes ele tá com a prova e aí te pergunta “O que que é nessa questão?” Eu já não leio mais, eu digo “Lê, tá escrito”, eu faço né... Agora em aula quando eles perguntam eu digo “Olha aqui lê pra mim, lê pra mim”, daí ele lê, “Ah tá é só isso?”, então eu acho que nós temos uma geração de alunos preguiçosos, esses dias estávamos conversando a respeito da tecnologia e tal e quanto a tecnologia interferia na aula e o momento que a gente vive não dá pra retroceder e dizer que não vamos sair da internet que a internet prejudica até porque eu trabalhando não só com a Língua Portuguesa, trabalhando com a Redação eu não vejo o famoso Internetês né, que é usado na internet, eles não transcrevem aquilo pra Redação, então aquilo não vem pro texto, pelo menos na classe que eu trabalho, porque a gente sabe que particular e pública, uma classe social diferente às vezes tem as dificuldades são diferentes, mas essa... Não vem, esses erros não vêm, o que que acontece, que pode acontecer, como eles não usam com frequência a norma padrão, eles podem ter um pouco mais de dificuldade, isso daí tudo bem, né, mas eu na aula de português o que que eu prezo assim que eles tenham esse conhecimento de compreensão da linguagem, que tento fazer com que eles entendam o funcionamento da língua e trabalho muito, muito, muito forte a interpretação porque eu vejo grandes dificuldades de interpretação e isso se reflete em todas as áreas, um aluno que não sabe interpretar ele tem dificuldade em Geografia, tem dificuldade em História, tem dificuldade muitas vezes até em Matemática

porque ele não sabe o que tem que fazer na questão. Então eu acho que a nossa contribuição da Língua Portuguesa, eu acho que esse tipo de contribuição é válido também pra todas as áreas até porque hoje a gente tem alunos que vão passar por processos seletivos como o Enem, que é uma prova muito interpretativa, muitos alunos vão mal porque não sabem interpretar. **É isso é interessante porque quando o aluno vai mal em qualquer outra disciplina, geralmente os professores das outras disciplinas costumam dizer que eles vão mal porque não sabem ler, porque não sabem interpretar, porque não aprenderam isso no português né. Eu que tenho reuniões bastante com outras áreas, tu ouve muito a culpa ser do professor de português se as coisas não vão bem.** Com certeza, e eu não acho que a culpa seja nossa, até porque interpretação eu acho que todos professores tinham que trabalhar dentro da sua área, mas eu acho que a gente pode dar uma contribuição sim, até pelo próprio conhecimento, mecanismos de interpretação, de compreensão, de interpretação textual, eu acho que como a gente tem um programa normalmente extenso a cumprir né... Muitas vezes, talvez, a carga horária é diferente nas escolas, por exemplo, eu já trabalhei em escolas que eu dei Português para terceiro ano do ensino médio e eu tinha 2 horas semanais, aí tu tem que fazer milagre pra preparar pra um Enem e pra um PAVE¹⁹ e pra uma Católica e pra tudo mais com duas horas por semana. **Sim, duas horas/aula?** Sim, duas horas/aula né, então isso é complicado em escolas que tu tens pouca carga horária isso complica. **E como que é na escola que tu trabalha?** Lá são quatro horas semanais de Português e aí uma de Literatura que é separado que é outro professor e duas horas de Redação que também é separado. Então eles têm da nossa área são sete horas, quatro horas/aula só pra Português e dentro dessas quatro horas eu trabalho e acho que na verdade... eu não separo, tem alguns professores que eu sei que separam “Ah, hoje é aula de interpretação”, “Tal dia é aula de Gramática”, as minhas aulas todas elas se baseiam em trabalhar tudo junto porque eu não consigo enxergar separado, eu acho que quando tu mostras a própria Gramática dentro de um, dentro de uma perspectiva textual pro aluno, eu acho

¹⁹ Programa de Avaliação da Vida Escolar (PAVE). Modalidade alternativa de seleção para os cursos de graduação da UFPel. Acontece ao longo do ensino médio, em três etapas, equivalentes aos anos do Ensino Médio.

que ele tem uma visão um pouco melhor da realidade do que a frasesinha solta né, porque ali, porque quando ele chegar num processo que exija isso dele não vai ser numa frase que ele vai ter, tanto que muitas vezes tu dá as regras, óbvio que eu dou as regras separadas e ele entende tudo, tu coloca no meio de um texto ele já não sabe mais nada, se tu mudar uma pontuação ele já não sabe né, pergunto da função do “que” pra um aluno e ele quase surta e é questão normalmente de Católica todos os anos aqui em Pelotas, então eu acho que eles têm que ter essa proximidade e saber que isso tudo tá dentro do texto e até por isso vai servir pra toda a vida dele, porque ele vai lidar com texto a vida inteira, ele pode ser, às vezes, eu digo, eles me dizem, ah o que eles mais gostam de usar como exemplo “Eu vou ser engenheiro, só vou trabalhar com números, nunca mais eu vou ver português” e eu digo “Tá, tu não vais apresentar um projeto pro teu cliente? Não vais precisar conversar com teu cliente e convencê-lo a fazer o projeto contigo? Pra isso tudo tu vais precisar da língua, tu vais precisar te expressar, tu vais precisar te comunicar, te colocar bem pra que ele te entenda e até convencê-lo através da boa comunicação” aí ele diz “Ah, é verdade” então a gente tem além de tudo ainda, de toda a parte de conteúdo, a gente tem que entrar na cabeça deles que é importante sim.

4) Para ti, como é ou como seria o processo ensino e aprendizagem de língua materna plenamente satisfatório? Eu acho que em sala de aula a gente tá sempre aprendendo, né, o professor tá sempre aprendendo, então o que me... Eu acho que no lugar onde eu tô tá satisfatório não que não possa mudar e melhorar muita coisa né, a gente tenta sempre renovar, por exemplo, do ano passado para esse ano, o ano 2014 foi um ano muito bom, deu tudo muito certo mas mesmo assim pra 2015 o que que eu pedi, pedi a troca do livro didático porque, porque o livro que eu tava era ruim? Não ele não era ruim, mas eu acho que o professor, acho que é nosso dever tá sempre se informando, e sempre vendo o que a gente tem de novo né, a gente tem muito livro, a gente tem muito material disponível então o que que acontece, o livro que eu trabalhava ele tinha bastante texto extenso, mas como a gente vai para um processo que hoje o aluno em Pelotas, desde o primeiro ano, ele faz processo seletivo, porque ele entra no PAVE, e ali tanto no PAVE quanto no Enem, que ele vai ter mais pra frente, e os nossos alunos do ensino médio precisam ser

treinados para isso, não são textos extensos, então o que que acontecia, eu usava no livro né os textos bem grandes, os exercícios à parte, porque eu acho que o livro didático ele ajuda sim, tem professor que é totalmente contra o livro didático eu não sou, mas não acho que seja perfeito, como nada né. Acho que se todo professor no final do ano fizesse uma retomada de todo material que usou, os próprios materiais que nós produzimos eu sempre mudaria algumas coisas, então eu acho que a gente tem que tá sempre buscando isso, aí eu acho assim que pra ser bem satisfatório eu acho que tem que tá sempre renovando. **Sim. Tu acha que depende mais do professor pra ser plenamente satisfatório?** Aí depende de realidade, porque o que que eu vejo, já trabalhei em escolas que não tinha essa visão, não que eu tenha só aluno perfeito, não é nada disso, tenho alunos que incomodam, tenho alunos que atrapalham a aula sim né, tudo isso a gente tem em todos os lugares, não vou ser hipócrita “Não na escola que eu trabalho é a perfeição” não, não é, quem dera que fosse, que eu nunca me incomodasse, acho que é o sonho de consumo de todo professor, mas acho que não existe, mas eu acho que tem um bom respaldo, embora muitos não gostem, eles podem não gostar, mas eles cumprem com o que a gente pede, então eu acho que o professor tá com uma boa parte da responsabilidade sim, então essa questão de livro, o que que eu fiz, troquei porque veio um livro novo que tem textos menores e que tem a parte digital, então o que que acontece, isso a língua portuguesa é um pouco prejudicada né, porque pra quem tem recurso disponível, uma aula de Geografia em que tu mostre as estrelas e mostre o céu não sei por onde, Biologia, que tu trabalha com corpo humano, na escola lá tem aula 3D, a gente tem todo material 3D, pra mim não serve pra nada, eu nunca dei uma aula 3D, eu vou mostrar um texto em 3D? Então a nossa área não é muito favorecida nesse tipo de aula, a gente não usa um laboratório, não faz experiência, coisas que os outros professores conseguem envolver nisso, eles conseguem fazer umas aulas mais diferenciadas. Nesse sentido e eu acho que a linguagem embora eu tenha os recursos disponíveis não tem muito o que fazer nesse sentido né, mas aí... Esse livro agora que eu troquei ele tem a versão digital, então eu acho que facilita muito o meu trabalho em que sentido? Vou corrigir um exercício né, tá eles pegam o livro e eu pra explicar, porque eu faço muita flechinha assim pra lá pra cá, pra lá pra cá, mostrando as relações então eu

tenho que escrever a frase no quadro pra fazer, esse livro ele tem a versão digital então eu só... Eu projeto ele no quadro, então eu acho que vai me render mais tempo, acho que eu vou perder menos tempo na questão de ficar repassando pro quadro o que tá no livro deles e esse tempo gera conversa sim né, e eu acho que tudo isso a gente tem que se adaptar, acho que o professor tem que se adaptar porque o recurso digital tá aí, eles não vão voltar atrás, a gente não vai ficar sem celular, a gente não vai ficar sem computador e é uma geração que é muito imediata. Esses dias eu tava refletindo muito sobre isso sim, eu acho que a gente tem uma geração imediata e que não é culpa deles porque lá quando eu estudava, eu precisava ir pra um livro e ficava horas pesquisando até achar o que eu queria, hoje eles botam no Google e em dois segundos eles têm a resposta, então eles não passam pelo trabalho de pesquisa, eles não demoram a achar as respostas, muitas vezes, os professores explicam alguma coisa e eles vão lá no Google pra ver se tá certo.

Eles têm acesso à internet na sala de aula? Em sala de aula não, em sala de aula o celular é proibido né, eu não sei até quando vão conseguir manter isso, né, eles tão sempre tentando usar escondido, aluno com mão pra baixo da classe é certo que ele tá no celular, certo, e é proibido né, se ele tá com celular eu tiro o celular e entrego pra coordenação e eles só podem pegar no final da manhã ou no final da tarde, mas dá um trabalho tremendo assim e essa função de catar celular de aluno a gente perde quanto tempo tirando celular e pega celular e eu não sei até que ponto a gente não vai precisar se reciclar e saber tirar proveito disso, por exemplo, na Redação, às vezes eu tô dando eles me perguntam se eles podem pesquisar sinônimos, eu quero que eles usem um dicionário de sinônimos, só que eu trabalho com uma geração que não tá acostumada a usar o dicionário, então eles botam ali no Google palavra tal, sinônimo e já aparece então eu não sei até que ponto a gente vai conseguir lidar com isso, eu acho que a nossa geração tem isso né além de a gente ter passado por todo esse processo de mudança da língua, que daí também entra numa parte, a geração que tá começando agora com as novas regras ortográficas não vai passar trabalho, agora esse é o momento que a gente tem uma leva de alunos que tá em processo de transição né, que precisa... **Tu diz que não vai passar trabalho porque não tem que passar pela mudança?** Pela mudança, porque eles já vão aprender dessa forma, eles já vão aprender

desde que forem alfabetizados que *ideia* é sem acento, os nossos a gente precisa justificar todas as mudanças né, então assim como foi pra nós, eu tive muita dificuldade por preconceito, a palavra *ideia* eu sempre uso, porque pra mim é a pior, eu acho que ela ficou feia sem acento, tenho muita dificuldade. **É questão de costume né?** É costume né. Escrevi em 30 anos *ideia* com acento e agora não tem mais, então fica... Gera esse desconforto inicial, agora já tô acostumada né, mas eu acho que esse momento a gente vive esses alunos que a gente tá tirando algumas regras e colocando outras, readaptando a nova... A reforma ortográfica. **Até em questão de comportamento né, porque a questão do celular, por exemplo, é uma febre agora, mas nem sempre foi. Um aluno que já tá lá no sétimo, oitavo ano, a gente percebe essa diferença né, quando ele entrou na escola não tinha essa febre toda que tem hoje?** Ah é, não as crianças pequenas, eu tenho alunos do... Tinha alunos do quarto ano, quando eu trabalhava, que perguntava se podia deixar ligado, eu não sei nem como é que um pai dá um celular pro um aluno de quarto ano, eu acho muito cedo, mas cada um sabe do seu filho. **E o livro didático lá é vocês que escolhem quando ele vai mudar?** Nós que escolhemos, nós que escolhemos. **Ele pode ficar dez anos o mesmo livro como pode mudar todos os anos?** Pode, pode. Eu assumi, por exemplo, o sexto ano e o oitavo em 2014 e eles já estavam trabalhando com aquele livro há algum tempo e aí o livro é bom, os textos eram bem interessantes, uma boa interpretação, mas aí eu troquei pela questão do tamanho dos textos, porque esse outro que eu escolhi... E aí quando eu conversei com a Ju, que é que troca comigo nós fizemos a... Aí eu conversei com ela porque era a mesma linha de livros né, aí eu falei pra ela “Olha eu tô querendo, olhei esse outro livro né, vê o teu e tal”... aí ela olhou e adorou também, disse “Não, vamos trocar certo”, porque tem muito mais tirinhas, textos mais curtos, propagandas, é mais próximo da realidade deles, do processo seletivo, né, daí tu vai dizer no sexto ano tu vai pensar em vestibular? Sim, no sexto ano eu vou pensar em vestibular porque a gente não ensina só pro vestibular, a gente não dá aula só pro vestibular, a gente não prepara o aluno só pro vestibular, mas a gente sabe que é o final da escola cai no vestibular. **E é o que a gente quer que eles façam também?** É. Eu lembro quando eu comecei a trabalhar com o EJA, por exemplo, que é uma realidade muito diferente, quando eu comecei, as pessoas têm muito

preconceito com EJA, “Ah, é só gente malandra que não quer trabalhar, gente que não quer estudar, rodou dez mil anos” e quando eu comecei a trabalhar no EJA eu vi que não é assim e amei trabalhar com EJA, só saí porque eu tinha aula a noite, por questão de escolha de vida, com filhos e tal, eu optei por não trabalhar mais a noite, mas adorava, as minhas turmas eram maravilhosas, uma diferença muito grande de público, tu tinha aluno... Tem, tinha aluno que rodava quatro, cinco anos e ia fazer EJA, mas as pessoas mais velhas que pararam porque precisaram trabalhar, pararam porque foram casar, cada um com a sua história e eu sempre motivei muito a eles fazerem o vestibular e muitos me diziam assim “Ah eu vou fazer vestibular agora?” “Sim, por que não?” né. “Ah, mas eu vou me formar com quarenta anos?” “Tá, e se tu for viver até os oitenta, até os noventa, até os cem? Tu ainda pode trabalhar cinquenta anos, dá tempo até de te aposentar”, eu mexia com eles, então, e sempre usava de exemplo a minha sogra, ela fez Medicina já mais velha, se formou com mais de quarenta anos, então sempre tive uma relação muito boa assim com os alunos do EJA, nesse sentido de motivação, de que sim, de que eles podem, de que eles têm condições de fazer uma faculdade e o retorno do aluno do EJA eu acho que é especial, esse retorno deles, quando eles conseguem passar... Porque quando a gente trabalha principalmente na escola particular, pra eles é muito óbvio fazer o vestibular e uma hora passar, se não passar no primeiro eles passam no segundo, embora tenha né o retorno, a relação professor aluno onde eu trabalho também é muito valorizada, a gente tem uma relação muito próxima com o aluno, por exemplo, uma coisa que não é em todas as escolas, mas lá se preza muito é a gente conhecer o aluno pelo nome, eu chamo todos os meus alunos, eu sei o nome de todos os meus alunos e olha que eu dou aula pra sexto, pra oitavo, pra primeiro, segundo e terceiro e agora com o quinto, mas a gente conhece o nosso aluno, né, então, isso se preza muito na escola assim a gente conhecer e é incrível como quando os alunos chegam, eles têm assim, no primeiro ano do médio a gente tem duas turmas que são formadas de 8ª que passaram pro primeiro e um primeiro ano que chega novo e esse primeiro ano é todo de alunos de fora, uma turma é toda de alunos de fora e a gente conhece eles pelo nome, óbvio que não na primeira semana né, a gente vai aprendendo e tal, e eles falam assim, duas coisas que eles acham muito interessantes né, primeiro “Bá, como que vocês sabem meu nome? Todo

mundo sabe"... Eles acham o máximo que todo mundo sabe o nome deles, eu acho que isso faz com que o aluno se sinta importante e outra como é que a gente dá aula sem olhar pro livro? Eles comentam muito isso "Carol, como é que vocês dão aula? Vocês chegam e aí vocês nem usam o livro?" Né, eu não sei onde eles estudavam, a maioria nem é de Pelotas, vem muita gente de fora, nessa turma nova vem muita gente de Canguçu, São Lourenço vem bastante, então são duas coisas que eu vejo que chama muito a atenção deles: é o fato da gente não ficar olhando pro livro quando tá explicando, é óbvio que Português a gente usa, eu preciso, eu vou ler ali, eu vou marcar com eles o que é importante, mas se eu vou explicar o conteúdo eu não uso o livro, eu tô explicando e vejo que eles ficam assim "Nossa como é que vocês sabem?" **Que também é uma política da escola essa questão de explicar sem olhar o livro?** Acho que não, nunca recebi essa orientação, desde que eu cheguei, essa orientação nunca tive, dos nomes foi dito "Olha a gente gosta, tenta conhecer o teu aluno porque eles se sentem mais próximos do professor" nesse sentido, isso foi dito, do livro não. **Mas tu percebes que é uma coisa que acontece, não só contigo?** É, eu nem sabia, eu fiquei sabendo quando os alunos vieram comentar isso "Ai como é que vocês dão aula sem o livro?" e tal e aí me chamou a atenção, porque não é só lá, né todos os lugares que eu trabalhei, usavam, mas quando iam explicar faziam na hora ali exemplos e tal e lá chamou a atenção, não sei se é porque é um público que vem de outros lugares menores que eu não sei como funciona né, porque nas outras escolas que eu trabalhei em Pelotas nunca teve essa surpresa né e esses que vem de cidades pequenas, de interior eles têm essa... Mas eu acho que a gente tá num bom caminho, eu acho que a gente tem uma geração de profissionais que tá vindo que tem muito essa visão de ensino diferente da Língua Portuguesa, assim como alguns, eu tive colegas de trabalho mais velhos, professores mais velhos que se reciclam, eu acho que professor tem que fazer isso, porque as coisas mudam, é o que eu falei a Língua Portuguesa há alguns anos era na base da regra, da decoreba, hoje não é mais, então o professor que se formou antigamente, que trabalha dessa forma, tá na função dele de se reciclar e a gente tem que fazer o aluno gostar da nossa matéria, impossível fazer todos, mas gostar daquilo ali, mostrar pra ele que é importante pra vida dele, até pra que a gente possa ter um pouco mais de sossego em sala de aula.

Apêndice F – Respostas da entrevistada Ju

1) **Como e por que te tornaste professor(a) de Língua Portuguesa?** Foi, não, foi, eu estudava ainda no ensino fundamental quando eu tive uma primeira reprovação no 7º ano, na 7ª série, que não era nem ano naquela época, daí eu fui reprovada numa prova e ela decidiu que eu iria fazer apenas o exame final e aí eu tive que estudar sozinha, aí como eu tenho uma tia também professora de português eu acabei pegando uma gramática para estudar a parte da sintaxe, que era 7ª série né, e eu estudei, estudei sozinha e peguei gosto, desde ali eu tinha certeza do que eu queria fazer e ali foi. Aí na verdade claro, passou o tempo eu certa de que sempre quis dar aula e sempre gostando da língua e no ensino médio também tive vontade de ir pro jornalismo, aí comecei me... Mas acabou que eu optei pela parte de Língua Portuguesa e entrei na universidade em 2006, de 2005 para 2006 e já comecei a dar aula, eu já dava aula em projetos populares e acabei escolhendo a língua por ter tido que estudá-la sozinha naquele momento, aí sim na faculdade fui descobrindo o fator de, como é que eu posso dizer assim, de domínio que a gente tem a necessidade de ter da língua que tu manejas, que tu te comunicas e interages desde o nascimento, enfim assim fui pegando mais gosto, mas tive, tinha a certeza desde o início, assim desde novinha. **Tu fez Português Puro²⁰?** Português Puro. **Aqui mesmo?** Não, na FURG. **Ah, na FURG?** É. **Prestei FURG.** **Sim, eu também, sou de lá.** Ah é de lá também? **Sim. Então tu acha que esses foram os fatores fundamentais, assim, essa reprovação que acabou te servindo como estímulo e o exemplo da tua tia?** Foi, foi, foram, foram esses dois estímulos assim que eu tive para seguir nessa área.

2) **Como tu avalias, nesse momento, a questão “satisfação profissional” em relação a tua carreira docente?** Nesse momento... É o momento de maior satisfação que eu tenho, que eu venho tendo né, dentre esses nove anos de atuação já, claro que quando tu te deparas a primeira vez lá nos projetos populares a satisfação começa a se desenvolver, mas aí é todo um processo porque tu tens que trabalhar muito, tinha momentos que eu dava

²⁰ Português Puro é uma expressão coloquial muito usada na faculdade para diferenciar o curso de Letras Português dos cursos de Letras Português e Língua Estrangeira.

aula em três, quatro lugares e aí a satisfação ela vai se construindo, hoje eu posso te dizer que dentre esses nove anos, é o ano que eu estou tendo a maior satisfação profissional porque eu acho que o próprio amadurecimento, por também estar estudando pra questão de mestrado e de pós e tendo muito retorno da sala de aula, conseguindo atingir o aluno, a minha satisfação profissional ela é, ela se encontra no quesito de que eu tenho atingido mais o aluno, eu tenho recebido retorno de que hoje eles aceitam, eles entendem, eles compreendem o porquê que eu tenho que ter Português na escola, né, então eu tenho 7^{os} anos, eu vou 7^o, 8^o, 1^o ano, aí pulo o 2^o e volto no 3^o né e eles te devolvem muito disso, que hoje eles sabem valorizar, tanto para os processos de ingresso em universidades quanto pra eles mesmos assim, então hoje os alunos saem de uma 7^a série, que eles são complicadíssimos né, naquela fase de transição, e dizem assim “Nossa, eu gosto agora de estudar Português, porque tu me mostraste um outro lado, de que não é tão chato, de que é fácil, como estudasse Português” porque é a pergunta que a gente mais ouve “Como que se estuda?” então essa satisfação profissional, da devolução do que eu aplico a eles, nesses, te digo assim, dois anos últimos, é que eu tenho tido o contato com essa satisfação. Então eu tô num lugar só, optei por ficar em um lugar só e venho recebendo esse retorno ano a ano sabe, principalmente em Produção Textual, que eu vou, pego eles no terceiro, lá no último ano, em que eles olham pra ti, dizem “Olha, se não fosse você”. “Se não fosse tu a nos mostrar desde pequeno o quanto é importante a gente ter o contato com o estudo da nossa língua”, pra escrever, pra propriamente até agora com essa função de linguagem virtual né, eles sabem discernir bem o que é a linguagem deles pra interação social, pra interação profissional, lá no terceiro, e aí eles vão pra faculdade e te dizem assim “Nossa, eu tenho colegas que não conseguem escrever”. Então eles te devolvem até após a formação deles na escola, dizendo que, porque a gente conversa “Gente, a ascensão profissional ela depende também da tua, do teu domínio da tua própria língua, das suas regras, por mais chatas que elas sejam, vocês têm que saber absorvê-las de uma forma mais natural, porque isso vai ajudá-los” aí quando eles entram na faculdade eles enxergam esse lado também. **Sim, e por que que tu achas assim que nesse dois últimos anos é que esse retorno tem sido maior?** Porque eu não tinha, assim é bem pessoal, eu não tinha tempo eu acho de me

planejar tanto quanto sentar e pensar “Como eu poderia passar isso pro aluno de uma forma mais serena?” por exemplo, tu pega uma parte da sintaxe, que é uma parte super exata e que o aluno não enxerga e acha uma bobagem “Como eu posso passar isso pra ele que ele se sinta melhor?” que ele enxergue no outdoor, que ele enxergue na placa né, que ele enxergue na loja, no jornal. Antes eu estava assim, um pouquinho em cada lugar de aula e às vezes sem querer, por mais que a gente tenha cuidado, entra no automático né, então esses últimos anos eu mesma amadureci, me formei nova também, então a gente atua nova, a gente vai aprendendo assim com colegas mais velhos, então eu acho que eu tô num ápice bem bom de maturidade da minha profissão e que eu consigo sentar e ter mais domínio até mesmo de como pedir pro aluno tal exercício, de como mostrar pra ele que não é um bicho aquilo ali. **Sim, quantas horas tu trabalhas?** Hoje 30, em sala de aula né, em sala de aula tenho 30 fechadas assim, mais aqui né, tenho as aulas particulares aqui no curso, a gente dá a orientação de Redação, de Português, apoios escolares como sempre tem. **Sim, mas em escola 30? 30. É que a gente sabe que a maioria das professoras acabam trabalhando bem mais do que isso e é isso mesmo que tu diz não tem aquele tempo pra amadurecer as ideias, pra preparar um material com maior qualidade né?** Exatamente, e vou te dizer que isso é crucial pra que tu consigas ter qualquer retorno né, quando eu comecei a ver o retorno eu comecei a decidir a me concentrar mais num lugar só, num momento só, porque tu acabas tá exercendo a profissão mas no automático e aí tu não tens o retorno, tu tens alunos frustrados né, porque, por exemplo, eu lido, faço porque eu gosto assim, então eu vou te dizer assim eu ainda não prestei nenhum concurso pra escolas públicas né, ainda não fiz, mas o meu trabalho lá vai ser o mesmo, independente de eu ter três, quatro, cinco alunos que se interessem, o trabalho vai ser o mesmo, a gente faz, eu faço realmente e decidi reduzir valor, dinheiro, pra poder ter retorno melhor do meu trabalho.

3) Qual ou quais contribuições tu achas que as aulas de Português podem trazer aos alunos contemporâneos? É em princípio né esse momento que eu já te comentei em relação à satisfação e te comento mais o sétimo ano porque é um ano que eles vêm né num divisor de águas, tendo mais

professores, professores de ensino médio que puxam mais eles e é em primeiro momento eles te dizem isso num sétimo ano, por exemplo, que gostaram muito, que hoje, por exemplo, quando eles vão escrever, vou te dar um exemplo que foi até, é meu projeto de mestrado: a questão da língua na internet e a língua na aula, que foi um encerramento que eu fiz no sétimo ano, eles, é muito bom assim, eles, muitos chegaram e disseram assim “Bá, professora, agora eu parei e pensei na hora de escrever”, porque eu mostrei pra eles o quanto aquilo fica estranho, o quanto eles deterioram a língua, usar os Internetês, eles têm liberdade total, mas eles tem que não acabar com todo aquele ensino que eles recebem, porque daí sim eles vão se questionar “Por que que eu tô tendo aula de português? Se eu tô ali no meu meio maior de interação social e eu não preciso de nada?” Eu digo “Não é assim que funciona” aí eu os orientei por um tempo assim brincando sabe, nada... E no fim do ano tinha alunos que mostravam o telefone “Olha aqui eu tô cuidando agora, tô colocando cedilha, tô colocando til, eu tô colocando o acento” então se tu tens essa né, essa predisposição de te organizar, de pensar, de planejar porque não adianta ser “nas cordas” porque eu já tentei aí é uma loucura porque tu não passa nada e eles não te devolvem nada ao dobro, tu atingis a contribuição do cuidado, da valoração com o seu patrimônio, eu tento mostrar assim, em todos os anos quando eu inicio agora eu tento fazer um panorama histórico assim, brinco com eles e digo que se acontece alguma coisa, se acaba mundo, luz, comida, a única coisa que nós temos para poder continuar: a língua. Então, eu brinco e tento mostrar pra eles que a língua tá em tudo, tá no cartaz, tá ali, tá aqui, aí eu acho que contribui então pra eles valorizarem mais porque eu temo muito isso com essa questão tecnológica do nosso idioma, além de ter essa predisposição ao estrangeiro né ser mais bonito, mais legal falar inglês, ele acabar se deteriorando e tendo os nossos pragmáticos que tem que se manter que é o acento, eles tiram o til porque o outro vai entender, eu tento, eu quero que eles tenham essa dimensão de que eles não podem perder esse patrimônio deles; a questão profissional que é muito importante, eu digo pra eles que quando eles concorrem a uma vaga de emprego mesmo, alguns até porque lá onde a gente trabalha eles são super bem financeiramente, muitos vão estudar fora e fazem prova nas universidades dos Estados Unidos em que cobram deles a conversa né, a entrevista e a escrita e eu digo pra eles

“Olhem...” por mais “Ah, mas eu vou escrever inglês” “Mas tu precisa do teu português para tu dominares uma segunda língua” e a contribuição nesses pequenos é a valorização, eu tenho muito, ainda bem, espero que eles sigam, eles tão valorizando mais e quando eles tão no ensino médio é a questão da preocupação profissional deles, eles ficam bem preocupados, a Redação unânime hoje né, eles querem escrever bem pra passar no vestibular porque ela que faz eles entrarem e quando eles saem eles te devolvem isso. **Tu dá aula de Português e de Redação?** Dou das duas disciplinas, sétimo ano Português, oitavo Redação, primeiro Português e terceiro ano Redação. **Ah, sim, vai intercalando?** Vou oscilando. **E tu estás fazendo mestrado agora?** Eu estou ingressando, agora fiz uma seleção ali no IFSUL e vou partir, que ali é Linguagem e Tecnologias e vou trabalhar nessa questão da linguagem virtual e da linguagem escrita na sala de aula. **Sim, sim. E a tua preocupação assim é na questão deles preservarem a língua escrita deles?** Exatamente. Eu julgo que muitos professores, principalmente de redes estaduais, de redes públicas, eles não têm orientação de como usar, de como mostrar pro aluno que ele tem as duas vertentes e que essas duas vertentes dependem uma da outra, então o aluno, pro aluno saber que um “n” com um til em cima é um não, ele tem que saber que o advérbio “não” é escrito de tal maneira, então eu tento mostrar, claro que eu vou desenvolver recém né, vou começar, a minha preocupação é que os professores sejam orientados e eu percebi lá, isso foi uma reunião, assim nós estávamos numa reunião de terceira série do ensino fundamental até e uma professora assim, mais velha do que a gente, a preocupação dela era “Nossa, a internet vai acabar com a língua portuguesa, como fazer...” Se ela experiente não sabe, que tá aqui numa escola que te dá um, uma amplitude de opções, tu imagina as professoras de lá, e aí a minha tia trabalha na rede pública e a constatação dela foi “Eles escrevem na Redação a linguagem virtual”. Então, tá havendo um descompasso, então eu propus que haja mais avaliações, haja mais estudos, pesquisas que comprovem sim que o aluno tá ainda confuso por não ter o apoio da escola, a orientação, a palestra, a conversa, às vezes tão pautando muito e acontece lá na escola também e palestram disso, disso e disso e eles cobram por que que eles não tão lendo, por que... E digo por que que não vem ninguém aqui comentar da linguagem virtual, por que que não tem um especialista aqui conversando com eles né,

porque a internet é um facilitador de conhecimento, de informações e o aluno que domina o Internetês, ele tem que dominar a língua culta dele, a padrão, do contrário ele não sabe o que ele tá fazendo. Eu questionei isso, então falta, falta, falta uma galera palestrando, tem profissionais, temos profissionais próximos até que podem dar pelo menos o início de uma conversa, eu iniciei um mestrado na Católica logo que eu me formei né, então eu fiz seis meses, eu tive a Raquel Recuero, não sei se tu a conheces e ela trabalha um pouco nesse viés, ela trabalha com essa parte de comunicação e rede e eu comentei na escola, ela seria legal vir aqui conversar com os alunos do ensino médio, mostrar pra eles essa linguagem, ela tem muito do jornalismo então seria interessante mostrar pra eles um pouquinho, porque não tem, não tem, o aluno tá pegando o idioma e tá fazendo o que ele quer e os pequenos tu ainda molda, se eu conseguir ir moldando tudo bem, mas nós temos aí escolas que necessitam né desse apoio.

4) **Para ti, como é ou como seria o processo ensino e aprendizagem de língua materna plenamente satisfatório?** Partindo dessas séries né que eu tenho assim, eu tô, eu não posso te afirmar que eu esteja no momento certo “Ah, não, estou fazendo totalmente correto, é isso mesmo que a gente tem que fazer”, eu acho que eu achei um caminho, um viés ali que anda me devolvendo, e aí como eu te falei, eu estagnei em relação a ter várias escolas para poder tá buscando né, então agora mesmo pras próximas, pras reuniões pedagógicas eu já tenho corrido atrás de outros meios em relação à interpretação textual, por que que eles estão falhos, não tá mais adiantando só a folha e a marcação, então vamos ter que ir em outros caminhos, o principal pra nós professores de língua materna, que aí eu vou usar a minha experiência não que seja um dogma pra todos, mas é a dedicação a estudar, a ter a vontade de continuar o teu estudo, eu não digo fazer mestrado toda hora, não, eu fui fazer agora, mas sentar, pesquisar, ler, a gente tem uma boa base na faculdade, ir atrás da didática, procurar o auxílio da tua coordenação, pedir a eles as “armas” que tu tens pra usar com teus alunos, os limites que tu tens, saber preparar o material, organizar, testar, testar, eu acho que todo mundo cansa, todos professores chegam em março, iniciaram, lá por junho, julho já estão estagnados. Tudo bem, todo mundo cansa a gente sabe, mas é a profissão que a gente escolheu,

então a gente tem que saber lidar e achar, eu fui achando que era eliminando escolas, quando vê daqui uns anos eu posso ter que diminuir carga horária pra não deixar cair, mas preparar, ler, sentar, não se fixar no livro didático só, achar que aquilo ali é o teu “Bom eu não posso fugir” aí vira um cavalo de corrida no livro, o livro é uma base, é um apoio que tu tens, mas que tu saibas que pra mostrar pra o aluno que a língua existe tu tens que tirar uma foto de uma faixa, botar no exercício, levar pra sala, tu tens que, sei lá, passaste, ganhaste um panfleto, quantos a gente não ganha na rua, dá uma olhada, bota na bolsa, joga na bolsa, dá uma olhada, vê se não tens nada pra mostrar pro teu aluno em relação ao teu conteúdo, pontuação, o que tu trabalhas de riqueza, mostrar pro aluno que a língua é a vida dele, porque se tu chegares, ainda mais com essas gerações virtuais que andam por aí, e, chegar assim “É o livro, exercício na página tal”, “Isso aqui funciona assim, assim”, Onde anda isso na vida dele? Onde? Quando que ele usa? Quando tu tens? Tens a revista, tu tens a propaganda agora das promoções, tu tens sei lá o nome das lojas, os jornais, são ricos, o que tu consegues mostrar pra eles através de jornais, sejam virtuais ou não, o blog da fulaninha, então pra tu teres o retorno e ter a satisfação do ensino, ter um ensino/aprendizagem da língua materna tu tens que mostrar pro aluno que a língua faz parte da vida dele, isso acho que é uma das coisas que eu digo com mais certeza e autoridade né que eu tenho hoje, mostra pra ele, nem que tu tenha que fazer uma saída de campo assim, ah sei lá combina com a escola, queres levar eles em qualquer museu, ou sei lá, no centro, enfim e mostrar que a língua tá ali “Gente, oh a gente aprendeu sujeito e predicado” “E aquela ali, olha ali a frase” “Que sujeito é aquele ali?” ou “A concordância tá errada”, a pontuação “Olha só, por que será que ele usou três pontos de exclamação?” então mostrar, se tu mostrares a eles, eles vêm pra sala de aula com aquela vontade, como o professor de química, às vezes a gente para e pensa “Ai, por que que os professores de Química, Física, são idolatrados né?” eles têm a prática, mas tu também podes inventar a tua prática. **Claro. Tu acha que depende bem mais do professor do que qualquer outro fator então essa questão?** Eu vou ser... Por isso que eu te falei, a gente vai se adaptar as realidades obviamente, mas independente de tu ter um aluno X, Y ou Z e tu ires te moldando a ele, tu não barrares, achar que tu és o pedestal ali da sala de aula e mostrar, tocar, pensar, às vezes tu diz “Ah, por que... Mas o aluno é

totalmente inerte na sala de aula” Tá, mas por quê, por que que tu não consegues trazer o xerox? Aí ele vai dizer “Oh, porque eu não tenho” “Então tá, então faz assim, copia, copia a frase e me traz”, tu sabes, o professor tendo o dinamismo da sala de aula dele quando ele entrar ali tirar aquela barra dentre aluno/professor, que o aluno quando vê o professor de Português já pensa em doutrina né: chato, mandão, bá aquilo ali, tu tens como dominar uma turma e ao mesmo tempo tu consegues ser dinâmico, conhecer ele pra tu poderes passar a língua porque senão é aquilo né, é aquela taxaço do português “Pra que que eu quero?”, “Pra que que eu quero?” tem momentos chatos, óbvio, ninguém dá uma aula o ano inteiro na alegria, óbvio que não, mas tu consegues sim no, naquela torcida no fim do ano, ter muito retorno, quanto mais... Eu vou te dizer que eu não sou da tecnologia, por exemplo, eu não exploro tudo que a escola tem pra me oferecer na tecnologia, eu sou do quadro, eu sou da folha, eu sou do caderno e é por isso que eu te digo: acho que o professor é fundamental, porque não vai ser a aula em 3D, o datashow, a biblioteca, a take, não, tu leva jornais, tu mostras a eles que a língua dele tá ali, daí tu brinca, tu mostras “Olha aqui o sujeito, olha aqui o predicado, olha ali o objeto, tá vendo?” “Oh, e se a gente mudar ele, olha quantos a gente pode fazer?” ah, nós estamos trabalhando em uma edição de jornal, isso tu faz em qualquer turma, até ensino médio “Somos editores, vamos lá, trabalhar com voz verbal, vamos fazer manchete” “A manchete que mais surpreender é a que vocês mais capricharam pra usar a voz tal” e tu inseres o ensino da língua, pronto. Então, é professor, no meu ponto de vista é professor, tu tens a precariedade, tu tens a defasagem no ensino público, eu não tenho muita, eu não tenho experiência na verdade né pra te dizer isso a não ser o meu estágio que eu fiz em escola pública, lá no Cassino, tive que fazer lá no (nome da escola retirado) ali do Cassino, ali na avenida, em que os alunos não sabiam o que era o Enem, aí eu te pergunto: É por que a escola não tem giz? É por que a escola não tem livro? Não. Porque os professores nunca... **Até porque se não souber usar esses recursos, não adianta nada né?** Não adianta nada, não adianta, não adianta, tu sabes eu, eu demorei mais a fazer o mestrado, porque eu quis trabalhar muito, mas eu tenho colegas também que achavam que era só o mestrado, chegaram e me disseram “É, não é só o mestrado” nunca tinham dado aula né, eu digo “Não é, gente” é pisar na sala, é saber

arquitetar o teu espaço e o que tu tens pra contribuir, nós, somos nós que doutrinamos... Seja na Matemática, no Português... E pra desmistificar esse medo que eles têm do Português é isso, é a gente, pensar, sentar, quanto eu trabalho de madrugada, às vezes dá uma louca eu digo “Não, vou fazer agora” vou lá e faço, tem que gostar né. **Claro, com certeza.** Tem que gostar.

Apêndice G – Respostas da entrevistada Psiquê

1) **Como e por que te tornaste professora de Língua Portuguesa?** Eu, eu sempre gostei muito de ler, sempre li bastante, e a minha dinda era professora de Língua Portuguesa, minha madrinha. E ela sempre me deu muitos livros e enfim... Quando eu fui fazer o ensino médio no Pelotense eu me inscrevi pra Magistério né e aí depois eu fiquei pensando “Deus me livre dar aula, que horror né” e resolvi trocar, resolvi ir pro ensino regular e aí não tinha como eu voltar atrás, então eu teria que rodar um ano pra poder ir pro regular, aí eu decidi sair da escola, sair do Pelotense e fui pro Santa Margarida fazer Informática, Técnico em Informática, aí durante todo o meu ensino médio eu aprendi muita coisa de Matemática e vi que aquela não era a minha área mesmo né, me formei, atuei um pouco em Informática, mas vi que não era a minha, aí eu fiz um teste vocacional que deu Jornalismo ou Letras né, mas achei que não, que não tinha nada a ver, aí resolvi fazer, fiz Engenharia da Computação na FURG e Letras aqui na UFPel, passei nos dois, fui cursar Engenharia, odiei, quando eu vi as cadeiras de Matemática, eu ia ficar 25 anos pra me formar e aí eu comecei a fazer Letras aqui e quando eu fui fazer Letras, que a gente começou as análises dos poemas e tal eu me apaixonei, adorei, assim, vi que a minha área era trabalhar com o ensino médio, eu sempre gostei de trabalhar coisas relacionadas a vestibular, a leituras assim e foi isso, acho que foi influência um pouco da minha madrinha, das minhas leituras né, mas assim eu sempre achei que ser professora não era a minha vocação. **Só depois que tu te formaste...?** Só depois que eu me formei, tanto que quando no primeiro semestre da faculdade eu não gostei porque tinha muita parte de gramática e ainda não tinha entrado a Literatura, aí eu fiz outro vestibular pra Design Gráfico, passei e fiquei fazendo as duas faculdades ao mesmo tempo né pra poder decidir o que que eu ia fazer mesmo da minha vida, mas quando eu comecei a dar aula eu adorei, adorei, adorei, adorei, a sala de aula te renova muito né, então... **Tu fez o Português Puro?** Português/ Literatura, isso, e aí eu fazia de noite o Português e de manhã o Design Gráfico. **Sim, aí depois tu desistiu do Design ou tu é formada...?** Não, me formei nos dois. **Ah, tu é formada nos dois?** É, só que eu também sou habilitada pra dar aula de Artes né, que é uma das... Quando eu fiz o Design, ele era uma habilitação das Artes

Visuais, então eu poderia dar aula de Artes ou ser Design Gráfico, mas eu não faço nem uma coisa nem outra, porque eu não tenho, nunca tive conhecimento suficiente penso eu pra dar aula de Artes e gosto muito é da Língua Portuguesa, de trabalhar com o Português, então eu nunca fiz concurso, nem nunca me atrevi a dar aula de Artes, porque não é a minha praia mesmo. **Aí tu te formaste e já conseguiu serviço pra Português?** Quando eu me formei, eu já dava aula num cursinho e aí quando eu, logo em seguida que eu terminei, que nós terminamos a faculdade, em 2004 eu já tava aprovada em um concurso que nunca me chamaram, eu tinha tirado primeiro lugar, mas nunca me chamaram e aí 2005 eu fiz um concurso pro CAVG²¹, pra professora substituta de lá e passei, aí eu comecei... Primeiro lugar que eu dei aula foi no CAVG, então eu acho que foi uma experiência tão legal, tão boa, o colégio era tão bom assim, as crianças eram muito educadas, era bem bacana de trabalhar e aí em seguida eu fiz outros concursos então eu fui indo, fui indo, fui indo.

2) **Como tu avalia, nesse momento, a questão “satisfação profissional” em relação a tua carreira docente?** Não, eu quando eu entro, às vezes a gente não tem vontade de estar em sala de aula né, no final de um dia que a gente tá cansada, eu dou aula à noite, então já se trabalhou um dia inteiro né, mas toda a vez que eu entro na aula e eu vejo os meus alunos e eu converso com eles, parece que a gente renova sabe, parece que a gente volta a vontade e como eu trabalho com ensino médio à noite, com a formação de adultos né, é bem gratificante, é bom trabalhar com esse público né, eles, eles muito rapidamente eles entendem que eles têm que aproveitar a aula, é diferente das crianças de de manhã do ensino regular, só que eu tenho sorte de trabalhar em dois lugares bons né em que assim, em que o acesso a materiais é fácil né, em que tem... Na escola que eu trabalho de manhã é ensino regular, mas tem uma disciplina boa, então eu nunca tive que tirar um aluno de sala de aula né, quando uma turma tá incomodando muito se para o trabalho e todos os professores daquela turma vão na turma conversar né, então assim,

²¹ O Câmpus Pelotas-Visconde da Graça (CaVG), é um dos câmpus vinculados ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), instituição de educação profissional técnica de nível médio e superior de graduação e pós-graduação, tendo como origem o Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça.

eu tenho a sorte de trabalhar nesses dois lugares, bons lugares assim, e de ter conseguido trabalhar com ensino médio que é o meu foco porque quando eu trabalho com ensino fundamental eu sofro muito, é assim, é, eu me deturpo todas a vez que eu tenho que entrar na sala de aula, toda vez que eu tenho que trabalhar com criança, parece muito cruel dizer isso, mas não é o meu perfil mesmo e com o tempo eu fui aprendendo que eu gosto é desse desafio do jovem, que às vezes é meio respondão, fala um ou outro palavrão, mas é o que eu curto fazer, agora trabalhar com criança não. Lógico que assim a gente pensa sempre em abandonar a carreira de professor, mas em virtude do salário né, porque a gente pensa assim “Poxa tem tanta gente que é... Sem querer ser boba, mas tem tanta gente que é menos privilegiada que eu de inteligência e ganha mais né. E eu já fiz mestrado, já fiz especialização, tô no segundo mestrado, duas faculdades e sempre trabalhando e sempre estudando e aí às vezes a pessoa faz um concursinho qualquer ali e ganha muito mais do que eu né, empregada doméstica ganha o mesmo salário do que eu, então a gente fica pensando se vale a pena ou não investir né, a insatisfação é em relação a isso, em relação ao salário mesmo, tanto que a gente vai pensando outras maneiras de ganhar dinheiro e pensa se abandona ou não o magistério e vejo que a gente perde muito professor bom, a gente perde muita pessoa, eu sei que eu tenho talento pra ser professora, eu sei disso, que o meu talento é ser professora, mas não vejo um caminho de sucesso pra gente assim, de... Enquanto classe né, de valorização profissional, porque nós somos muitos e enquanto a gente for esse número absurdo de professor e não houver uma ligação direta entre salário e sucesso não vamos ter... A insatisfação é essa.

Mas tu não pensa em assim... Em abandonar a profissão? Não sei, às vezes eu penso, às vezes eu penso mesmo sim sabe. Sei lá em investir em uma outra faculdade, uma terceira faculdade, não sei, mas é que a gente perde com o tempo assim a vontade de começar de novo, então, sei lá, fazer uma Fisioterapia ou algo assim né, mas aí tu vai ser aluna e encontrar com alunos teus, é meio complicado começar de novo, eu já comecei Odonto né e aí desisti em virtude disso também né, mas abri uma loja e enfim daqui a pouco as coisas vão tomando outro rumo, eu não gostaria porque enxergo nisso o meu talento mesmo, de verdade, gosto de dar aula, os meus alunos gostam de mim, gostam da maneira que eu explico as coisas, eu sei que eu sou uma facilitadora né, às

vezes as pessoas perguntam assim ah mas é... , às vezes os alunos comentam que “Não precisa estudar pra Português, é fácil de passar em Português” e os meus colegas acham isso depreciativo e eu não acho, acho uma coisa muito boa que os alunos comentem isso que é fácil passar em Português, que não precisa estudar pra Português, que na verdade eles nem sabem que eles sabem já o conteúdo né e aí eu convido esses colegas que às vezes assim num tom debochado a olhar as minhas provas, vê se são muito mais fáceis do que as deles, não são, é que a criança tá ali, tá envolvida, tá prestando atenção, é por isso que ela acha fácil, né, eu não pretendo nunca complicar a vida do meu aluno, pra que ele acha Língua Portuguesa um horror, pra que ele tenha horror de ler um texto, não, então tem muita gente que acha bom e bonito isso, eu não acho, eu não acho, acho que o aluno tem que tá lá entregue e que a escola tem que mudar um pouquinho essa visão da reprovação, da aprovação né. Hoje em dia se o aluno quer passar mesmo ele não tem como rodar, né, então a gente tem que encontrar um outro papel aí, e eu sei que esse meu papel é feito, eu medio os conteúdos pros meus alunos, por isso que eu tenho pena de abandonar a minha profissão. **E durante o dia tu trabalha numa escola estadual e à noite numa municipal. Nas duas tu trabalha com médio?** Nas duas eu trabalho com ensino médio, trabalho com primeiros anos na regular e trabalho com primeiros e terceiros no EJA. **Mas tu não trabalha só Português né, tu trabalha Literatura também?** Português e Literatura, que é uma grande paixão, eu gosto muito de trabalhar com Literatura porque a gente consegue fazer links de História né, a minha linha no mestrado é Literatura e História, então eu caso muito as duas coisas, levo bastante coisa relacionada a arte, porque quando a gente estuda o movimento literário é aquele momento histórico, então o aluno tem que entender porque que ele escrevia daquela maneira, porque que o pensamento era daquela forma né, então eu tento contextualizar o livro e fazer com que ele entenda porque que foi escrito aquilo daquela forma né, e gosto de trabalhar assim, levando elementos da história e da arte junto pra literatura né, por isso que às vezes as pessoas não gostam muito de trabalhar com literatura, porque é trabalhoso mesmo né, a gente tem que trazer todo aquele contexto histórico e às vezes trabalhar com os clássicos da literatura que não são nem bons de ler né, mas eu tento fazer um trabalho assim, por exemplo, Machado de Assis, raramente

eu levo um livro do Machado de Assis para o meu aluno ler, não levo, porque eu sei que ele não vai ler, mas Machado de Assis tem contos maravilhosos, eu levo os contos do Machado. Então a gente vai trabalhando como dá. **A insatisfação então é em relação assim a questão salarial, mas em relação à sala de aula, aos colégios tu acha...?** Não, eu acho assim ó, o colégio não, os dois, as duas escolas que eu trabalho eu gosto de trabalhar, a sala de aula não, eu fico insatisfeita com os meus colegas, isso fico mesmo sabe, aquele clima de eterna reclamação né “Ah, porque o salário isso... Ah, porque o salário...” Bom, então tá insatisfeito procura outro rumo pra tua vida, fico sim insatisfeita com isso sabe, às vezes eu fujo um pouco desse tipo de conversa porque eu acho cansativo, acho que não leva a lugar nenhum né “Ai, o meu salário...” Então tá, vamos ver uma maneira de mudar isso né e assim eu acho que na nossa profissão falta muito companheirismo né, às vezes as pessoas não vão ganhar cinco reais a mais e não pensam duas vezes antes de falar mal do colega, antes de puxar o tapete do colega, antes de atrapalhar o projeto do colega e não entendo o porquê disso, se é numa escola privada, numa faculdade privada em que tu vai ganhar turmas e tu vai ter uma remuneração em virtude disso, não é bom, não é bonito, mas a gente até entende né, agora numa escola pública em que tu estás trabalhando, que em vez de criar um clima bom pra trabalhar não cria sabe, cria picuinha, cria incomodação, por que isso? Isso me insatisfaz, isso realmente me deixa chateada né, porque a gente já ganha pouco, já é difícil trabalhar como professor, então pelo menos um ambiente saudável pra trabalhar a gente tem que criar, né, um ambiente bom, um ambiente de parceria, um ambiente em que as pessoas se ajudam né, isso eu acho que nós professores somos muito falhos, em relação a isso.

3) -Qual ou quais contribuições tu achas que as aulas de Português podem trazer aos alunos contemporâneos? Eu acho que a língua portuguesa ajuda a ler o mundo, eu fico muito chocada às vezes quando eu vejo interpretações totalmente equivocadas sobre uma frase ou sobre um tema ou enfim né, agora com a internet né, que é muito positiva nesse sentido, porque as crianças leem, elas passam o dia no Facebook praticando a leitura né, o que acontece é que elas não têm um filtro sobre isso, elas leem tudo, né, mas elas acabam compartilhando poesia, elas acabam compartilhando textos,

elas acabam enfim... E acho que a língua portuguesa em sala de aula instrumentaliza o aluno pra fazer essa leitura do mundo né e me assusto quando, por exemplo, esse ano caiu, o tema do Enem caiu Publicidade Infantil e eu não tinha visto a prova do Enem e perguntei para os meus alunos qual tinha sido o tema e eles me falaram que era Publicidade para Crianças né e aí vários outros alunos que eu encontrei que eram meus ou outros que não eram eu perguntei então qual tinha sido o tema e eles me disseram que era Criança na Publicidade, então tu vê assim, um tema simples né, que realmente era Publicidade para Crianças né, então como são utilizados os personagens infantis e tal e eles não conseguiram entender, eles achavam que era Criança na Publicidade, a criança desde pequena na publicidade, então olha como a Língua Portuguesa ela ajuda a gente a fazer a criança entender esse tipo de coisa, uma coisa é Criança na Publicidade e outra coisa é Publicidade para Criança né, e aí tu já trabalha os conectores, e aí tu já trabalha uma série de coisas, mas ajudar a ler isso, ajudar a ler criticamente um filme né, a ler um canal de televisão, Por que tu vai assistir esse canal de televisão? Por que tu vai assistir esse programa? Por que tu vai assistir...? Acho que é nisso que a gente ajuda, acho que a leitura e a interpretação. A gramática... Eu sempre digo para os meus alunos, a gramática ela vai ser cobrada de ti quando tu fores fazer um concurso, é onde a gramática está presente hoje em dia, é num concurso, não vai ser na tua fala com teu amigo, com a tua mãe, não é aí, não vai ser nem no Enem mais que já não é gramatiquero, né, o vestibular. A gramática ela tem que estar presente porque o que seleciona os concursos bons ainda é a gramática e isso não vai mudar tão cedo, não vai mudar tão cedo, então eu acho que a gente tem sim que ensinar a gramática, mas eu acho que a nossa principal contribuição é ajudar eles a ler o mundo, a entender uma tela, a entender um filme, a entender uma ideologia, né, que a gente através dos textos consegue trazer. **E tu foca bastante assim na questão da leitura nas tuas aulas?** Foco. A gente lê, eu levo muitas folhas assim, com muitos textos e textos de crônicas, textos, por exemplo, sobre como é que foi a abolição da escravatura, aquele jogo entre a Inglaterra, pra explicar as coisas que tem por trás assim né, dos fatos históricos, levo. Levo muita, muita, muita tirinha, muita charge, levo bastante charge, bastante tira porque acho que eles têm muita dificuldade em entender o humor da tira, e eu já ouvi assim “Qual é

o humor da charge?” “ Ah, não achei graça nenhuma.” Eles não têm humor né, então assim eu trabalho muito com essa função das tiras pra fazer o aluno entender o que que tá colocado ali e trabalho o conhecimento de mundo né, pra eles entenderem assim, porque às vezes, o aluno ele não tem o conhecimento de mundo básico, ele não sabe que a figura com uma capa e uma foice é a morte, ele acha que é o pânico, que é o filme do Pânico sabe, então coisas assim que o aluno não tá instrumentalizado pra ler, e que às vezes eu vejo que se a gente não ensinar, ninguém vai ensinar, ninguém vai ensinar, às vezes coisas básicas, um aluno chegou a me perguntar se o Enem era por parecer, porque agora a escola pública do Estado é por parecer, então pequenas coisas que se a gente professor não se coloca nessa posição de explicar pra ele, outra pessoa não vai explicar. Às vezes, em casa eles não têm quem explique, então eu me coloco muito nessa figura de ser alguém que tenta explicar coisas que eles não sabem, que eles vem às vezes de lugares que o pai não tem estudo, que a mãe não tem estudo e que relacionado à escola não tem como explicar o que que é um PAVE, o que que é o Enem, eles não sabem, eles não têm como saber né, então a primeira aula eu sempre explico como é que são esses testes de seleção pra universidade, como é que eles têm que pensar em relação a isso né. **O que que eles podem fazer né, porque muitos deles não sabem que podem fazer a prova do PAVE, mal sabem como que ingressa numa universidade né? É.** E eu temo muito por essa nova maneira de ingressar na universidade, porque hoje em dia tu pergunta pra uma criança qual é a faculdade que ela quer fazer e ela diz “A que a minha nota der.” A gente não tem mais pessoas querendo ser Arquiteta, pessoas querendo ser Engenheiras, pessoas querendo ser Dentistas, a gente têm pessoas que se tiverem a média pra Arquitetura vou colocar Arquitetura, se tiverem a média pra dentista vão colocar Odonto, então isso é muito daninho né pro nosso ensino, a gente vai ter pessoas muito frustradas em relação a isso. **Mas eu acho que isso daí muito também em relação a uma classe mais baixa né, porque assim é possibilitou um pouco mais o ingresso na faculdade, possibilitou bem mais...Não eu vejo assim, que eu sou formada 11 anos assim e que quando eu ingressei na universidade era muito mais difícil de tu conseguir uma vaga e hoje em dia eu acho que com todos esses programas, esses incentivos tá mais fácil de conseguir uma vaga, mas aí**

acontece muito principalmente eu acho com a classe mais baixa isso, eles escolhem uma maneira de ingressar na faculdade, mas se não der pra aquele curso que talvez seja o que ele queira ele vai entrar em qualquer um, mas ele vai entrar na faculdade né... Mas assim eu nem acho que é só com a classe mais baixa, porque eu vejo os alunos em geral, porque o da classe alta quer agradar o pai e a mãe, entendeu, mesmo que ele comece cursando Relações Internacionais ele siga estudando pra fazer Medicina. **Sim, sim.** Então eu vejo muito assim, bom o curso de Odontologia é formado em sua grande maioria por pessoas que queriam ser médicas e entram porque a média deu e eles foram fazer Odonto e são extremamente infelizes e na nossa época não tinha essa opção, ou tu entrava pro curso que tu queria ou tu não entrava, ou tu não entrava, tu não ia ter uma turma de noventa professores em que dois, noventa Odontólogos, em que dois querem ser dentistas e oitenta e oito querem ser médicos né, e aí o que acaba, o que que acontece, não vão até o final da faculdade né porque quando chega na hora das práticas vê que não era aquilo que queria, não era aquilo que gostava, então é um investimento em um aluno que não vai trazer retorno, foi só um gasto com aquele aluno, o aluno é, está infeliz fazendo aquele curso, ele não quer, ele segue estudando pra tentar fazer a medicina né ou então ele acaba se acomodando, é aquilo mesmo, mesmo que eu não seja tão feliz, eu vou acabar ganhando um pouco de dinheiro, né, então assim, eu vejo muito isso hoje em dia e vejo assim a diversidade de cursos que os alunos botam, esses dias eu vi uma aluna minha que colocou que ela passou pra Engenharia Hídrica né e ela tinha posto em primeira opção Arquitetura, na segunda opção Engenharia Hídrica e noutra faculdade ela botou Odonto, então tu me explica né, eu acho que a Engenharia Hídrica que ela entrou talvez ela nem saiba o que faz né, achou que era uma Engenharia, mas o que bem faz, tu pergunta pra essa criança ela não sabe, ela não sabe o que faz uma engenharia hídrica né e eu vejo muita gente “Ah, depois eu descubro o que que faz no meu curso” eles nem têm ideia do que que o curso é de fato né e eu acho que depois quem vai colher o fruto disso é uma próxima geração, nós mesmos que vamos ser atendidos por esses profissionais. **É...É uma coisa bem interessante isso daí de ser pensado.** É. E na nossa classe também, eu vejo assim, muita gente que entra pra Licenciatura porque só tinha à noite, só pode estudar à noite ou então porque

a média da Licenciatura era baixa, então eu vou ensinar sei lá eu que matéria e a gente acaba perdendo muito em virtude disso porque desqualifica muito o nosso perfil de professor né.

4) **Para ti, como é ou como seria o processo ensino e aprendizagem de língua materna plenamente satisfatório?** Eu acho assim ó que tem dois momentos que a gente consegue ver muito rapidamente o sucesso do nosso aluno né, e são os dois extremos: é quando o aluno tá entrando, que a gente alfabetiza e quando o aluno tá saindo, que a gente vê ele indo pra porta da faculdade, né, então, na medida em que tu vê o teu trabalho, o aluno aprendendo a juntar as letrinhas, aprendendo a ler, tu instrumentaliza ele pra ler, é muito satisfatório e eu também tenho a felicidade de trabalhar com terceiro ano, em que eu vejo meus alunos entrando pra faculdade, então eu tenho esse feedback dele dizer assim pra mim “Professora, eu passei”, hoje eu vi um aluno, ele me mandou uma mensagem no celular, dizendo que ele tirou 760 na prova da Redação que vale 1000 né, então ok, 760 foi uma baita nota e ele entrou pra um curso e ele veio me contar né, então eles dizem coisas como “Ah, todo tempo que eu tava fazendo Redação, a sua voz tava na minha cabeça” né, “Eu lembrei daquilo que a gente trabalhou” então eu acho que talvez tornar esse processo desse retorno mesmo né pra todos os outros adiantamentos, talvez nos ajudasse em algum sentido né, porque a gente ver o retorno do nosso trabalho com o aluno é muito bom, é muito bom. É muito gratificante quando a gente tem esse retorno do nosso aluno né, então eu percebo assim, eu já tive alunos que foram meus no primeiro ano e depois voltaram a ser meus alunos no terceiro ano e eu consigo ver a evolução deles enquanto alunos né, primeiramente eles tinham preguiça de ler um texto qualquer “Ah esse baita texto a gente vai ter que ler” e já no terceiro ano eles já não reclamam mais, eles já estão habituados a ler textos maiores, enfim, eu acho que um ensino satisfatório de língua materna é esse em que a gente consegue ver, ver o nosso aluno amadurecendo, crescendo enquanto leitor, enquanto produtor de textos né, principalmente na produção de textos isso é fácil analisar, a gente vê um aluno que não sabe o mínimo pra fazer uma redação e ele termina fazendo uma redação boa, uma redação satisfatória né, então assim, acho que se a escola conseguisse nos ajudar a fazer mais projetos, liberar um pouco de carga

horária pra gente poder conversar entre a gente, conversar entre as áreas, enfim seria um ganho muito bom de satisfação. **Tu acha que depende mais assim da questão da escola, dos professores para atingir esse objetivo do que dos alunos?** É. Eu acho assim, o aluno ele acaba ficando muito engessado dentro da nossa estrutura, ele lê, ele coloca na prova, ele responde, então assim, poucas coisas ele é mais ativo do que isso e aí a gente tenta fazer, eu fiz projeto com fotografia, eu fiz o projeto dos diários de leitura o ano passado, só que tudo isso é uma demanda de trabalho muito grande pra mim enquanto professora né e aí a gente pensa duas vezes se a gente faz ou não, porque a gente tornar o aluno sujeito pra fazer coisas diferentes demanda uma carga de trabalho muito grande pra gente e a gente pensa duas vezes se vai fazer ou não. **Até porque tens que acabar fazendo muita coisa em casa né?** Exatamente. Egoisticamente assim a gente tem que... Vou mandar fazer... Todas as minhas turmas de Literatura vão fazer um projeto de leitura. Ok, eles fizeram, mas eu tive um trabalho gigantesco de ler todos os diários, comentar todos os diários, enfim, toda aula explicar o projeto pra todos os alunos de novo né, porque daí chegou um aluno novo, chegou um aluno que faltou, chegou...É um trabalho muito cansativo né, então assim se a gente tivesse um tempo pra gente se dedicar a esses projetos seria muito bom, seria ótimo, seria excelente, porque o aluno ele acaba tendo aquele papel de não ser ativo, ele não é ativo, um ou outro aluno traz um texto pra ti, um ou outro aluno traz um livro pra ti né, mas é a minoria, a gente até incentiva, a gente faz com que eles pensem a respeito dessas coisas mas enfim, e eu sempre faço o meu aluno ler algum livro, porque acho inconcebível que o aluno saia do ensino médio sem ter tido leituras de livros, então eu sempre faço um projeto que tenha alguma leitura, tenha prova sobre livro ou tenha que ter tido um livro pra fazer o diário, enfim, acho que isso ajuda muito, acho que traz um ganho muito grande pra eles e acho que a Língua Portuguesa satisfatória seria isso, seria quando a gente tivesse um feedback maior do nosso trabalho e conseguisse ver esse crescimento que a gente acaba de vez em quando vendo né, de ver como eles amadureceram na escrita, como eles amadureceram na interpretação. **E tu acha que as escolas assim não incentivam muito essa questão dos projetos?** Eu acho que não, eu acho assim as escolas acabam se atendo nos números né, quantos aprovaram, quantos reprovaram, porque que a estatística

não tá boa, porque a verba ela vem por número de alunos, enfim né, principalmente as escolas em que o poder... Quanto mais longe, por exemplo, a escola do Estado né, é mais longe a centralização, então é um número mesmo, muito mais difícil de trabalhar e alguns projetos bons acabam se perdendo no meio do caminho né e aí tu tens que, uma coisa boba, ver um filme né tu tem que negociar com o professor que vem antes, com o professor que vem depois, aí tu tens que levar duas turmas e aí o auditório já não abriga aquelas duas turmas e aí então uma turma fica desassistida e aí... Pra tu ver um filme na escola já é complicado, tu imagina então fazer uma outra coisa diferente. **Fora a questão de fazer que tudo funcione pra que tu possa ver aquele filme né?** Exatamente, exatamente. Então a estrutura faz muita diferença, sempre que me perguntam assim sobre o colégio particular e o colégio público, a minha resposta é qual a diferença entre os dois? É a estrutura, se os profissionais são os mesmos, se tu for olhar o professor do colégio particular ele também trabalha em alguma escola pública, ele tem lá o seu concurso que lhe dá a sua tranquilidade de que ele não vai ser demitido, ele tem lá o colégio que dá o sono dele à noite né, mas a diferença é que ele pede mil folhas na escola particular, ele recebe as mil; ele pede vinte volumes de tal livro e ele recebe os vinte volumes, ele quer fazer um projeto, ele tem um ônibus, ele tem a internet, ele tem computador funcionando; ele quer ver um filme, quando ele vai o filme já tá pronto pra ele, só aperta no play e a gente não né, a gente tem que achar o DVD que funcione, achar o projetor que funcione, ir lá instalar, agendar a sala com muita antecedência, ver o que que a gente vai fazer com as outras turmas, se a gente vai conseguir levar as duas, o que que a gente vai deixar de material pra outra, então a estrutura é diferente, o profissional é o mesmo. **Tanto na escola municipal quanto na estadual tu vê assim essas mesmas dificuldades?** As mesmas dificuldades. E na escola estadual ainda é pior, porque é mais precária em termos de recurso né, então é mais difícil ainda e o que eu vejo realmente é... Porque o professor é o mesmo, professor é o mesmo, é a mesma figura assim e te digo mais, a escola pública tem profissionais mais qualificados que a escola particular, porque a escola particular não permite que o seu professor se qualifique, ela não permite que o professor faça um curso, ela não permite que o professor faça uma especialização, faça um mestrado, não permite, eu já ouvi infinidades

de colegas dizendo que se inscreveram pra seminários em outras cidades e desistirem porque a escola disse “O problema é teu, eu não mandei tu te inscreveres.” E já ouvi diretores de colégio particular que falou assim “Olha eu tenho pilhas de currículo de gente com mestrado e doutorado que não estão dando aula aqui”, então isso não é valorizado na escola particular. **Tu já trabalhaste em escola particular né?** Em muitas, acho que nas principais da nossa cidade sim. E o discurso é esse “Nós não temos nem professor com especialização.” E muita escola que diz que todo professor tem especialização, não é verdade, tem professor que nem formado é, eu sei, principalmente na área das exatas né, tem professor excelente, maravilhoso dando aula, que não é formado né e aí a escola diz “Ah, todos os nossos professores com especialidade, com especialização”, não é verdade, não é verdade e à medida que o professor quer ir num congresso, quer fazer uma especialização, quer fazer um curso a escola não libera e se ele quer ir então ele tem que tirar do salário dele, pagar um outro professor que vai fazer a substituição, dar o salário dele aqueles dias pro professor poder ir viajar é assim o procedimento né, então os professores que ainda detêm o conhecimento de uma forma mais integral, eles estão na escola pública e são mal remunerados. **E tu acha que na escola pública há uma abertura um pouco maior pra ti participar de um evento, pra ti fazer uma formação?** Há, há porque tem o número de faltas que o professor pode ter, então assim, tem gente que aproveita pra ficar deitado olhando televisão, tem gente que aproveita pra fazer a sua formação, ainda bem que eu estou no segundo grupo. Eu vou a congressos, eu participo, eu viajo, enfim, sempre que dá a gente faz, mas assim esses dias de falta eu utilizo pra isso mesmo, pra ir numa outra cidade, pra ir ver um congresso, pra ir numa palestra, enfim, eu gosto muito de autor internacional, então quando tem um evento eu vou aonde ele tá né, então a gente aproveita as faltas para isso. **Fora que pode colocar atestado né?** Atestado também, enfim, né. Eu via professor se orgulhando de trabalhar na escola particular há trinta anos e não ter nenhuma falta, de ter ido trabalhar doente, de ter ido trabalhar gripado, de ter ido trabalhar quando tava até com câncer né, eu não acho isso uma coisa positiva de maneira nenhuma, não consigo achar, então assim que bom que isso é uma bandeira, mas não é a minha né, eu acho que quando a pessoa não tá bem, ela não vai desempenhar bem o seu trabalho, então uma pessoa com

câncer indo trabalhar, fazendo quimioterapia, radioterapia, ela tem direito de não ir trabalhar, mas o medo que ela perdesse a sua vaga fez com que ela fosse trabalhar né, ameaça constante e dita “Vamos te demitir, já tem outro pra tua vaga” não é uma coisa velada é uma coisa dita, não acho que possa ter satisfação em trabalhar assim. **Na maioria das escolas particulares tu acha que é assim?** Na maioria, com certeza na maioria. E aí tu me pergunta se eu colocaria o meu filho numa pública ou em uma particular, aí eu vou ter que te dizer que numa particular né, porque essa é a visão de uma professora sobre a satisfação de trabalho de seus colegas, que conheceu de dentro a estrutura, mas assim ó a gente sabe que na escola pública falta professor muitas vezes, os alunos saem mais cedo e uma criança saindo mais cedo da escola na segunda, terceira série, ficando ociosa no pátio por quatro, cinco períodos é preocupante né, então tu acaba te moldando pra colocar teu filho numa escola particular porque a estrutura é melhor. **Embora tu não concorde com algumas coisas em relação ao professor, a figura do professor, mas para o aluno tu acha melhor a escola particular?** É, infelizmente é. Assim quando eu estudei na escola pública, ainda não tinha essa distinção tão grande né, até porque não tinha tanto recurso tecnológico, enfim, o que a gente trabalhava era folha e papel tanto na pública quanto na particular, né, agora a falta de professores que hoje em dia é uma constante, a dificuldade em repor o quadro de professores né, que é muito moroso, a quantidade de professor que não é concursado, que é contratado né, são professores que não têm a mínima qualificação e estão em sala de aula, dando aula, ensinando, alfabetizando uma criança que vai ter erros de ortografia pro resto da vida, porque vai aprender errado e cansei de ver, entrar em sala de aula e ter erros grosseiros no quadro porque aquelas pessoas se quer concluíram a faculdade e já estão lá trabalhando como contratados né, então isso preocupa, logicamente preocupa a gente né, então eu enquanto professora sei o quanto é doloroso trabalhar numa escola particular, nas que eu trabalhei, que são as mais conceituadas da nossa cidade, mas é a minha visão de professora né, pro aluno eu sei que é uma outra visão, pra mãe, eu como mãe é uma outra visão, eu enquanto professor profissional lógico que sei os meandros lá de dentro né, mas... **Até porque pro aluno ter essa melhor qualidade né e pra não ter esses problemas que tem na escola pública, o profissional tem que ser**

bem mais cobrado né? É a cobrança, exatamente. E outra assim, a carga de horário, a carga horária é maior, então eles assim têm educação física no turno inverso, eles têm aulas de reforço no turno inverso, então assim, é normal, é natural que uma criança estando mais tempo dentro da escola ela vai aprender mais, nem que ela fique lá sentada, ela está na escola, né e tem mais carga horária vai aprender mais, é assim e incentivo assim visando os testes, estudando os testes pra fazer aqueles testes né, é muito diferente e o próprio incentivo do pai que para com a criança, que lê com a criança né, que a gente não tem na escola pública, infelizmente não tem, né, assim seja por negligência, seja assim... Muitos da escola privada não têm também, mas às vezes a gente consegue identificar o problema da criança que é a falta do acompanhamento do pai, então... **Sim, de qualquer forma acho que na escola particular, onde também a classe econômica é mais favorável geralmente há um acompanhamento um pouco maior né?** É. Nem que seja pra cobrar da escola, entendeste, o que eu vejo muito é isso. **Claro, tô pagando né?** Exatamente. Às vezes assim, é uma hipocrisia, mas não é nem pra cobrar que o filho esteja aprendendo, é pra cobrar se usou todo o livro que comprou né, se aquele material que foi mandado pra escola no início do ano tá sendo utilizado, né, então às vezes nem é visando o bem da criança, mas ainda que seja assim existe essa cobrança, ainda que seja existe.

Apêndice H – Respostas da entrevistada Rai

1) **Como e por que te tornaste professor(a) de Língua Portuguesa?**

Então, eu não tinha essa decisão como certa, frente à realidade da minha vida eu me formei na escola técnica e no mesmo período eu tive um professor de Português que me marcou muito porque ele era exigente e porque eu tive muita dificuldade, foi a primeira vez que eu tive que, realmente eu precisei fazer recuperação. Mas eu me formei em Química, eu saí, eu me casei e em determinado momento eu resolvi fazer um curso de Redação e na minha opção eu não sei o que me levou a escolher, acho que foi mais por intuição eu escolhi fazer Letras. **Então tu achas que tu fazias um curso das exatas né, tu fazias Química e por causa de um professor que tu tiveste neste curso mudou assim toda ...? Tu nunca trabalhaste na área de Química?** Eu trabalhei na área de Química, o que acontecia aqui em Pelotas, o campo era restrito e as condições de trabalho também não eram boas, eu por apego não me animava a sair e deixar a minha família, então eu pensei vou fazer um curso de graduação para professor... E daí na hora da escolha, como eu te falei, eu acho que eu atribuo na verdade a minha escolha por ele, não de forma consciente, na verdade eu só me dei por conta disso depois de um tempo. **Mais tu gostaste desse professor, assim tu viu nele um fator positivo assim?** Vi, vi, eu o admirava.

2) **Como tu avalias, nesse momento, a questão “satisfação profissional” em relação a tua carreira docente?** Bom, no meu lado pessoal eu cresci muito como professora, eu sempre acho que ser professora é um exercício contínuo de superação, de paciência, de tolerância, de observação dos adolescentes e crianças com quem a gente lida, eu gosto bastante de ser professora, mas hoje assim comparando com o início, já faz 15 anos que eu trabalho em sala de aula eu me sinto desmotivada, descrente em relação ao trabalho que eu faço, é como se eu tivesse perdido um pouco do por quê, qual a minha função? Eu faço diferença? Eu já não sei mais. **Por que tu achas? Por que dá esse sentimento assim?** Bom, esse sentimento eu tenho frente às questões políticas que nos são impostas, e quando eu digo políticas eu falo

também da questão salarial, eu falo da questão da autoaprovação, todas essas questões que nos vêm de cima e que a gente não tem como lutar. **Sim, essa questão salarial, essa questão da imposição são as coisas que mais te incomodam?** Sim, sim, que mais me incomodam. **Hoje em dia tu assim te sentes insatisfeita?** Eu me sinto insatisfeita, exatamente. Até às vezes questão interna da escola, são coisas tão pequenas que a gente percebe dentro do ambiente escolar que também te desencanta um pouco, como se no início da profissão eu me engajassem, eu quisesse trabalhar em projetos, eu mobilizasse e hoje eu já não... É como se eu quisesse ir lá dar a minha aula e voltar... **E tu acha que essa questão financeira, essa questão das imposições, esses problemas que acontecem, há quinze anos atrás não existiam ou existiam e só começaram a te incomodar depois?** Eu acho que sempre existiu, mas agora me incomoda muito, da maneira como vem sendo conduzido, desde a gente têm metas para atingir frente aos bancos internacionais né, isso daí, todas as políticas que o Brasil vêm aprontando seja em âmbito municipal, estadual, elas têm a ver com essa situação e na verdade eu não consigo encontrar melhoras na educação... **Antes tu achava que poderia ter melhora?** Antes eu achava. **Hoje tu perdeste um pouco do...?** Perdi. E assim é claro que a gente enquanto professor precisa quebrar um pouco das nossas certezas né, porque a gente também vêm de uma educação, têm um modelo de educação, mas parece que tu não consegue fazer muito pelos alunos, eles já vêm pra escola, eles veem a gente, a escola de uma maneira tão desmotivada e tu não sabe como atingi-los. **E por que tu achas que eles já vêm pra escola desmotivados?** Eu acho que a escola também é um fator que estimula isso, por vários fatores, por falta de estrutura, pelos professores estarem cansados, são vários motivos, se a gente fosse fazer uma análise disso seria muita coisa, mas também pela maneira como a sociedade nos vê, pela maneira como a mídia nos coloca nessa situação. **E tu achas que é de uma maneira negativa?** De uma maneira negativa. **Isso hoje bem mais do que há quinze anos atrás?** Isso bem mais do que há 15 anos atrás, pra mim sim. Talvez há 15 anos atrás eu fosse mais ingênua, tinha 25 anos, não percebesse tudo isso, mas hoje isso pra mim tem um peso muito grande. **Se tu pudesse hoje tu farias outra coisa?** Eu não sei se eu saberia ser outra coisa, mas se hoje eu tivesse a dimensão do que é a educação, seja pública ou

privada, eu acho que eu faria uma outra coisa. **E tu acha possível trabalhar até tu te aposentar com essa insatisfação? Ou não? Tu acha que há outro rumo?** Trabalhar com essa insatisfação até o final é penoso demais, é como eu assisto alguns colegas se aposentando e não suportando, não suportando, eu torço para que se eu não tiver outra possibilidade que eu não chegue nesse ponto, mas porque é muito penoso. **Sim, mas por enquanto tu não procura outras oportunidades?** Não, por enquanto eu não procuro outras possibilidades, até porque a minha vida, a minha carga horária não me permiti muita mobilidade.

3) **Qual ou quais contribuições tu achas que as aulas de Português podem trazer aos alunos contemporâneos?** Bom, eu como professora de Português eu vou te dizer que eu acho indispensável a questão do aprendizado da Língua Portuguesa, primeiro como forma de expressão, frente a diversas situações com que a gente tem que lidar durante a nossa vida, eu acho que isso a escola ainda não trabalha muito bem e é uma carência do nosso aluno essa adequação da linguagem, adequação a diferentes situações de comunicação, eu acho que isso as aulas de Português podem colaborar. A expressão deles tanto escrita, na apresentação de trabalhos, na elaboração de projetos, eu vejo que as aulas de português elas podem colaborar a partir desse tipo de trabalho, com essa construção deles, não tanto da maneira como eram as aulas de Português antes baseadas só na gramática normativa, aí eu não vejo sentido, eles não veem sentido, porque são situações, são exercícios descontextualizados né, então eles acabam não encontrando sentido para aquilo ali. Agora quando eles produzem, quando eles se expressam, eles estão fazendo um exercício realmente, nesse sentido eu acho que a gente tem a colaborar muito. **Sim, e tu acha que essas questões são coisas positivas para a vida prática deles? Para a vida profissional?** É claro. E claro que a partir do momento que tu tá trabalhando isso, é claro que tu vai trabalhar o texto, é claro que tu vai trabalhar a língua, claro que tu vai orientar imediato, então eu acho que é um processo que vai sendo construído, que o aluno vai construindo a partir do momento em que tu vai orientando, acho que assim eu vejo a melhor forma de trabalhar a Língua Portuguesa hoje. **Mostrando essas diferentes formas de expressão? Que nem sempre ele vai usar a Língua**

Portuguesa da mesma maneira? Tu achas que os professores hoje em dia reconhecem que não há uma única forma, não é só centrado na gramática normativa que se deve ensinar? Eu acho que alguns ainda sim, alguns ainda sim, inclusive assim dentro da escola eu tive situações complicadas com colegas da mesma área exatamente por isso, porque uma turma tinha dificuldade com uma professora, colega de área, e eu fui então conversar com ela né e ainda sugeri esse tipo de trabalho, na verdade não foi sugestão foi o que tu achas de trabalhar assim, assim, assim e ela disse mas eu trabalho assim há 30 anos e sempre deu certo. **Assim concentrada na gramática normativa?** Concentrada na gramática normativa. Aí eu entendi na verdade que eu estava errada, que ela tinha muito mais experiência do que eu. **Segundo a visão dela?** Segundo a visão dela. **E daí tu trabalhaste nesta turma?** Trabalhei no ano posterior. **E como tu achas que foi o trabalho? Tu pegou a mesma turma que ela mas trabalhou diferente?** Trabalhei diferente. É porque tu não tem, como não fui eu quem ministrei as aulas dessa professora, eu tinha apenas a visão do aluno, e aí eu não tenho um comparativo, nas minhas aulas eles não encontraram dificuldades, eles eram participativos, claro participativos em geral, foi tranquilo o trabalho, foi bom.

4) **Para ti, como é ou como seria o processo ensino e aprendizagem de língua materna plenamente satisfatório?** Poxa vida, mas essa pergunta é difícil... Olha plenamente satisfeita... Eu vou começar dizendo que primeiro precisaria de uma reestruturação das escolas, mais investimento, mais recursos, inclusive tecnológicos e acho que nós precisávamos de muito mais tempo para preparar as aulas, de nos envolver né, de estudarmos para preparar os projetos e pensar em atividades, porque é uma coisa que nos falta tempo. Acho também que nós precisaríamos, acho importante a formação continuada para todos os professores até mesmo por essas questões que eu te comentei da minha colega de área, acho que a escola precisava disponibilizar mais tempo para isso, pra formação, mas não para reuniões sem sentido que, só pra cumprir horário como eu digo, onde muito pouco se decide, nada se muda, né. E assim ó a valorização salarial que também claro isso aí a gente nem, tá implícito em todo nosso discurso, não tem como né, e é isso assim, eu não sei te dizer, é a maneira como eu vejo que deveria ser o trabalho

com a língua portuguesa hoje, mas eu também não posso te dizer que ele é o certo, que ele é o correto, que ele é o adequado, mas eu acho que a gente também tem que pensar em outras possibilidades porque da maneira como as escolas vêm trabalhando é visto que não dá, que a gente tem colaborado muito pouco e eu nesse momento vejo assim essa forma de trabalho com a Língua Portuguesa, gostaria de trabalhar assim, gostaria de trabalhar com a música também, porque é uma forma de expressão, é linguagem, eles adoram, com produção de textos, daí de diversos textos, mas às vezes fica complicado tu tem uma grade curricular, tu tem todo o conteúdo pra dar conta, a gente não sabe exatamente como fazer isso, tu vai por tentativa na verdade, às vezes tu acerta, às vezes tu não acerta, então tu vai se constituindo enquanto professor, acho pelo menos que tu vai se montando, percebendo que os alunos precisam de outras metodologias, outra forma de trabalho e daí tu vai então procurando.

Tu achas que o número de horas/aulas que é concedido pra Língua Portuguesa tá bem? Não. Se tu pudesse preparar as coisas, se tu tivesses mais tempo pra preparar seria suficiente ou ainda assim tu achas que teria que ter mais aulas pra fazer um bom trabalho? Eu acho que teria que ter mais aulas pra fazer um bom trabalho, é claro que na verdade a gente pode pensar em os alunos elaborarem um projeto em diversas áreas, porque a Língua Portuguesa vai passando, vai procurando tudo. Se isso acontecesse o número de aulas também poderia ser revisto, acho que vai depender do trabalho que tu desenvolve, como tu desenvolve o trabalho, poderia até ser menos se o aproveitamento fosse maior.

Na verdade tu achas que as mudanças teriam que acontecer mais fora e antes da aula propriamente dita do que dentro da sala de aula mesmo? Tu achas que os alunos se motivariam mais se essas mudanças ocorressem? Se houvesse mais tempo para preparo de aula? Acho que quando tu tens tempo assim e apresenta uma proposta, é claro que dá trabalho em sala de aula, dá até porque é como eu digo assim a gente vem de um modelo né e o modelo que eles têm, eles nem estão acostumados, eles resistem, mas quando eles resolvem participar é muito bom, eles adoram e participam realmente.

E tu acha como deveria ser esse horário concedido para preparo de aula? Na escola? Em casa? Como isso é trabalhado agora? O que tu acha que tem de errado? Olha na escola, no estado, esse tempo disponibilizado de preparar a aula tem

que ser feito dentro da escola, não concordo com isso, frente à estrutura que a gente conhece, por exemplo, tu tens que ir pra lá, tens que cumprir aquele tempo lá, só que tu não tens biblioteca, não tem uma sala com computador, tu fica na sala dos professores onde tem muita gente, é que nem eu falo para diretora da escola os meus referenciais estão todos em casa, é ali que eu vou pesquisar, é ali que estão os meus livros, o meu computador, ali que tá a minha vida como eu digo, porque a gente prepara por mais que tu tenhas que cumprir na escola, toda a tua vida tá aqui, tá na minha casa, e eu acho que na minha tranquilidade, no meu silêncio eu produzo mais em casa. **E o sistema educacional deveria proporcionar isso? Tu achas? Em casa? Pago? E a questão de ser relacionado com outras disciplinas?** É, aí teria que ser na escola, né, por isso que eu falei em reuniões que tivessem esse propósito né, não reuniões pra cumprir horário, pra enfim... **Tu achas que não acontecem essas reuniões?** Acho que não. Não da forma como eu acredito que deveria né, porque muito pouco dessas reuniões são voltadas para o pedagógico, pro trabalho com o aluno, ninguém quer, ninguém mais quer pensar em possibilidades, então o trabalho do professor hoje ele é muito isolado, eu sempre digo que o professor é um trabalhador solitário, porque é ele com ele. Ele tem que dar conta de tudo, sem que haja qualquer tipo de apoio. E a responsabilidade de tudo também é nossa. **Coisa que tu não concorda?** Também não. Na verdade a educação ela é uma rede né, e ela envolve muitos sujeitos com diferentes interesses, com diferentes vivências e opiniões, em instâncias diferentes também, seja de poder, e tudo isso vai influenciar no trabalho do professor, os resultados estão lá na sala de aula, mas tudo isso faz parte, vai constituindo nosso trabalho. **E não há como carregar, na tua opinião, a carga, essa responsabilidade?** Não, não tem como, em relação a isso, sim, eu fico bem tranquila, eu não me sinto culpada, eu sei que a maioria de nós faz assim o máximo que pode, o máximo, que a gente tem limites é claro, mas faz o máximo que pode.

Apêndice I – Repostas da entrevistada Zia

1) Como e por que te tornaste professora de Língua Portuguesa? Olha, eu fiz faculdade de Português porque sempre gostei, mas eu não tive muita opção de vida porque primeiro eu casei, depois eu tive filhos e depois num belo momento da minha vida em que eu morava numa cidade pequena, foram duas faculdades pra lá... Sempre o meu sonho foi fazer Letras, visando Português aí assim no que chegou aquela faculdade, foi aquilo que eu sempre quis, chegou na hora que eu tava precisando e realmente tive que fazer Espanhol junto né e aí durante a faculdade eu achei que espanhol era a linha que eu ia seguir e não, depois assim que eu me formei eu realmente parti para o lado do Português, quer dizer foi aquela faculdade que eu idealizei, não que eu imaginasse... Nunca se pensa muito, nunca se pensava muito naquele tempo na parte financeira da coisa, hoje em dia, já os jovens veem mais isso, a gente naquela época dizia eu quero ser tal coisa né, mudar muito eu nunca mudei, tive assim uma época por Psicologia, mas depois como tinha parte de hospital também não, não é o que eu quero, o que eu quero realmente é Português. A gente se desilude assim quando vai trabalhar mesmo né, porque a gente idealiza uma coisa, mas acho que isso faz parte de qualquer profissão né. **Sim. mas assim e por que que tu achas que tu sempre quis Português?** Porque eu sempre gostei da parte da Língua Portuguesa, tanto da parte assim de gramática, gostei que ninguém gostava, quando eu era adolescente ninguém gostava e eu quando deixei de ser adolescente rebelde, que até uma parte da minha vida eu não gostava de estudar, depois quando eu voltei eu tive síndrome pela professora de Português, que já era uma coisa que eu gostava, então fechou todas. **Tu tenha deixado, tu deixou um tempo de estudar?** Deixei, eu passei treze anos sem estudar, eu me formei com vinte. **No ensino fundamental?** No médio. E voltei a fazer faculdade com trinta e três. Numa hora estratégica, ou eu fazia uma faculdade, que eu tava me separando, tinha ido morar na campanha, quer dizer uma coisa bem fora da vida que tu tem em Pelotas né, e aí tava me separando, vi que ia me separar né a hora que eu comecei a fazer faculdade e realmente no fim da faculdade, aí eu tive, tinha né uma profissão... **Mas a fase rebelde foi assim no ensino fundamental?** Sim, catorze, quinze anos, mas sempre passei. Não, depois no primeiro ano eu até

rodei uma vez, mas sempre passei, aquela coisa bem que acontece né, os pais não cobravam tanto da gente, como os pais de nível médio e alto cobram dos filhos hoje em dia né, que hoje em dia existem as famílias que não tão nem aí, mas existem um grande número de famílias que cobram, que tão em cima dos filhos, naquela época filha era para casar. **Tu deixaste de estudar depois do ensino médio, até o ensino médio tu fez todo normal?** Fiz, fiz. Também por uma questão do lugar onde morava, fiz Técnico em Contabilidade, que não tinha nada a ver comigo, mas era o curso, era o que oferecia, então eu não tinha, também não tive escolha, quando foi pra fazer faculdade, veio Letras e Biologia, Biologia também né, nada a ver comigo, totalmente diferente do que eu gosto. **Mas daí tu já tava decidida mesmo que queria fazer Português?** Sim, eu já tinha essa coisa assim, essa vontade de fazer Letras, não foi uma coisa que “Ah, ou eu faço uma ou eu faço a outra” tinha essa coisa, eu gostava muito de escrever, hoje em dia já não faço isso.

2) Como tu avalia, nesse momento, a questão “satisfação profissional” em relação a tua carreira docente? Eu penso assim, eu acho que não só a questão salarial, mas o respeito com a pessoa professor, com o profissional tá muito pequena, as pessoas não... “Ah, é professora, trabalha? Não, não tu é professora” Até isso eu já ouvi, e assim ó esse... Essa história da própria... Dos próprios governos não valorizarem, da própria sociedade ter esse tipo de... Também tira o respeito dos alunos por a gente. “Ah esses são aqueles que entraram... Sim generalizando... Esses são aqueles que entraram em greve e não conseguiram nada?” Deve passar pela cabeça dos alunos: “A gente tem nada que respeitar essa criatura, ele tá sendo pago por mim mesmo... E tá sendo mal pago e tá aqui trabalhando” sabe a gente ouve tantos comentários tanto dos alunos quanto de pessoas que não pertencem a profissão que realmente a gente se sente bem desestimulado, tem que gostar muito pra seguir ou então tá em fim de carreira, porque eu acho assim as pessoas novas tão procurando outras alternativas ou tu vai fazer um mestrado pra ir trabalhar na faculdade, agora o ensino público que é como a gente trabalha tá muito ruim, tá muito difícil de trabalhar e tu não tem respeito mais de nenhuma... De nenhum lado né, de onde tu vê respeito? **E tu acha que isso assim começou de um tempo pra cá ou desde que tu começaste a**

trabalhar tu acha que é a mesma coisa? É, é que eu comecei a trabalhar numa época bem que isso tava começando mesmo, nas primeiras greves do estado, no que o salário começou a diminuir e foi bem na época que eu comecei, porque até então não se via nada né, tu não tem idade pra isso, mas assim ó, quando eu estudava não se ouvia falar em salário de professor, não se ouvia ninguém reclamar de salário de professor e em cidade pequena, naquela época, tinha um contexto diferente também “Ah, tu é advogado, ah te inscreve lá, naquele tempo acho que DE, te inscreve lá na DE que tu pode dar aula” quer dizer, as pessoas tinham uma outra profissão e aquilo era um “bico”, quer dizer mil reais por um “bico” que é o que se ganha mais ou menos por vinte horas né, não é ruim, tu tinha uma profissão, tu era Advogado, tu era Economista... Aí tu te inscrevia pra dar aula de Matemática ou até mesmo de Direito, que foi uma coisa assim, que durante meu ensino médio eu vi bastante que em Contabilidade tem Direito, tem Economia, tem a própria Contabilidade e essas matérias eram dadas por professores que não eram professores, eles eram formados em outra coisa, trabalhavam na prefeitura ou no escritório na cidade e davam aula pra nós, então isso começou mais ou menos junto comigo, porque eu lembro que a primeira greve meu filho tinha sete anos, tu tem trinta e... Foi quando tu entrou no colégio a primeira greve não foi? É eu... **Quando eu entrei como professora?** Não, como aluna. **Ah, é... Também demorei muito tempo a me dar conta.** É, mas eu me dei conta porque o Marcelo é da tua idade e ele tava entrando, e aí fiz a opção por botar numa escola do município porque o estado tava em greve, quer dizer pra nós as primeiras greves foram uma coisa assim sabe de rebeldia, porque enquanto que eu não passei a fazer parte da coisa eu não entendia o que que era. **E quanto tempo assim tu levou a fazer parte? Da greve? Tu falou que fazia parte era da greve?** Ah, fazer parte que eu digo é ser professora e entender o que tava se passando. **Ah, sim.** Porque o Marcelo começou a estudar em 87, foi quando eu voltei... Em 92 eu comecei a dar aula... Mas eu também fui dar aula só com o ensino médio. **Ah, sim, que não era Magistério, era Contabilidade?** Eu tinha Contabilidade, mas eu fui dar aula pra quinta série, aí da quinta série que era multi... Disciplinar, naquela época já era, tinham algumas... Eu peguei seis disciplinas pra dar. **Só com a formação de Contabilidade tu dava aula pra seis disciplinas diferentes?** Ah, mas lá tem horrores. **Qualquer formação**

dava...? Hoje em dia lá já também, cidade pequena, já tá que nem aqui, só aceitam quem tem formação, mas antes não, eu fui diretora de uma escola que tinha um professor que com quinta série dava aula pra sexta, ele não tinha a formação ... Até achei que ele tava aposentado, esses dias vi ele, falei com ele, ele me disse que tá trabalhando ainda. **Isso nos anos oitenta e poucos?** 92, 97 eu fui diretora. **Pouco tempo?** É, pouco tempo. **Mais e tu acha assim, que tá desde que tu entrou tu disseste que também foi paralelo a isso início de greves e tudo né, mas assim quando que tu começou a te sentir insatisfeita? Mas e tu acha que foi junto quando tu entrou ou isso demorou assim pra ti?** É foi um caos, foi gradual assim, tu vai te dando conta das coisas, vendo pais entrando em escolas para xingar professores, nunca me aconteceu, mas já vi horrores né, pai mandando filho responder, dizer horrores pra professor, defender que o filho não fez... Essas coisas, não sei se tu já passou por isso, mas essas coisas te dá uma tristeza né. **Sim, com certeza. É a gente com certeza vê, né?** Graças a Deus, nunca aconteceu comigo. **Também não, mas com certeza a gente vê. E hoje então assim por essa questão financeira principalmente, por essa falta de respeito que tu acha em relação à sociedade, tu avalia assim a tua profissão mais como negativa, nesse momento, do que positiva?** Não, eu acho que existe um grande número de pessoas querendo fazer ela mudar, embora tenha o lado contrário, tu vê a própria imprensa tem pessoas que já tão falando e fazendo por onde melhorar, acho que o processo é muito longo, não é pra hoje. **Mas tu tem esperança?** Tenho esperança, claro. E eu já vou tá aposentada... **De que vai mudar? Tu pretende te aposentar como professora?** Sim, falta cinco anos, nem isso eu acho... Pelo menos as minhas vinte horas.... Ah, não, eu agora não me vejo mais fazendo concurso. **Sim, tu é professora do município e do estado né?** Não, eu pedi demissão do estado. **Ah, só do município agora?** É, e não trabalho só com Português né... Eu trabalho com Empreendedorismo, que já é outra experiência né. **Aí tu acha assim bom trabalhar com outra coisa?** É, eu tive uma formação mais ou menos para trabalhar, não de faculdade mais... Sabe isso é assim, eu nunca pensei, depende da turma, tem turmas que caem na tua mão para trabalhar com Empreendedorismo que parece que é aquilo que eles tão pedindo e tem outras que tão sempre achando que a disciplina é dispensável, “Por que isso, isso não

faz parte, não cai no Enem”, não sei o quê, então eles ficam num... Depende da turma, depende da minha empatia com a turma, que eu saiba pegar eles né, mas não sei é bem estranho assim, é uma novidade bem grande pra mim, eu tô com quatro turmas de Empreendedorismo pra mim, exatamente duas boas... Duas ruins e duas boas, ruins assim dizer que ah entregavam os trabalhos por entregar, sabe aquela coisa que aluno faz né, e turmas assim que tiveram prazer de fazer o trabalho e é uma coisa que tu não consegue entender por que dessa diferença né. **Mas tu acha que isso é muito diferente do que acontece nas aulas de Português?** Não, não, não. Mas assim a não aceitação da disciplina por toda turma ou aceitação por toda a turma é que é engraçado, mais essa disciplina me cria um vínculo muito grande com os alunos, né, porque daí tu trabalha o lado psicológico, o lado psicológico não tem como tu não criar um vínculo e na aula de Português mesmo sendo uma matéria que chegue mais na opinião do aluno, porque Matemática é um mais um né e eles não mudam né, mas o Empreendedorismo tu te aproxima muito do aluno, e eu fico louca de medo de ir pras reunião e dizer “Ah, mas ela sabe a vida de todo mundo” por que que a gente não sabe e ela sabe? Porque o Empreendedorismo leva isso. **E tu gosta disso?** É, já quis sair várias vezes, mas acabo gostando.

3) Qual ou quais contribuições tu achas que as aulas de Português podem trazer aos alunos contemporâneos? Eu acho que pode contribuir bastante assim até na forma mais simples, até no tipo de texto que tu leva pro aluno, o que que tu discute em aula, que não é realmente não é aula de RH nem de Filosofia né, mas também não é uma aula que tu tenha que ficar trabalhando verbo e gramática, verbo e gramática o tempo todo, então tu pode formar pensamento ou levar o aluno a ter o seu pensamento, agora uma coisa que me preocupa bastante assim é o lado Português escrita, que a gente passa cobrando, a gente passa criticando aí tu vai pra rede social, por exemplo, e tu vê que tu não fez nada quando tu vê um aluno teu escrever *por isso* junto com cedilha, né. E outra coisa que eu tenho, procuro, até deixei agora, uma coisa que eu fico pra mim eu não falo é os erros de Português cometidos, uma coisa bem prática, pelos outros professores na sala de aula. **De outras disciplinas?** Quais os *anseios* da comunidade? Tava em uma aula de Geografia, com “c”. E

aí tinha outro que falava, agora não tô lembrando bem o que que é, e aí eu disse pros alunos “Mas essa palavra aqui o professor não disse que tava errada?” “Ah, ele disse que agora com a gramática nova mudou.” Aí, isso aí me preocupa bastante, porque Professores de Língua Portuguesa somos todos né, somos nós, agora em Língua Portuguesa somos todos nós e eles não terem essa responsabilidade, porque escrever certo não adianta é muito importante né, eles vão precisar com os alunos, como muitos e muitos que tão ali se preparando pra fazer Enem, mesmo que sejam de EJA, eles tão se preparando pra fazer Enem né e aí eles vão botar anseios com c, eles vão ficar na ânsia de uma nota melhor. **E tu acha que, por exemplo, assim, que essa preparação pro Enem, pra um vestibular, é uma das contribuições que as aulas de Português...?** Com certeza, mas não é uma coisa muito visada no EJA, no EJA a gente tem que fazer um jogo de cintura e ver a quem se destina o quê. Que tem alunos do EJA que não é pra Enem, uma pessoa de sessenta e oito anos não vai fazer Enem mais, como a gente tem no segundo ano, passou para o terceiro agora. **E tu acha que daí assim quando o aluno não vai fazer, não pretende fazer uma faculdade tu acha que mesmo assim o Português pode contribuir com alguma coisa?** Com certeza, com certeza. Eles são os que mais aproveitam, são os que mais te fazem perguntas, os que mais querem saber, os que vão pegar um texto pra ler são os que mais se interessam, esses querem, esses vão pra aprender, nem sempre o aluno que vai fazer o Enem vai mais interessado que o aluno que vai só por aprender, por fazer um ensino médio ou por ter um ensino fundamental.

4) Para ti, como é ou como seria o processo ensino e aprendizagem de língua materna plenamente satisfatório? É um problema que eu sempre me pergunto: o que que é feito de primeira a quarta série que eles chegam naquele estado pra gente? O que que os professores de primeira a quarta série, são quatro anos né, que eles chegam escrevendo com cedilha no início, o que que é feito de primeira a quarta série, eu não consigo entender, porque quando a gente aprendeu tinha coisas assim que jamais uma professora alfabetizada no meu tempo vai fazer, e aí tu vê os jovens, eu acho que eu te devolveria a pergunta: O que é que tem que ser mudado, mais ou menos assim, no ensino de língua materna? Qual é o estímulo? **E pra ti considerar as tuas aulas de**

Língua materna boas tu acha que o principal fator...? Teria que ter tido uma base melhor. **Uma base melhor. Que agora são cinco anos né?** Agora são cinco anos, mas não é a nossa realidade né. Pra nós ainda não tão chegando com cinco anos ainda. Pra nós tão chegando com cinco anos, dez, quinze que pararam de estudar e isso complica bastante porque se tu parou de estudar e seguiu tendo contato com a língua escrita é uma coisa, se tu parou de estudar e só agora tá vendo é outra. Nada contra, acho que a pessoa tem mais é que ver o que quer, mas o contato com a língua escrita é que muda a Língua Portuguesa né, o próprio olhar pra saber que casa não é com “z”, por que que tu sabe? Porque tu leu diversas vezes né, não foi o professor que te ensinou, mas eles param total. Tu deve ter esse problema, tu sente mais do que eu? **Sim.** Eles pararam e pararam e tiveram um ensino de língua materna que aqui em Pelotas tem essa realidade de alunos que moravam na campanha e tinham apenas a quarta série. De repente isso vai mudar com o tempo, mas aí já surge outras coisas né, a própria internet ou a maneira que eles escrevem na internet, então sempre vai ter um fator que vai fazer o aluno escrever mal ou falar mal a língua materna porque é muito difícil mudar isso e tu pegar uma pessoa adulta e querer mudar o que eles fazem desde pequenos, olha se ele não tem um pouquinho de respeito contigo ele até se ofende, eu já vi casos de gente assim de tu dizer “Não, não é assim” não em aula, mas fora, pessoas mais velha de família tu querer corrigir e eles se ofendem “Ah, toda vida falei, agora tu vai querer mudar.” E a mesma coisa passa pra sala de aula né, tu não consegue mudar, que às vezes assim ó no EJA, acho que já te aconteceu, tu explica um conteúdo e aí tu jura que entenderam... Quer dizer não entendeu nada. Então eu acho assim que de primeira a quarta série tinha que ser revisto o que que é trabalhado, porque eu não acredito que seja trabalhado, não pode falar perto delas né, mas que seja trabalhado assim o português como deve ser. Eu não sei se foi aquela onda do Construtivismo, que também tu não pegou né. **Não, em sala de aula não.** Que influenciou bastante a coisa assim, pra deixar escrever como quer, eu não sei até que ponto né escrever certo teria que ser exigido, mas que eles precisam e que sofrem por não ter é mais do que ...Mas eu não tenho grandes reclamações de sala de aula, até porque nos últimos anos... Mas trabalhar com criança tá muito difícil né, a falta de respeito é muito maior e tu pensa que é só contigo aí tu vê aqueles que tu acha que são os mais

respeitados passando por horrores em sala de aula, até agressão física né, eu nunca passei por isso. O primeiro caminho sempre foi conquistar né e se não conseguir tu tenta levar na boa como eles dizem né... **Mas tu acha que se mudasse essa questão assim dos anos iniciais, se os alunos chegassem mais preparados, tu acha que as aulas poderiam ser consideradas satisfatórias?** Muito mais, muito mais. Claro, considerando o aluno normal que não parou nunca. Agora o que falta assim né é o básico, todo mundo diz, uma mudança muito grande: Que que é isso fazer folha de chamada? Que que é isso? Não tem mais por quê? O que que é ter que botar aquele monte de conteúdo atrás? Uma coisa que te estressa, que te cansa... Então complica bastante.